

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALANA BRITO BARBOSA

A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR LUDOVICENSE

CURITIBA  
2016

ALANA BRITO BARBOSA

A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR LUDOVICENSE

Dissertação apresentada como requisito  
parcial à obtenção do título de Mestre em  
Letras ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal do Paraná.  
Área de Concentração: Estudos Linguísticos  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Odete P. da S. Menon

CURITIBA  
2016

Catálogo na publicação  
Mariluci Zanela – CRB 9/1233  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Barbosa, Alana Brito

A indeterminação do sujeito no falar ludovicense / Alana Brito  
Barbosa – Curitiba, 2016.

122 f.

Orientadora: Profa. Dra. Odete P. da S. Menon

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas  
da Universidade Federal do Paraná.

1. Língua portuguesa - Gramática. 2. Língua portuguesa -  
Sujeito. 3. Linguística. 4. Linguagem e línguas - Variação. 5.  
Português Ludovicense. I. Título.

CDD 415



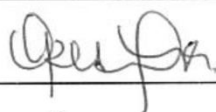

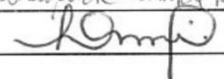
Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

## PARECER

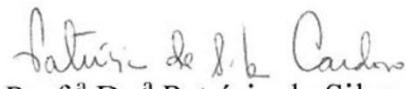
Defesa de dissertação de mestrado de **ALANA BRITO BARBOSA** para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

As abaixo-assinadas Odete Pereira da Silva Menon, Conceição de Maria de Araújo Ramos e Loremi Loregian-Penkal arguíram, nesta data, a candidata, que apresentou a dissertação “**A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR LUDOVICENCE**”.

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, conforme especificações abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
Dr. <sup>a</sup> Odete Pereira da Silva Menon (Presidente)		Aprovada
Dr. <sup>a</sup> Conceição de Maria de Araújo Ramos		Aprovada
Dr. <sup>a</sup> Loremi Loregian-Penkal		Aprovada

Curitiba, 31 de março de 2016.

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia da Silva Cardoso  
Coordenadora



Setor de Ciências Humanas  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras  
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata Ata septingentésima trigésima sétima, referente à sessão pública de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu a mestranda **ALANA BRITO BARBOSA**. No dia trinta e um de março de dois mil e dezesseis, às quinze horas, no Anfi 500, 5.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelas seguintes Professoras Doutoras: Odete Pereira da Silva Menon, Presidente, Conceição de Maria de Araújo Ramos e Loremi Loregian-Penkal, designadas pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada “**A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO FALAR LUDOVICENCE**”, apresentada por **ALANA BRITO BARBOSA**. A sessão teve início com a apresentação oral da mestranda sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada uma das examinadoras para as suas arguições. Em seguida, a candidata apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Odete Pereira da Silva Menon retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação da candidata. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADA** a candidata, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Feita em Curitiba, no dia trinta e um de março de dois mil e dezesseis.

Dr.ª Odete Pereira da Silva Menon

Dr.ª Conceição de Maria de Araújo Ramos

Dr.ª Loremi Loregian-Penkal

Alana Brito Barbosa

## RESUMO

Esta pesquisa, que se fundamenta nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (LABOV 1972; 1994; 2001), trata da indeterminação do sujeito no português falado em São Luís, capital do estado do Maranhão. Esse fenômeno linguístico é tratado de modo parcial pela Gramática Tradicional, que postula que a língua portuguesa dispõe de apenas duas estratégias de indeterminação do sujeito – “*se*” e *verbo na terceira pessoa do plural* –, não englobando, desse modo, a totalidade das estratégias que se fazem presentes no uso real da língua. Pesquisas de diversas regiões brasileiras (cf. MENON, 1994; SETTI, 1997; GODOY, 1999; CARVALHO, 2008, etc.) têm se encarregado do estudo da indeterminação do sujeito e evidenciam a utilização de outras estratégias além das que a gramática tradicional prescreve, a saber: *eu, tu, você, a gente, nós, eles, formas nominais, nós, vocês, se, voz passiva sem agente, voz passiva sintética, se e verbo na terceira pessoa do plural*. Nesta pesquisa, objetivamos (i) investigar as estratégias de indeterminação do sujeito utilizadas no português ludovicense, a fim de verificar o comportamento linguístico dessa comunidade de fala específica e (ii) verificar se há contextos sociais que influenciam no uso dos recursos indeterminadores. O corpus foi constituído a partir de entrevistas do tipo *diálogo entre documentador e informante*. Os 48 informantes ludovicenses foram igualmente dispostos entre os dois sexos, quatro níveis de escolaridade (até o 5.º ano do ensino fundamental, até o 9.º ano do ensino fundamental, com ensino médio completo e com ensino superior completo). Os resultados demonstraram o uso de 10 estratégias de indeterminação do sujeito (*eu, tu, você, a gente, nós, eles, formas nominais, nós, vocês, se e verbo na terceira pessoa do plural*) e que o uso dessas estratégias é influenciado por variáveis sociais. Pretendemos, com esta pesquisa, contribuir para a composição do panorama dos estudos sobre a indeterminação do sujeito no português falado no Brasil e para a descrição do português falado em São Luís.

Palavras-chave: Indeterminação do sujeito. Descrição do Português. Português Ludovicense.

## ABSTRACT

This research, which is based on the assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV 1972; 1994; 2001), is about the indefinite subject in the type of Portuguese spoken in São Luís, capital of the State of Maranhão. This linguistic phenomenon is treated partially by Traditional Grammar, which postulates that the Portuguese language has only two strategies for indefinite subject – the pronoun *se* and *verb in the third person plural* - not including, therefore, all the strategies that can be found in the actual use of the language. Researches from several Brazilian regions (cf. MENON, 1994; SETTI, 1997; GODOY, 1999; CARVALHO, 2008, etc.) have been in charge of the study of the indefinite subject and point to the use of strategies other than the ones the traditional grammar dictated, such as: *eu, tu, você, a gente, nós, eles, nominal forms, nós, vocês, se, agentless passive, synthetic passive voice, se and third-person plural verb*. In this research, we aim to (i) investigate the strategies of indefinite subject used in the Portuguese from the city of São Luís, in order to verify the linguistic behavior of this community with a specific speech, and (ii) identify the social context that might favor the use of such resources. The corpus was built on the type of interview *dialogue between documenter and informant*. The 48 informants from São Luís have been equally arranged between the two genres, four levels of education (up to the fifth grade of Elementary School, up to the ninth grade of Elementary School, High School graduated and with a college degree). The results demonstrated the use of 10 strategies of indefinite subject (*eu, tu, você, a gente, nós, eles, nominal forms, nós, vocês, se and third-person plural verb*) and that the use of those strategies is influenced by social factors. Our intention with this research is to contribute to the composition of the prospect of studies on the indefinite subject in Brazilian spoken Portuguese and to the description of the spoken Portuguese from São Luís.

Keywords: Indetermination of the subject. Description of Portuguese. Portuguese from the city of São Luís.

À minha mãe, que sempre, desde sempre, foi incrivelmente mãe.  
A ela que, com uma visão de águia, sempre olhou além e foi destemida e forte.  
A ela, o grande navio, que não hesitou em ver-se acompanhada  
de quatro pequeninas embarcações e em fazê-las crescer;  
que não hesitou, mesmo quando viu uma delas partir para águas longínquas,  
porque sabia que ali residia um mistério de amor.  
A ela, que sempre confiou em nós mais do que nós mesmos.  
A ela, o grande e maior amor da minha vida.



## AGRADECIMENTOS

Gratidão: um dos sentimentos mais nobres que alguém pode sentir. Sinto-me imensamente privilegiada por ser rodeada de pessoas tão maravilhosas, generosas, companheiras e amorosas. Esse é o maior tesouro que eu poderia almejar em minha vida.

Agradeço...

A Deus, fonte daquela força que sabemos que não temos por nós mesmos. Pela vida, pelo amor e pelo precioso cuidado em cada dia!

À minha mãe, que esteve presente em cada passo da realização deste trabalho! Pelo cuidado, pelos mimos, pelo amor. Por ter sido mãe, amiga, transcritora... por tantas vezes ter batido suavemente na porta do meu quarto pra perguntar “quer um cafezim, filha?”, “quer um sanduiche?”, “já quer almoçar?”. Ao meu pai, que com muito carinho sempre me incentivou a sempre buscar o ‘algo mais’... que sempre se orgulhou de mim como se eu fosse o melhor acontecimento da história! Aos meus irmãos, que com amor iluminam delicadamente minha vida todos os dias, sendo presença e saudade!

À minha família curitibana: Luís Cláudio, Lia, Aninha, Rafa e Tiago, pela amorosa e intensa acolhida! O que já era amor se tornou algo que não sei descrever! Serei grata sempre!

À tia Liana, tio Gentil, tia Elza, tia Cristina e tia Suzana, pelo amor, carinho, orações e pelo cuidado de sempre!

À Cibelle, ‘amie’ e consultora linguista, pelas pizzas, esfihas, cafés e gargalhadas infinitas até do que jamais, em sã consciência, teria tanta graça! Por ter estado sempre por perto. À Camilla, pela partilha de vida ‘além vida’! À Juju, pela amizade, pelo imenso carinho, pelo compartilhamento de valores tão preciosos! À Wendel, que desde a graduação compartilha comigo companhia, conhecimentos e cafés! À Desirée, essa mineirinha tão especial que com tanta alegria e companheirismo esteve sempre por perto! Ao Alan, que precisou ‘dividir’ a orientadora comigo! Ao Pedro, amigo que a música me deu, que foi companhia mesmo estando longe! Ao Tiago, por sempre encontrar vários programas computacionais que eu precisei no decorrer da pesquisa. Ao Luán, pela imensa ajuda com o francês!

À Conceição, orientadora da graduação e de sempre! Pelo carinho, amizade, orientação! Por sempre ter estado amorosamente presente!

À Odete, que desde a iniciação científica eu queria que fosse minha orientadora na pós-graduação! Pela orientação, pelo compartilhamento de valiosos conhecimentos. Por me fazer compreender que isto se tratava de um trabalho de formiguinha.

À Loremi, pelas valiosas sugestões na etapa da qualificação e pelo carinho gratuito que dispensa a mim.

À Andrea, pela grande contribuição que me deu na qualificação. Foi um olhar diferente, que me ajudou a perceber coisas que eu ainda não havia percebido.

Ao Odair, que gentilmente me recebeu e me ajudou com a necessária parte burocrática da pós-graduação!

À Priscila, Daniel, Flávia, Lívia, Martina, Fernanda, Lia e Nádia, por terem trabalhado junto comigo na transcrição das entrevistas. Certamente não conseguiria transcrever tudo sozinha!

À Academia Monte Branco de Judô, por contribuir para que eu realmente trilhasse o 'caminho da suavidade'. O 'caiu, levantou', 'não conseguiu, tenta de novo e de novo e de novo' extrapolaram o espaço do dojô. A vida é um dojô.

Aos amigos e até desconhecidos que contribuíram para que eu encontrasse os 48 informantes!

Aos meus queridos informantes, que tão generosamente dispuseram um pouco do tempo e da própria vida para que a minha pesquisa 'criasse vida'. Quando me lembro de cada um, de cada sorriso, partilha de vida, entendo que realmente nossa missão por aqui é fazer o bem, doar um pouco de nós mesmos aos outros.

Ao CNPq e à CAPES pela concessão de bolsa durante esse período.

## LISTA DE TABELAS

Quadro 01	Distribuição dos informantes de acordo com o perfil.....	74
Tabela 01	Frequência das variantes .....	87
Tabela 02	Grupos de fatores selecionados nas rodadas.....	90
Tabela 03	Resultados de <i>eu, tu, se</i> e <i>FNs</i> segundo a escolaridade dos informantes.....	92
Tabela 04	Resultados de <i>você, a gente, eles</i> e <i>ØV3PS</i> segundo o sexo dos informantes.....	95
Tabela 05	Resultados de <i>ØV3PP</i> segundo a faixa etária dos informantes.....	97
Tabela 06	Resultados de <i>você, se, a gente, eles</i> e <i>FNs</i> segundo a faixa etária....	98
Tabela 07	Resultados <i>tu</i> genérico segundo o sexo dos informantes.....	100
Tabela 08	Resultados de <i>ØV3PS</i> segundo a escolaridade dos informantes.....	102
Tabela 09	Resultados de <i>você, a gente</i> e <i>eles</i> segundo a escolaridade.....	103
Tabela 10	Resultados de <i>ØV3PS</i> segundo a faixa etária dos informantes.....	105
Tabela 11	Distribuição geral das <i>FNs</i> , por estratégia.....	106
Tabela 12	Distribuição geral das <i>FNs</i> de acordo com o sexo.....	107
Tabela 13	Distribuição geral das <i>FNs</i> segundo faixa etária.....	108
Tabela 14	Distribuição geral das <i>FNs</i> segundo escolaridade.....	109

## LISTA DE SIGLAS

DID	Diálogo entre documentador e informante
FE	Faixa etária
FN	Forma nominal
LN	Locução nominal
LNE	Locução nominal especializada
NGB	Nomenclatura Gramatical Brasileira
NURC	Norma Urbana Culta
PR	Peso relativo
VAR SUL	Variação Linguística na região Sul do Brasil
ØV3PS	Verbo na terceira pessoa do singular
ØV3PP	Verbo na terceira pessoa do plural

## LISTA DE ABREVIATURAS

Cf.	Conforme
D.	Documentador
Escolarid.	Escolaridade
Ens.	Ensino
Fund.	Fundamental
INF.	Informante
Signif.	Significância

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.</b>	<b>O VERNÁCULO E CIÊNCIA DA LÍNGUA FALADA.....</b>	<b>19</b>
<b>3.</b>	<b>A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO.....</b>	<b>24</b>
3.1	A visão tradicional de sujeito indeterminado .....	25
3.1.1	O que dizem algumas GTs.....	27
3.2	A indeterminação, a indefinição e a impessoalização.....	29
3.3	Condicionamentos linguísticos da indeterminação.....	31
3.3.1	Intercambialidade das formas .....	32
3.3.2	Os pares mínimos .....	33
3.3.3	Os tempos verbais .....	35
3.3.4	Os ditados, verdades gerais ou eternas, questões retóricas.....	38
3.3.5	Mudança de tempo verbal .....	39
3.3.6	Advérbios e preposições.....	40
3.3.6.1	Advérbios .....	40
3.3.6.2	Preposições .....	42
3.3.7	As completivas (subordinadas substantivas) .....	44
3.3.8	O afastamento/ destaque do falante .....	45
3.3.9	O afastamento no tempo; situações hipotéticas .....	47
3.4	As variantes da indeterminação em nosso corpus.....	48
3.4.1	Eu .....	48
3.4.2	Tu.....	50
3.4.3	Você.....	51
3.4.4	A gente.....	54
3.4.5	Nós.....	56
3.4.6	Eles.....	57
3.4.7	Verbo na 3. <sup>a</sup> pessoa do plural.....	58
3.4.8	Se.....	59

3.4.9	Verbo na 3. <sup>a</sup> pessoa do singular.....	61
3.4.9.1	Formas Nominais.....	63
3.4.9.1.1	Algumas considerações sobre as FNs.....	64
<b>4.</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>71</b>
4.1	Nosso corpus .....	74
4.2	Tratamento dos dados linguísticos .....	75
4.2.1	Coleta de dados .....	75
4.2.2	O roteiro .....	76
4.2.3	A transcrição das entrevistas e a organização dos dados .....	77
4.2.4	O programa estatístico .....	81
4.3	As variáveis consideradas.....	81
4.4	Dados desconsiderados .....	84
<b>5</b>	<b>APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>86</b>
5.1	Visão geral dos dados .....	86
5.2	As rodadas estatísticas.....	89
5.2.1	Fatores selecionados como mais relevantes .....	91
5.2.1.1	Escolaridade: primeiro mais relevante .....	91
5.2.1.2	Sexo: primeiro mais relevante .....	94
5.2.1.3	Faixa etária: primeiro mais relevante .....	96
5.2.2	Fatores selecionados em segundo lugar .....	97
5.2.2.1	Faixa etária: segundo mais relevante .....	98
5.2.2.2	Sexo: segundo mais relevante .....	100
5.2.2.3	Escolaridade: o segundo mais relevante .....	101
5.2.3	Fatores selecionados em terceiro como mais relevante .....	102
5.2.3.1	Escolaridade: terceiro mais relevante .....	103
5.2.3.2	Faixa etária: terceiro mais relevante .....	104
5.3	A distribuição das FNs .....	106
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>112</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>118</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como foco o estudo da indeterminação do sujeito no português falado em São Luís, capital do estado do Maranhão. O corpus constituído para esta pesquisa, além de contribuir com os estudos sobre a indeterminação do sujeito, configura-se como um importante acervo para o conhecimento de uma variedade do português brasileiro ainda desconhecida para muitos, o português ludovicense.

O fenômeno da indeterminação do sujeito é tratado de modo parcial em grande parte dos livros destinados ao ensino de língua portuguesa. Tais materiais postulam que a língua portuguesa dispõe de duas estratégias de indeterminação do sujeito – *verbo na terceira pessoa do singular mais o pronome se* e *verbo na terceira pessoa do plural* (ØV3PP). Por outro lado, estudos linguísticos que se baseiam na língua falada em diferentes localidades brasileiras apresentam um panorama bem distinto daquele abordado em tais livros. Além de aprofundarem questões concernentes ao fenômeno da indeterminação, buscam verificar quais recursos são utilizados nas diferentes comunidades de fala.

Menon (1994), por exemplo, em sua tese intitulada *Analyse sociolinguistique de l'indetermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*, tratou o fenômeno sob a ótica da Sociolinguística Variacionista e encontrou 12 formas de indeterminação do sujeito, a saber: *a gente, eles, eu, formas nominais* (FNs), *nós, se, você, vocês, voz passiva sem agente* (VPSA), *voz passiva sintética* (VPASSINT) e ØV3PP.

Também sob o viés variacionista, Setti (1997) utilizou o corpus do Projeto VARSUL e observou como se realiza a indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre). A autora apontou a utilização de 13 estratégias: *a gente, eles, eu, FNs, nós, se, tu* (exceto em Curitiba), *você, vocês, VPSA, VPASSINT, se* e ØV3PP. Godoy (1999) também trabalhou com dados do Projeto VARSUL, mas com o enfoque em três cidades paranaenses, Irati, Londrina e Pato Branco, e encontrou nessas cidades o uso dos seguintes recursos: *a gente, eles, eu, FNs, nós, se, tu, você, vocês, VPSA, VPASSINT, ØV3PS* e ØV3PP.



Outras pesquisas foram feitas em algumas comunidades de fala do estado da Bahia. Santana (2006) estudou o fenômeno da indeterminação em duas comunidades rurais afro-descendentes do semiárido baiano, tendo como *cópus* os dados do Projeto “A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano”. A autora encontrou um total de oito recursos: *a gente, nós, você, eles, ØV3PS, ØV3PP, infinitivo* e *se*. A pesquisa de Carvalho (2008) voltou-se para o português falado em Salvador. Esse autor analisou o fenômeno utilizando dois *cópus*: Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador e Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de Salvador e encontrou as seguintes estratégias de indeterminação: *você, a gente, nós, eles, eu, FNs, ØV3PS, infinitivo, se, ØV3PP* e *VPASSINT*.

O português falado no Maranhão também faz uso de outras estratégias de indeterminação do sujeito além daquelas que a tradição gramatical costuma prescrever. Barbosa (2013)<sup>1</sup>, por exemplo, com base nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Maranhão, observou o uso das formas pronominais *tu, você* e *a gente* como estratégias de indeterminação do sujeito em 11 municípios maranhenses, incluindo a capital, e sistematizou os fatores que exercem influência no uso desses pronomes.

Partindo, então, das ‘reticências’ deixadas por Barbosa (2013) e, ao mesmo tempo, dos importantes resultados encontrados, decidimos estudar o fenômeno da indeterminação do sujeito de um modo mais amplo e focalizando apenas uma localidade: a capital do estado, São Luís. Objetivamos (I) descrever o uso específico dos recursos de indeterminação do sujeito encontrados no português falado em São Luís; (II) verificar se há contextos sociais que influenciam no uso dos recursos indeterminadores.

Para isso, elaboramos um questionário direcionado a contextos que são propícios à ocorrência de indeterminação do sujeito. Realizamos 48 entrevistas sociolinguísticas, abrangendo os seguintes perfis: os dois sexos, quatro níveis de escolaridade (até o 5.º ano do ensino fundamental, até o 9.º ano do ensino fundamental, ensino médio completo e ensino superior completo) e três faixas etárias (25 a 35 anos, 40 a 50 anos e de 55 anos em diante). Ampliamos, então, de *tu, você* e *a gente*, para todas as ocorrências de

---

<sup>1</sup> Trata-se de minha pesquisa de iniciação científica (2011-2012), sob orientação da professora Dra. Conceição de Maria de Araújo Ramos (DELER-UFMA).

indeterminação que apareceram em cada uma das entrevistas, totalizando, como veremos mais detalhadamente no capítulo destinado aos resultados, 10 diferentes estratégias. Citaremos o *cópus* constituído para esta pesquisa como *cópus Barbosa* (2015).

Há uma longa discussão a ser feita a respeito do sujeito indeterminado, de modo que sejam considerados, quando de sua análise, aspectos contextuais e semânticos e não apenas os sintáticos. No trecho a seguir, vejamos um exemplo de como o pronome *tu* é utilizado por uma de nossas informantes:

(01) D1: É muito diferente da tua época?

INF.: Muito. Tô te dizendo que a gente era que nem cachorro “senta”, a gente tinha que ficá sentado. Tinha só adulto conversando “Aqui num é lugá de criança, pode brincá”. Hoje menino fica pelo meio da conversa, dá opinião na conversa, quando ele não si isola, né? Mais é muito diferente. Hoje você, a criança, antigamente os pais olhavam, eles já sabiam que num tava sendo aprovado aquela atitude, já si recolhia. Hoje em dia **TU** olha pro menino, **TU** fica de olho torto e ele não pecebe, ainda é capaiz de te dizê “que que tá me olhando com essa cara?” (*cópus BARBOSA*, 2015; mulher, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio).

É possível constatar que quando a informante utiliza o *tu*, não está se dirigindo à documentadora. O *tu* engloba *qualquer pessoa*.

Organizamos esta pesquisa do seguinte modo: no capítulo 2 “O vernáculo e a Sociolinguística” discorremos sobre alguns aspectos importantes da Teoria Variacionista Laboviana. No capítulo 3 “A indeterminação do sujeito”, abordamos o fenômeno da indeterminação do sujeito e suas especificidades. No capítulo 4 “Procedimentos metodológicos”, detalhamos a metodologia que utilizamos no decorrer da elaboração da pesquisa. No capítulo 5 “Apresentação e discussão dos resultados”, apresentamos os resultados encontrados e, finalmente, tecemos as considerações finais sobre os resultados aos quais chegamos.

## 2. O VERNÁCULO E A SOCIOLINGUÍSTICA

D: E no interiô é diferente também?

INF.: Como?

D: No interiô do Maranhão?

INF.: O...

D: O sotaque, o senhô percebe?

INF.: Não, acho que não. No interiô do Maranhão mesmo não, né não porque eu viajo muito... eu já viajei muito pros interiô do Maranhão, eu vejo... eu vejo que... do interiô pra capital são iguais. Tem assim, eles falum assim um pouco errado, mais assim é falta de... de estudo, né? Um pouco de estudo, né? Eu também errei... eu também falo errado também, mais... mais eu... eu percebo, mais só que isso é uma coisa que a gente num vai cobrá de ninguém, né? Num vai dizê "É isso, aquilo otro". Si ele tá falando, tu tá entendendo... tanto faiz. Tu num vai jogá "Ah, isso tá errado, isso tá aquilo". Não! Si tá falando, eu tô entendendo, pra mim tá tudo bem. Num basta português claro não. Tá falando, tô entendendo, tá tudo bem. (côpus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

Iniciamos este capítulo com um trecho de uma entrevista de nosso cópus que reflete o cerne da teoria na qual esta pesquisa está ancorada: a sociolinguística variacionista. Trataremos de aspectos centrais da teoria, dando ênfase àqueles que se correlacionam mais diretamente com esta pesquisa.

Segundo a visão sociolinguística, o uso da língua não é feito de modo aleatório; é regido por forças internas à língua e/ou externas a ela. Os fatores internos à língua foram, durante bastante tempo, os únicos a ser abordados nos estudos linguísticos, sobretudo no estruturalismo, que considerava a língua como sendo homogênea e via a variação como um desvio linguístico. A sociolinguística, considerando a língua como sendo heterogênea, contribuiu consideravelmente para que um outro olhar fosse lançado sobre a língua falada: o social. Esse novo olhar busca encontrar em aspectos como escolaridade, faixa etária, sexo, localidade (origem da pessoa), contextos sociais (graus de formalidade), redes sociais, etc., possíveis explicações para o uso de determinadas formas linguísticas. Os trechos a seguir evidenciam esse olhar social sobre a língua:

- (02) “(...) eu vejo que... do interiô pra capital são iguais. Tem assim, eles falum assim um poco errado, mais assim é falta de... de estudo, né?” (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (03) “Si tá falando, eu tô entendendo, pra mim tá tudo bem. Num basta português claro não. Tá falando, tô entendendo, tá tudo bem.” (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

Para a sociolinguística, a noção de erro é diferente daquela que é comumente difundida; ela se restringe aos casos de agramaticalidade como, por exemplo, em: “*Menina a saiu*”. Essa frase é agramatical porque a ordem dos constituintes não segue o padrão do português brasileiro. No PB o determinante sempre antecede o nome. O que está fora da língua padrão e que é gramatical, não é um erro, é variação linguística.

Há uma correlação bem evidente entre uso da norma padrão e classes sociais de prestígio, isso porque “tradicionalmente, o melhor modo de falar e as regras do bom uso correspondem aos hábitos linguísticos dos grupos socialmente dominantes” (ALKMIN, 2002, p.40). Um exemplo claro dessa correlação entre norma padrão e classe social é o estudo da presença e da ausência do /r/ em posição pós-vocálica feito por Labov (1964) com o inglês nova-iorquino. Labov escolheu três lojas de departamento que apresentavam uma clientela bem específica: uma de classe baixa, outra de classe média baixa, e a outra de classe média alta. Para isso, elaborou perguntas cuja resposta seria ‘quarto andar’ (fourth floor) e aplicou-as aos funcionários de cada uma delas. Labov concluiu que o uso dessa variável é indicativo de uma estratificação social na cidade de Nova York. A loja com a clientela de maior poder aquisitivo apresentou um uso mais frequente do /r/ (forma de prestígio), enquanto a que possuía a clientela com menor poder aquisitivo apresentou uma maior frequência da forma desprestigiada (a ausência do /r/, e com o alongamento da vogal).

A língua varia e isso acontece porque, dentre outras razões, vai se ajustando às necessidades das pessoas que dela fazem uso. Pesquisas de

cunho linguístico<sup>2</sup> atestam a influência da escolarização sobre o uso da língua. Quanto maior for a escolaridade da pessoa, maior será a probabilidade de uso da norma padrão quando assim lhe for exigido. É mais esperado, por exemplo, que pessoas com um grau de escolarização menor digam ‘nóis vai’, em vez de ‘nós vamos’, ‘a gente vamos’, em vez de ‘a gente vai’. Isso porque os anos de escolarização e consequente contato com uma norma padrão da língua dão, em geral, maiores domínios sobre as possibilidades de uso da língua. O trecho a seguir evidencia a percepção do falante sobre o efeito da escolaridade e o uso real da língua:

- (04) “Eles falum assim um poco errado, mais assim é falta de... de estudo, né? Um poco de estudo, né? Eu também erreí... eu também falo errado também, mais... mais eu... eu percebo, mais só que isso é uma coisa que a gente num vai cobrá de ninguém, né?” (córpus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

Além desses fatores, há diferenças no uso da língua em decorrência da localização geográfica, que é a variação diatópica. Ainda que no Brasil se fale a língua portuguesa, há marcas linguísticas que se diferenciam de cidade para cidade. Há variações, por exemplo, no âmbito lexical: se fala *juçara* no Maranhão e *açaí* em outros estados; no âmbito fonológico, a pronúncia das pré-tônicas /e/ e /o/, que é fechada na variedade carioca como, por exemplo, mercado [meh'kadu] e formato [foh'matu] e é aberta em grande parte do nordeste: mercado [meh'kadu] e formato [foh'matu]. Na capital maranhense, por exemplo, é mais recorrente o uso do *tu* para se dirigir ao interlocutor, mas à medida que vamos em direção ao sul do estado, observamos um uso mais recorrente do *você*.

Podem também contribuir para a existência de variação linguística, aspectos inerentes a cada indivíduo. Pessoas de um mesmo núcleo familiar, por exemplo, oriundos de uma mesma localidade e que vivem num mesmo domicílio, podem apresentar aspectos linguísticos bem específicos. Há, ainda, a variação estilística, que é aquela em que a pessoa muda o seu modo de falar

---

<sup>2</sup> Scherre e Naro (1997) para a concordância; Alves (2015), para o falar de São Luís, entre outros.

de acordo com o interlocutor e/ou com a situação de interlocução: seja pelo modo como se dirige ao chefe ou ao funcionário, à mãe, ao filho, a um professor, etc.

A concepção de língua que nos permite entendê-la como uma forma de interação comunicativa nos diversos âmbitos sociais, também explica a natureza variável que ela apresenta. A heterogeneidade e a variabilidade constitutivas da língua são uma clara evidência de que os sujeitos do processo sociointerativo – locutor e interlocutor – atuam em espaços concretamente demarcados: espaços geográficos, sociais que “deixam marcas formais em sua produção.” (CASTILHO, 2010, p. 74). Por essa razão, Labov (2008) destaca que há diversas formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor referencial. Essas maneiras alternativas que representam as escolhas que fazem os sujeitos usuários da língua, denominadas *variantes linguísticas*, são legítimas e previsíveis.

Os estudos sociolinguísticos acerca de fenômenos da língua tomaram uma grande dimensão, de modo que os sociolinguistas, considerando o caráter *social* e *heterogêneo* da língua, traçaram um caminho que foi de encontro a teorias que viam a língua como algo homogêneo e não sujeita a variação. Labov (2008) destaca que:

Não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum modo remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p.21)

Nesse sentido é que Mollica (2010, p.10) afirma que “se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para ter um olhar sociolinguístico da sociedade”. Há *variação* e é papel da Sociolinguística analisá-la e descrevê-la cientificamente.

Há, além da *variação*, cujo pressuposto básico gira em torno de variantes que se alternam entre si, outro foco da sociolinguística: a *mudança linguística*. Pode haver variação sem que isso resulte em mudança. Duas variantes podem conviver por bastante tempo, sem que haja substituição de

uma pela outra, que é o que se convencionou chamar variação estável. Já a *mudança* implica necessariamente que as formas tenham concorrido entre si e, após certo percurso histórico, uma forma tenha substituído a outra. É o caso do pronome de segunda pessoa do plural vós, que foi substituído pelo vocês.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 125 [1968]) afirmam que

A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.

No capítulo destinado aos procedimentos metodológicos serão abordados outros pontos relacionados com a teoria sociolinguística que se correlacionam diretamente com o fenômeno da indeterminação do sujeito.

### 3. A INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO

Pesquisas<sup>3</sup> que têm como base de sua investigação a língua falada em diversas comunidades de fala brasileiras demonstram uma vasta possibilidade de recursos para o falante indeterminar o sujeito: *a gente, eles, eu, formas nominais, nós, se, tu, você, vocês, voz passiva sem agente, voz passiva sintética, se e ØV3PP*. Por outro lado, a gramática tradicional insiste em prescrever apenas duas possibilidades, que são: *verbo na terceira pessoa do singular mais o se* e *verbo na terceira pessoa do plural*.

Convém destacar que, neste estudo, chamamos sujeito indeterminado *a referência indeterminada do agente* que se materializa na *voz passiva sem agente* e também no *sujeito sintático realizado por diversos recursos*. Se observarmos o trecho a seguir, por exemplo, veremos que não há possibilidade de resgatar o referente dos ‘você’. Nenhum deles é utilizado para se dirigir ao interlocutor, neste caso, a entrevistadora. Vejamos:

- (05) D: E tu acha que tem alguma, alguma coisa que caracterize a cidade, assim, uma característica que seja só de São Luís?

INF.: Si **você** falá em azulejo, **você** tá falando em São Luís. Si si **você** falá de Bumba-meu-boi, **você** tá falando de São Luís. Agora **você** falá de Boi-Bumbá **você** tá falando do Brasil, né? Si **você** falá de Cacuriá, **você** tá falando de São Luís. Si **você** falá de cuxá, **você** tá falando de São Luís, né? Si **você** conversá e dissé assim “Ah, qual refrigerante você gosta?”, “Ah, eu gosto de guaraná Jesus”, **você** tá falando de São Luís. São coisas que somente São Luís tem. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2ª faixa etária, ensino médio)

Em (06), veremos que o *a gente* não faz referência nem ao [locutor + interlocutor], nem ao [locutor + outra(s) pessoa(s)]. Esse *a gente* é tão genérico, que os adjetivos são utilizados no masculino, gênero não marcado, ainda que as participantes (inquiridora e informante) da interlocução sejam mulheres.

<sup>3</sup> Menon (1994), Setti (1997), Godoy (1999), Santana (2006), etc..



- (06) INF.: É zoológico! É porque **a gente** vai ficando velho, vai esquecendo ficando esquecido, Alana. Até das palavras eu já tô me esquecendo. Aqui não tem deveria tê, né? Esse parque aí tudo caro, quem tem dinheiro, vai. Quem não tem, tem muita criança pobre que não tem nem o prazê de í si divertí. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

Veremos, neste capítulo, como a indeterminação é tratada em algumas gramáticas de língua portuguesa e notaremos que há alguns pontos problemáticos no que tange aos conceitos dados e à limitação dos recursos prescritos. Em seguida, trataremos sobre o fenômeno da indeterminação do sujeito, discutindo pontos importantes para o seu entendimento (como a diferença entre indeterminação, indefinição e impessoalização e os condicionamentos linguísticos da indeterminação) tendo como referência principal Menon (1994) e algumas pesquisas que se encarregam do estudo do português brasileiro falado.

### 3.1 A visão tradicional de sujeito indeterminado

Diversas pesquisas sobre a indeterminação do sujeito<sup>4</sup> já demonstraram que a abordagem que a GT faz desse fenômeno é superficial e, em geral, não foca no principal, que é o caráter genérico da referência do sujeito.

Antes do estabelecimento da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) havia uma grande diversidade de formas de se nomear os fatos gramaticais e isso também podia ser percebido na parte destinada à indeterminação do sujeito. O trecho que segue, da gramática de Bueno (1944) ilustra bem essa confusão de terminologia e de conceitos (*indeterminação do sujeito* e *impessoalização* são considerados sinônimos) e, além disso, veremos que Bueno (1944) considera o *se* como partícula apassivadora.

O sujeito é indeterminado quando realmente não existe, sendo o verbo impessoal: Chove, Troveja, Faz dez dias (...) (p. 287)

<sup>4</sup> Cf. Milanez, 1982; Menon, 1994, Setti, 1997; Godoy, 1999, Carvalho, 2008, etc..

Há orações que dispensam o sujeito: diz-se que o verbo é impessoal, e o sujeito é indeterminado, não existente (...)

Vejamos tais possibilidades:

- a) Com verbos impessoais que indicam fenômenos da natureza inorgânica: Chover, Trovejar, Nevar, etc.
- b) Com certos verbos que são usados impessoalmente: Haver, Dar, Ser, Fazer.
- c) Com certos verbos usados na 3ª pessoa do singular com a partícula apassivadora *se*: diz-se, conta-se, (...), etc.
- d) Com certos verbos usados na 3ª pessoa do plural nas narrativas: contam, falam, dizem (...), etc. (p.295)

O anteprojeto<sup>5</sup> da NGB previu que o sujeito pode ser *simples*, *composto*, *indeterminado* e que há, ainda, orações sem sujeito; e não prescreveu a possibilidade de ser *claro* e *oculto* (classificação que já era feita nas gramáticas). Como recursos indeterminadores, considerou apenas o verbo na 3.ª pessoa do plural e também verbo (intransitivo ou transitivo indireto) na 3.ª pessoa do singular acompanhado do *se*.

Já o texto da NGB<sup>6</sup> (que foi citado por CHEDIAK, 1960, p. 239-262), apresentou-se bem menos detalhado que o anteprojeto (não citou os possíveis recursos indeterminadores, nem deu exemplos) e previu somente que o sujeito pode ser *simples*, *composto* e *indeterminado* e que a oração pode não apresentar sujeito. A partir da NGB *sujeito indeterminado* e *sujeito inexistente* passaram a ser tratados separadamente, como podemos ver no trecho que segue, da gramática de Celso Cunha (1971):

Não deve ser confundido o sujeito *indeterminado*, que existe, mas que não se pode ou não se deseja identificar, com a *inexistência de sujeito*. Em 'Chove', 'Anoitece', interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se então que o verbo é *impessoal*, e o sujeito inexistente. (CUNHA 1971, p.141 *apud* MILANEZ, 1982, p.17)

Com o estabelecimento da NGB, o intuito era de que houvesse uma uniformização da terminologia gramatical e uma consequente melhoria no ensino e no entendimento dos conceitos, o que não aconteceu em sua totalidade.

<sup>5</sup> Através da Portaria nº 152, de 24 de abril de 1957.

<sup>6</sup> Através da Portaria Ministerial nº 36, de 28 de janeiro de 1959.

O que queremos, ao tratar do período anterior e posterior à NGB, é chamar a atenção para o fato de que desde muito tempo (ou mesmo desde sempre) questões que envolvem o sujeito têm sido tratadas de modo parcial pelas GTs, sobretudo no que diz respeito ao sujeito indeterminado.

Com o intuito de observar se as gramáticas atuais apresentam algum tipo de avanço no tratamento dado ao sujeito indeterminado, analisaremos alguns aspectos da *Gramática Novas Palavras*, de Amaral *et alii* (2013); e de *Português, Contexto, Interlocução e Sentido*, de Abaurre *et alii* (2013)<sup>7</sup>.

### 3.1.1 O que dizem algumas GTs

Amaral *et alii* (2013), na *Gramática Novas Palavras*, afirmam que o sujeito pode ser determinado ou indeterminado. Para eles, reproduzindo outras GTs, como Cunha e Cintra (1985), o sujeito determinado “é aquele que, na oração, aparece materialmente representado por uma palavra ou expressão ou que, no contexto do ato de comunicação, pode ser identificado pelo ouvinte/leitor” (p.265). Quando dizem que é representado por uma palavra ou expressão, estão se referindo à classificação de *simples* e *composto* e quando falam que pode ser identificado pelo contexto, estão se referindo a sujeito *oculto*. Para exemplificar sujeito determinado, Amaral *et alii* (2013) citam este exemplo: “Os pais dos alunos se reuniram e exigiram a substituição do coordenador” (p.266), sendo ‘eles’ o sujeito *determinado* e *oculto*.

Sobre o sujeito indeterminado, Amaral *et alii* (2013, p.266) afirmam que “é um recurso linguístico de que o falante dispõe quando não pode ou não quer identificar o sujeito da oração” e prescrevem como possíveis recursos: *oração com verbo na 3.ª pessoa do plural sem associá-lo a algum elemento que possa funcionar como sujeito e oração com o verbo na 3.ª pessoa do singular mais o se*. Segundo eles, nem sempre o verbo na 3.ª pessoa do plural será indeterminado, e o *contexto* é que vai indicar se o sujeito é ou não indeterminado. Vejamos este exemplo elencado pelos referidos autores:

---

<sup>7</sup> A ideia inicial era selecionar gramáticas que foram adotadas em escolas de São Luís nas épocas em que os informantes das três faixas etárias cursaram a educação básica. Como não dispusemos de tempo para uma busca mais minuciosa, optamos por consultar gramáticas que estão sendo utilizadas atualmente em São Luís.

- Lu, sabe o que me **disseram**? Que você está saindo com o Fabinho. É verdade?
- Psiiiu!! Isso é segredo, Bia! Quem te contou?
- Ah... Não importa, apenas me **contaram**... Só isso... Mas então, é verdade mesmo?! (AMARAL *et alii*, 2013, p. 266)

A outra estrutura prescrita por Amaral *et alii* para se indeterminar é oração com verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular mais o *se* (que, segundo eles e outras GTs, é índice de indeterminação do sujeito). Citam alguns exemplos desse recurso: “*Depois de muita discussão, concordou-se com as propostas do arquiteto.*”, “*Falava-se de todos os assuntos naquelas compridas conversas de domingo.*” e “*Não se é feliz sem um grande amor*”. (p. 266).

Não há, na gramática de Amaral *et alii*, menção à ideia principal que deve reger a classificação de *determinado* e *indeterminado*, que é a da possibilidade ou não de recuperação da *referência* do sujeito.

Já a abordagem feita por Abaurre *et alii* (2013), em *Português, Contexto, Interlocução e Sentido*, não é muito diferente dessa que acabamos de ver. As referidas autoras classificam o sujeito como *simples* ou *composto*, *determinado* ou *indeterminado* e mencionam a possibilidade de haver oração sem sujeito. Como sujeito determinado, Abaurre *et alii* (2013, p.494) afirmam que é

aquele que vem expresso na oração ou que pode ser identificado pela flexão de número-pessoa do verbo ou ainda pelo contexto do enunciado (sujeito presente em outra oração do mesmo período ou do período antecedente)

Em relação ao sujeito indeterminado, as autoras afirmam que “ocorre quando não é possível identificar um referente explícito na oração (ou no contexto do enunciado) para a flexão verbal.” (p. 494)<sup>8</sup>. Abaurre *et alii* também apresentam os mesmos recursos indeterminadores prescritos por Amaral *et alii*, mas chamam a atenção para a transitividade verbal inerente a cada um deles: verbo transitivo direto flexionado na 3.<sup>a</sup> pessoa do plural e verbo transitivo indireto, verbo intransitivo ou verbo de ligação flexionado na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular mais o pronome *se*. As autoras e citam os seguintes

---

<sup>8</sup> Conceito já apresentado por Cunha e Cintra (1985).

exemplos: “*Incendiaram vários ônibus*”, “*Precisa-se de vendedores*”, “*Come-se bem na Itália*.” e “*Aqui se está feliz*” (p. 495).

Podemos verificar que na abordagem feita por essas gramáticas não há um aprofundamento no que concerne à definição do sujeito indeterminado, que não considera verdadeiramente o caráter genérico do referente do sujeito. Outro ponto é que se o falante indetermina quando “não pode ou não quer identificar o sujeito da oração” porque são apresentadas somente duas formas de indeterminar o sujeito? As gramáticas que selecionamos apenas repetem o que as GTs anteriores prescrevem (que por sua vez também repetem o que outras já prescreveram).

Queremos destacar, ainda, a pesquisa de Bravin (2012), cujo objetivo foi verificar quais as estratégias de indeterminação do sujeito utilizadas por alunos do ensino médio em textos escritos. Os resultados demonstraram a utilização diversos recursos indeterminadores do sujeito, a saber: *nós* (pleno e nulo), *eles* (pleno e nulo), *você*, *se* e *a gente*. Esse resultado é bastante significativo, sobretudo se levarmos em consideração que a GT em geral apresenta apenas o ØV3PP e o *se*. A utilização, na escrita, de outros recursos, demonstra e reafirma a importância de que as gramáticas tratem de modo mais aprofundado esse fenômeno linguístico.

### 3.2 A indeterminação, a indefinição e a impessoalização

Além da *impessoalização*, há outro fenômeno que, em alguns casos, pode ser confundido com sujeito indeterminado, a *indefinição*. Se levarmos em consideração alguns aspectos pontuais de cada fenômeno, veremos que cada um possui características peculiares que os distinguem dos sujeitos indeterminados.

No caso da *indefinição*, há o uso de formas lexicais de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, como por exemplo: *tudo*, *nada*, *algo*, *alguém*, *ninguém*, *uns* e, além delas, locuções nominais, como *uma pessoa*, *um homem*; ao passo que na indeterminação, a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular e do plural podem assumir

um uso genérico, a depender do contexto no qual é utilizado. Segundo Menon (1994),

A indeterminação concerne os casos em que não se pode ou não se quer nomear o sujeito, na acepção de 'referente extralinguístico'. No entanto, o referente é conhecido pelo locutor (e em certos casos, também do interlocutor, o que torna possível a compreensão mútua) e se ele quisesse ou se isso lhe fosse conveniente ou interessante, ele poderia nomeá-lo ou descrevê-lo. (...) (MENON, 1994<sup>9</sup>, p. 130-131, tradução nossa)

Menon (1994) destaca, ainda, que o *referente* pode ser recuperado pelo locutor a qualquer momento e que essa é uma forma de escamotear o sujeito extralinguístico, por meio de uma expressão linguística. Já o referente do *sujeito indefinido* é “um” entre “outros”, ou seja, há um grupo e qualquer um que o compõe pode ser o seu representante, o referente.

A *indefinição* até pode, em certos casos, dar uma ideia de generalização, mas sempre pressupõe delimitação, quantificação. Já o *sujeito indeterminado*, sendo uma entidade identificável pelo locutor e pelo interlocutor, não pode ser visto, em hipótese alguma, como o representante de um conjunto, pois ele se remete a um grupo *ilimitado*. A generalização é, conforme destaca Milanez (1982, p.38), condição *essencial* na indeterminação.

Um dos recursos que o falante se vale para indeterminar o sujeito é locução nominal<sup>10</sup> [artigo definido + substantivo] enquanto as locuções constituídas de [artigo indefinido + substantivo] são *indefinidas*. Menon (1994, p.132) apresenta os seguintes exemplos: **a** gente e **uma** gente, **a** pessoa e **uma** pessoa e chama atenção para o fato de que elas possuem um significado totalmente distinto. Nas duas formas precedidas de artigo indefinido, sobressai a primeira significação das palavras *gente* e *pessoa*, que já não pode ser encontrada nas formas de indeterminação. *Uma* pessoa e *uma* gente possuem um caráter de indefinição e são constitutivos do campo da determinação, enquanto *a* gente e *a* pessoa, dependendo do contexto, podem ser sujeito indeterminado. Menon ressalta, ainda, que o artigo indefinido pode ser substituído por outro determinante ou quantificador, o que já não é possível

<sup>9</sup> As citações referentes ao trabalho de Menon (1994) têm tradução nossa.

<sup>10</sup> Chamada por Menon (1994) de *forma nominal*.

quando a forma nominal é sujeito indeterminado, uma vez que já se trata de uma *forma cristalizada*.

De acordo com Milanez (1982), a indeterminação do sujeito é utilizada apenas para se referir a humanos. No entanto, se formos observar alguns casos, veremos que há, sim, possibilidade de haver referentes não-humanos e até não-animados. Vejamos:

- (99) Quebraram a árvore.
- (100) A árvore foi quebrada.
- (101) Quebrou-se a árvore ou Se quebrou a árvore.
- (102) Quebrou a árvore.
- (103) A árvore quebrou. (MENON, 1994, p.109)

Não se pode precisar quem quebrou a árvore. Pode ter sido uma pessoa, um animal ou algo da própria natureza, como o vento, um raio, a chuva, um relâmpago, etc.. Segundo Menon (1994), outros verbos (*estragar, arrebentar, espalhar*) podem apresentar um sujeito cujo referente não possui o traço [+ animado], como *o vento, a água, a chuva, o relâmpago, o granizo, a neve, a torrente, o tempo*. Fica, então, evidente que na indeterminação do sujeito pode haver referentes não-humanos e referentes não-animados, contrariando, portanto, o que afirmou Milanez (1982).

No caso da *impessoalização*, chamamos a atenção para uma única questão: se não há sujeito, não há como se fazer uma classificação genérica ou determinada. Em “*Neva muito em Bariloche*”, por exemplo, não há referência a algo ou a alguma pessoa. Benveniste (1995, p. 252), ao tratar dos verbos *chover* e *trovejar*, verbos que indicam fenômenos da natureza, afirma que é “exatamente como não pessoal que se relata o processo, enquanto puro fenômeno, cuja produção não se reporta a um agente (...)”.

Essas são, portanto, características típicas desses fenômenos e que explicam a distinção que há entre eles.

### 3.3 Condicionamentos da indeterminação

Menon (1994), tendo como base o corpus do NURC/SP, observou todas as ocorrências de sujeito indeterminado e sistematizou alguns critérios

que funcionam como condicionamentos da indeterminação do sujeito. Os condicionamentos são ambientes propícios à ocorrência do fenômeno da indeterminação, que nos permitem interpretar os recursos como indeterminados.

Descreveremos cada um dos condicionamentos, e desse modo teremos uma visão mais ampliada do 'conjunto' que atua para que um recurso possa realmente ser classificado como sujeito indeterminado. Os condicionamentos são os seguintes: intercambialidade das formas; os pares mínimos; os ditados, verdades gerais ou eternas, questões retóricas; mudança de tempo verbal; advérbios e preposições; as completivas; o afastamento do falante; e o afastamento no tempo, situações hipotéticas.

### 3.3.1 Intercambialidade das formas

Sobre a intercambialidade das formas, Menon (1994) afirma que “a indeterminação do sujeito, em português, constitui um desses casos em que a equivalência de formas para exprimir o mesmo conteúdo pode ser demonstrada” (p.145). Isso significa dizer que na indeterminação há a possibilidade de o falante fazer uso de inúmeros recursos em um mesmo turno de fala. No corpus que constituímos para esta pesquisa, constatamos ser bem recorrente o uso de diferentes recursos indeterminadores num mesmo turno de fala. Vejamos alguns desses casos:

#### A GENTE X VOCÊ

- (07) INF.: Não, são coisas que são pouco interessantes que eu vejo, na época que **a gente** estuda **a gente** não vê isso, não  $\emptyset$  **aplica**, então **você** não sabe porquê que  $\emptyset$  **tá** estudando isso, pelo menos na minha época era assim, hoje eu não sei si mudô alguma coisa, si têm escolas que já fazem isso de otra forma, né? (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

#### SE X VOCÊ

- (08) INF.: **Si** observa na periferia, mais aí chegô classe média, média baixa, média alta, **você** não consegue mais enxergá isso. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)



### TU X VOCÊ

- (09) INF.: (risos) Eu vô atendê a domicílio, entendeu? Mais assim, eu num, eu num consigo, porque eu trabalhei a minha vida inteira, aí quando **você** para, o teu corpo, enquanto **tu** tá trabalhando porque o corpo da gente tu sabe, o corpo humano é uma máquina, né? (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

### TU X O CARA

- (10) INF.: (...) Às vezes **tu** tá já velho, sem nenhum, nada, nem din(=dinheiro) nenhum dinheiro no bolso, e **o cara** vai, te ajuda, faz as coisas. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

### AS PESSOAS X A GENTE

- (11) INF.1: As **peessoas** são muito mal educada e tudo isso **a gente** termina perdendo a vontade de  $\emptyset$  morá no... nesses lugares assim, entendeu? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

### $\emptyset$ V3PS X ELES

- (12) INF.1:  $\emptyset$  **Diz** que pegava santo Antônio,  $\emptyset$  **amarrava** ele todinho,  $\emptyset$  **colocava** de cabeça pra baxo e **eles** botava detrás duma janela ou duma porta. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

Nos exemplos acima os falantes fazem uso de vários recursos de indeterminação em uma mesma oração sem que seja perdido o caráter genérico do referente. Menon (1994) chama a atenção que é justamente em decorrência da intercambialidade das formas que se pode observar a existência dos *pares mínimos* na indeterminação. Ela pontua que o *se* é a estratégia que pode substituir, em praticamente todas as situações, as outras estratégias de indeterminação e é por esse motivo que o *se* possui um estatuto especial dentre as estratégias. O recurso pode ser considerado como indeterminador se for possível substituí-lo pelo *se* e o caráter genérico for mantido.

#### 3.3.2. Os pares mínimos

No que tange à investigação do fenômeno da indeterminação do sujeito, Menon (1994) afirma que para estar em consonância com a

metodologia Laboviana, seria necessário encontrar contextos idênticos para poder demonstrar a intercambialidade das formas, ou seja, constituir *pares mínimos*. A referida autora tomou emprestado da fonologia essa expressão que, no caso da indeterminação, se refere à ocorrência das duas variantes em *contextos idênticos*. Se as formas possuírem o mesmo significado referencial, elas são equivalentes e, portanto, consideradas variantes.

No NURC/SP, Menon encontrou um grande número de pares mínimos<sup>11</sup>, um total de 244, o que comprova que essas variantes de indeterminação do sujeito são variantes de uma mesma variável. Selecionamos exemplos de nosso corpus para ilustrar alguns dos pares mínimos que encontramos:

#### A GENTE / VOCÊ

- (13) INF.: Quando **a gente** tem uma família que é unida é bom (...) (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (14) INF.: (...), quando **você** tem algum contato com as pessoas, eh... (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

#### SE / A PESSOA

- (15) INF.: (...) não **si** tem mais informação nesse sentido social, né? (corpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (16) INF.: **A pessoa** não tem liberdade nem de olhá pro lado. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 3.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

#### O PESSOAL / A PESSOA

- (17) INF.: **O pessoal** tem que si apefeiçoá. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (18) INF.: (...) si **a pessoa** não si aperfeiçoá ele não consegue. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

<sup>11</sup> São esses os pares mínimos que Menon (1994) exemplificou em sua pesquisa: a gente/eles, a gente/eu, a gente/nós, a gente/a pessoa, a gente/o sujeito, a gente/se, a gente/você, a gente VPSA, a gente/øV3PP, a gente/øV3PS, eles/se, eles/VPSA, eles øV3PS, eles/øV3PP, eu/nós, eu/as pessoas, eu/o sujeito, eu/se, eu/VPSA, nós/se, nós/você, nós/vocês, nós/VPSA, nós/øV3PP, o cara/se, o indivíduo/a pessoa, as pessoas/o cara, a pessoa/o sujeito, a pessoa/se, a pessoa/você, a pessoa/øV3PS, o sujeito/você, a turma/o sujeito, se/você, se/vocês, se/VPSA, se/øV3PS, se/øV3PP, você/VPSA, a senhora/øV3PS, você/øV3PP, VPSA/V3PS, VPSA/øV3PP, øV3PS/øV3PP.

## TU / SE

- (19) INF.: Às vezes **tu** não **vê** porque tu não tem mais aproximação. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (20) INF.: (...) mais hoje já num **si**<sup>12</sup> **vê** mais isso não. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

## SE / ØV3PS

- (21) INF.: (...) em seguida **coloca-si** o caranguejo e sal a gosto, certo? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (22) INF.: (...) depois **coloca** a cebola pra podê refugá. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 6<sup>o</sup> ano)

## ØV3PS / A GENTE

- (23) INF.: Hoje em dia **vê** esses menino novo é só música. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (24) INF.: (...) hoje em dia **a gente** não vê as crianças brincando de boneca. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

### 3.3.3 Os tempos verbais

Outro condicionador da indeterminação do sujeito é o tempo verbal. Segundo Menon (1994), o presente do indicativo é o tempo prototípico da indeterminação. É justamente porque o presente apresenta alguns aspectos, como ser *atemporal*, *durativo* e *repetitivo* que ele propicia uma interpretação indeterminada dos enunciados. Milanez (1982) destaca, ainda, que esse uso recorrente talvez seja explicado “(...) pelo caráter generalizador do próprio fenômeno de indeterminação, referindo-se normalmente a ações ou estados que são comuns, repetitivos, frequentemente observáveis, daí o uso do presente do indicativo (...)” (MILANEZ, 1982, p. 77-78).

Há também a utilização de outros tempos e modos verbais, além do presente do indicativo. Nesses casos, o caráter genérico vai depender

---

<sup>12</sup> Convém ressaltar que em São Luís o **se** é pronunciado [sɪ] e o **cê** é pronunciado [se].

necessariamente de outros fatores, como o *contexto de indeterminação* ou do *conteúdo hipotético*.

Menon (1994, p. 164) apresenta uma tabela com a distribuição das ocorrências dos dados tipo DID<sup>13</sup> e mostra o uso majoritário do presente em quase todas as estratégias, com exceção de ØV3PS. O recurso ØV3PS teve como tempo mais frequente o infinitivo. Em nosso corpus, devido à grande frequência de perguntas que se referem ao passado da vida do informante, dos costumes de antigamente, os tempos do passado também são bem frequentes. Vejamos trechos de nosso corpus que apresentam o uso de recursos indeterminadores no presente e também em tempos do passado e do futuro:

### Presente do indicativo:

- (25) INF.: Às vezes *a gente* nem **corta**, só ajeita. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
  
- (26) INF.: (...) hoje em dia si *você* **pisa** num pé. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
  
- (27) INF.: (...) às vezes *você* **coloca** uma pessoa dentro da sua casa ali (corpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (28) INF.: O *pessoal* **diz** que eles num suportam. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (29) INF.: Ah, o *povo* **diz** que nós... (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (30) INF.: (...) *e/es* **oferece** mais, assim, po... (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

---

<sup>13</sup>Mencionamos apenas as entrevistas tipo DID porque são as que correspondem à nossa pesquisa, mas autora apresenta a distribuição dos tempos verbais também nas elocuções formais e nos diálogos entre informantes.

(31) INF.: (...) *ø* **dizem** que é por causa de herança. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

(32) INF.: Hoje *nóis* **tamo** no século vinte e um. (cópus BARBOSA, 2015; homem 3.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

### Tempos do passado:

(33) INF.: Você ia pruma festa, **você brincava**, si divertia. (cópus BARBOSA, 2015; homem; 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(34) INF.: Antigamente *eles* num **aceitavum**, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem; 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(35) INF.: Você **trocava** rádio, nera nem digital. (cópus BARBOSA, 2015; homem; 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

(36) INF.: Essa era a visão que *si* **tinha** antigamente das mulheres. (cópus BARBOSA, 2015; homem; 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

(37) INF.: (...) agora que *ø* **inventaram** o celuló. (cópus BARBOSA, 2015; mulher; 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(38) INF.: A *gente* **ficô** muito preso. (cópus BARBOSA, 2015; mulher; 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(39) INF.: Aí *eles* **assaltaram** por causa disso, (cópus BARBOSA, 2015; mulher; 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

(40) INF.: O *peessoal* já **feiz** um lixero. (cópus BARBOSA, 2015; mulher; 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

### Tempos do futuro:

(41) INF.: Si a *pessoa* **tivé** uma cabeça boa, ela consegue fazê várias coisas boas. (cópus BARBOSA, 2015; homem; 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

(42) INF.: (...) si **você não soubé** usá, cê si quebra. (cópus BARBOSA, 2015; homem; 3.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(43) Hoje em dia **você poderia** tranquilamente. (cópus BARBOSA, 2015; mulher; 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

### 3.3.5 Os ditados, verdades gerais ou eternas, questões retóricas

Os *ditados, verdades gerais ou eternas, questões retóricas* também são considerados condicionadores da indeterminação do sujeito. O caráter *atemporal* ao qual nos referimos anteriormente pode ser notado claramente nos ditados e nas verdades gerais ou eternas. O falante faz uso de um *saber comum*, que apresenta caráter *atemporal*, e indetermina crendo que aquilo se trata de uma verdade geral. Essa característica de generalização inerente aos ditados demonstra o caráter indeterminador que eles apresentam. Vejamos alguns trechos de nosso cópus que ilustram esses condicionamentos (exceto questões retóricas, pois não foram registradas):

(44) INF.: Porque hoje em dia **você vê** todo dia na televisão, assalto bando fulano de tal. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(45) INF.: (...) é assim... como era de **si esperá** esse cara aí num vai fazê nada. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

(46) INF.: (...) hoje em dia é tanto perigo que **a gente num pode** nem ficá ni porta (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(47) INF.: Nunca **a pessoa nasce** perfeito. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(48) INF.: Não **si passa** debaixo de escada. [risos]. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

- (49) INF.: Ø **Educá** sempre é melhó, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (50) INF.: (...) que é assim: **você planta** verde pra Ø colhê maduro. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (51) INF.: Pra tudo **si tem** um jeito<sup>14</sup>. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

### 3.3.4 Mudança de tempo verbal

Outro condicionador da indeterminação é a *mudança de tempo verbal*. Segundo Menon (1994, p. 173),

A mudança de tempo verbal é uma das estratégias empregadas pelos locutores do NURC (...) nas construções com sujeito indeterminado. A marca no discurso é a mudança de tempo: em geral, passa do presente atemporal ao passado. Ou ainda do passado ao imperfeito ou ao presente.

O falante dá a sua própria opinião, conta alguma experiência por ele vivenciada, fala de situações das quais ele mesmo é o sujeito e, de outro lado, indetermina ao fazer narrativas gerais e exposição de fatos. Essa mudança de tempo verbal vai depender do que a pessoa está falando, se é do presente, se vai falar do passado ou do futuro. Em nosso cópus também pudemos observar mudança de tempo verbal nas construções indeterminadas. Vejamos alguns exemplos de mudança de tempo em que o informante vai do presente para o passado (52); do presente para o futuro (53) e (54); do passado para o presente (55) e do futuro para o presente (56).

- (52) INF.: Mais, às vezes **a pessoa faiz** um aborto porque Ø qué e às veze não, às veze não. **Eu fiz, eu fiz** mais num foi porque **eu quis** não. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

<sup>14</sup> É uma variante de *Pra tudo se dá um jeito*.

- (53) INF.: Eh, **eu gosto, eu conheço** todo mundo. Apesá **das pessoas dizerem** que é um bairro meio marginalizado, mais é legal. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (54) INF.1: Olha, **eu trouxe** da casa de meu pai como minha esposa trouxe da casa do... dos meus sogros. Si **você não tivé** uma união, ø não tivé um... um norte... (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (55) INF.: **Eu** já **pedi** muito pra ele í embora, mais ele não qué. E ele num sai de perto, num sai da minha vida de jeito nenhum e com o acontecimento que **a gente vê** muito, em televisão. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (56) INF.: Si **você tivé** tempo e ø **pudé** prepará o molho com o próprio tomate, né, **eu tiro** porque o gosto fica melhó. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

### 3.3.6 Advérbios e preposições

Menon (1994) mostrou como os advérbios e as preposições também têm um lugar importante nos contextos de indeterminação do sujeito. Ela afirma que, na triagem das ocorrências de sua pesquisa, alguns advérbios e preposições foram considerados como caracterizadores da indeterminação.

#### 3.3.6.1 Advérbios

Há alguns advérbios, sobretudo os que têm a terminação *–mente*, que são costumeiramente utilizados na indeterminação, pois indicam situações que acontecem com frequência (geralmente, normalmente); e marcam a intensidade das ocorrências (frequentemente, repetidamente). Há, ainda, outros advérbios que são muito empregados, pois indicam oposições no tempo (antigamente, agora, hoje, amanhã); e outros que indicam uma repetição de fatos (toda vez que, sempre, às vezes). Em nosso cópus foi muito recorrente o uso de advérbios nos contextos indeterminadores. Vejamos alguns trechos:



- (57) INF.: Primeiro pensamento é **sempre**<sup>15</sup> *ø ajudá* quem tá mais próximos. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (58) INF.: (...) só se fô uma festa de gala que **geralmente** *as pessoas* tão preparadas pra vestí (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (59) INF.: (...) porque **hoje** *a pessoa* num pode fazê isso. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (60) INF.: **Hoje** *neguinho* chama como Miami, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (61) INF.: (...) **antigamente** *o pessoal* vivia da roça. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (62) INF.: (...) essas pessoas **normalmente** *a gente* vai ter como amigo o resto da vida. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (63) INF.: (...) **hoje em dia** *tu* vai numa festa todo arrumadim, bunitim, (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (64) INF.: **Hoje** *as pessoas* tão muito extravagante, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (65) INF.: (...) **agora** *ø inventaram* o celulá, (cópus BARBOSA, 2015; mulher 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (66) INF.: Tá. **Antigamente** *eles* num aceitavum, né? (cópus BARBOSA, 2015; mulher 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (67) INF.: **Amanhã** *você* vê de novo minino novo passando com celulá... (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

---

<sup>15</sup> Esse *sempre* é temporal, e não intensivo.

Há, ainda, o uso de recursos indeterminadores acompanhados das *locuções adverbiais* (os *localizadores espaço-temporais*), cuja função é situar o *acontecimento no tempo ou no espaço* (cf. MENON, 1994). O que ocorre, quando há o uso dessas locuções adverbiais, é o distanciamento do falante, pois ele não pode estar presente naquele determinado local, caracterizando, portanto, a indeterminação. Não foram registrados muitos casos de uso de locuções adverbiais em contextos indeterminadores em nosso corpus. Vejamos alguns desses casos:

- (68) INF.: **São Paulo** *a gente* vê passando por uma barra da porra agora de água, que eu acho que num é tão desesperado assim. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (69) INF.: **Como Brasília, São Paulo, Rio**, *você* não pode mais saí. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (70) INF.: **Em São Luís**, em qualqué parte *a gente* vai encontrá, independente de sê Turu, Centro... (corpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (71) INF.: **Dia de Santo Antônio**, [risos] **treze de junho**, *a pessoa* pega uma faca virgem e enfia na bananeira (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

### 3.3.6.2 Preposições

Menon (1994) verificou que as preposições possuem um papel bastante interessante nas construções com infinitivo. No corpus analisado por ela esses tipos de construções podem ser acompanhados de sujeito nominal ou pronominal indicando que a mudança em direção a um maior preenchimento da posição de sujeito no português brasileiro já alcançou esse contexto. O sujeito pleno transforma o verbo em *pessoal*, que passa a fazer flexão de acordo com o sujeito que o acompanha. Uma análise tradicional diria

que em “*Não há condições **de desenvolver** a pesquisa sem recursos*”<sup>16</sup> o infinitivo é o *impessoal* e a oração seria subordinada completiva nominal reduzida de infinitivo.

Essas construções também se mostraram bem recorrentes no português ludovicense, demonstrando que nessa comunidade de fala também tem havido uma mudança em direção ao preenchimento do sujeito. Vejamos alguns trechos de nosso corpus:

- (72) INF.: Apesá **das pessoas dizerem** que é um bairro meio marginalizado, mais é legal. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
  
- (73) INF.: (...) opções pra, pra, **pras pessoas**, enfim, **escutarem** e toc(=tocarem) e ø usufruírem disso. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
  
- (74) INF.: Eu acho que a segurança é um dos motivos **das pessoas tarem** procurando apartamentos. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
  
- (75) INF.: (...) isso aí é uma coisa pra **si pensá**. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (76) INF.: (...) seria o melhó bairro de São Luís **pra si morá** (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
  
- (77) INF.: Tem muitas maneiras hoje em dia **de si evitá** (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
  
- (78) INF.: É, dá **pra você ir** a pé (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
  
- (79) INF.: Deus te dá um filho na tua barriga **pra ti botá** pra fora. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

---

<sup>16</sup> Menon (2006, p.142).

- (80) INF.: aqui é maravilhoso **pra gente morá**, tá entendendo?! (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (81) INF.: Ah, é uma cidade muito violenta, muito... muito assim, muito chata **pra si morá**, entendeu? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (82) INF.: Tem vários locais de... **de você saí** pra si divertí, tá entendendo?! (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

### 3.3.7 As completivas (subordinadas substantivas)

Outro condicionamento da indeterminação sistematizado por Menon (1994) são as *completivas*, que compreendem as *orações subordinadas substantivas subjetivas reduzidas de infinitivo* (pospostas) e as *orações subordinadas substantivas predicativas* (que são orações que constituem o predicativo do sujeito). Em ambos os casos a gramática tradicional prevê um sujeito ou um predicado constituído de verbo no infinitivo *impessoal*. Menon, por outro lado, aponta, tendo como base os dados de sua pesquisa, que a completiva se constrói cada vez mais com um sujeito exposto e com a flexão verbal correspondente. Vejamos alguns trechos de nosso cópus que apresentam essas construções com verbo no infinitivo, sendo genérico o sujeito:

- (83) INF.: (...) porque é muito complicado **você sofrê** uma violência e tê um fruto de toda essa violência, física e psicológica. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (84) INF.: É muito difícil **você ponderá** si essas coisas valem a pena ô não. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (85) INF.: Então cansei de ouví **as pessoas dizerem** que num ia dá certo. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

- (86) INF.: (...) a tendência é **tu ficá** meio surdo e mais baixo também. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (87) INF.: É mais fácil **você acreditá** na sua mãe que nos otro. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (88) INF.: (...) era difícil **a pessoa** tê uma boneca (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

### 3.3.8 O afastamento/destaque do falante

Há muitos enunciados genéricos nos quais é comum o falante querer introduzir sua própria opinião, ou mesmo relatar suas vivências. Segundo Menon (1994, p. 186), nesses casos, os falantes

se servem da indeterminação para fazer referência a fatos gerais, mas quando julgarem necessário, eles introduzem uma marca seja para se desligar do conjunto genérico, seja para se marcar - como iguais ou como diferentes dos outros.

Menon ressalta que, nesses casos, é comum que se utilize expressões como **pelo menos**, **ao menos** e que haja mudança de tempo verbal. Em nosso cópus também pudemos observar esse *afastamento/destaque* do falante. Nos exemplos que seguem, o informante vai do hipotético à emissão de seu ponto de vista:

- (89) INF.: (...) eh também é uma questão de do teu pai, né, do dos teus pais te educarem pra **tu não assistí**, como a criança assistí uma coisa dessa, né? Mais nem sempre **si pode proibí**. **Eu acho que** tinha que tê mais cuidado com isso, porque acaba incentivando esse lance. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (90) INF.: Então é assim, o dinheiro é assim. **Cê tem** que sabê administrá, senão ele acaba. **Eu sei administrá** o meu. [risos] (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

- (91) INF.: Primeiro pensamento é sempre **você ajudá** quem tá mais próximo, mais próximo da gente, né? **As pessoas** não querem ajudá. **Eu sem ganhá** esses milhões, sem ganhá mil, **eu sempre procuro ajudá** o próximo, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (92) INF.: Cara, hoje em dia **a pessoa não tem** qualqué preocupação si tá matando um ser. **Eu pelo menos nunca abortei** e **ø nunca vô**. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

Nos exemplos a seguir, veremos que o falante dá a sua opinião ou relata algum acontecimento e, em seguida, passa para questões genéricas:

- (93) INF.: No meu tempo **eu gostava** muito de jogá minha bola, **eu me sentava**, **conversava** coisa de escola, **fazia** um ditado na casa de um colega meu, **eu gostava** de fazê uma atividade. Num era... **eu sempre pedia** pro meu pai ele num dexava. Mais<sup>17</sup> hoje em dia **você faiz** as coisas sem seu pai sabê. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (94) INF.: **Ø Comecei, como eu** disse, **ø peguei** o gosto de motorista, então é motorista minha função. **Eu num consigo**. Hoje pra **você tê** um bom emprego, um emprego que lhe dê condições, **cê tem** que tê o canudinho na mão. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (95) INF.: **Eu não gosto** de andá de carro porque, olha, sinceramente esse trânsito é coisa de louco. Pra **você si deslocá** do Araçagy pra Cohama é um inferno. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (96) INF.: **Eu sô** muito conservadora. **Eu acho que** hoje é mais fácil... até pelos esses negócio que tá tendo de de *face*, esses negócio de *whatsapp*, tudim esses negócio que tem, aí é fácil até pra... **você pode** até<sup>18</sup> num conhecê a pessoa, mais só de **você tá** si comunicando com ela, né, **você já** faiz aquela amizade, né? (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

<sup>17</sup> Nessa passagem da determinação para a indeterminação, além do destaque do locutor, a conjunção *mas* funciona como um reforço dessa passagem. No exemplo seguinte, *hoje* também funciona como um reforçador.

<sup>18</sup> Os *até* desse exemplo não são *temporal*, eles são usados para marcar o *contraste*.

### 3.3.9 O afastamento no tempo; situações hipotéticas

Há situações em que o falante indetermina o sujeito e que por uma questão temporal ou mesmo por uma impossibilidade espacial, nem ele próprio e nem o documentador poderiam fazer parte daquilo que está sendo dito. Nesses casos, não há possibilidade de haver uma interpretação determinada. Menon (1994) chama a atenção para o fato que isso se dá, sobretudo, quando o informante vai exemplificar situações, narrar algum fato, dar uma receita, hipotetizar alguma questão. No exemplo a seguir, veremos a característica de afastamento no tempo.

- (97) INF.: **Lá pra década de setenta** a pessoa podia saí na rua tranquilamente, sem medo. Ainda tinha felicidade. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

É interessante notar o distanciamento no tempo nesse exemplo. A informante é da faixa etária 1, ou seja, tem entre 25 e 35 anos e, por esse motivo, não poderia estar presente na década de 70.

Para Menon (1994, p. 189), as hipóteses ou situações que ilustram uma ideia “são sempre dotadas de uma porção de dúvida pois expressam seja um desejo, seja uma vontade ou intenção de realização, seja em indicar mesmo a impossibilidade de realização”. Vejamos alguns exemplos de nosso cópus que contemplam essas características:

- (98) INF.: (...) **si você ficá** só gastando, daonde não não entra, só tirano, a tendência é acabá. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (99) INF.: (...) mas **si a gente for** botar de forma genérica, eu acho que as coisas mudaram bastante, (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (100) INF.: Porque **si você tá dentro** de uma escola e só tem um diário de papel... já era, porque o outro professô foi embora e levô. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

- (101) INF.: **Si você tiver** em mente que sua missão é servi os otros, você entendeu o fundamental. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)
- (102) INF.: Porque **si você pegasse** aqui, você vindo do do Ipase, entrasse no Bequimão já pra saí perto do Angelim, você mataria muito trânsito. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (103) INF.: (...) **si a pessoa hoje não tivé** um estudo, né, pra garanti um futuro na frente melhó, ela não consegue vencê na vida. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (104) INF.: (...) si **você não fô** atrás você nunca vai encontrá. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

### 3.4 As variantes da indeterminação em nosso cópus

Teceremos, neste tópico, alguns comentários relacionados aos recursos indeterminadores que foram registrados em nosso cópus.

#### 3.4.1 Eu

O pronome *eu*, bem como os pronomes de segunda pessoa com caráter determinado, é dêitico. Menon (1994) chama a atenção para o fato de que, ao entrar no campo indeterminado, o *eu* deixa para trás o seu caráter dêitico e passa a apresentar um valor semelhante ao do *se*.

Em Menon (1994) há um exemplo com o *eu* que é, a nosso ver, o exemplo clássico que comprova a possibilidade de uso desse pronome com acepção genérica. A informante, que é professora, fala sobre as caçadas, sobre como se proteger e buscar comida na época da pré-história e faz uso do *eu* para indeterminar a referência do sujeito. Vejamos:

(388) ora a maneira do homem pré-histórico era... Basicamente **eu** preciso comer... e **eu** preciso:: ... me defender dos animais e **eu** preciso me esquentar na medida do possível... (EF/405/409/109/F2) (MENON, 1994, p.204, grifos do original)



Por questões culturais, tendo em vista que naquela época, quem realizava as caçadas eram homens, e pelo distanciamento no tempo não há possibilidade de que o referente do *eu* seja a informante.

Houve, em nosso *cópus*, o uso do *eu* com os dois tipos de referência, no entanto, contabilizamos apenas os de referência indeterminada. Vejamos a seguir um interessante exemplo no qual o informante trata da relação entre o uso da tecnologia e as relações interpessoais e faz uso do *eu* com referência determinada (em *itálico*) e indeterminada (em **negrito**).

- (105) INF.: Não, *eu* tenho uma impressão geral, *ø* num sei em termo de vizinhança, mais *eu* tenho impressão geral pela pela pela como eh a sociedade vive hoje, né, pelas coisas que que principalmente a tecnologia ofer(=oferta) oferta, né? Então a gente tá cada vez mais isolado. As pessoas vivem, muito mais prático **eu** me isolá que **eu** me me socializá com as pessoas e aí essas essas essas ferramentas facilitam muito isso, porque si **eu** tenho um telefone, um negócio assim, **eu** baixo a cabeça, tô no meu telefone e e **eu** não preciso, entendeu? *ø* Não preciso, **eu** tenho uma liberdade, **eu** tenho uma permissão de *ø* nem precisá olhá pra frente e dar um 'boa tarde', 'boa noite', seja lá o que fô, né? E e, enfim, fone de ouvido, num sei quê, então *eu* acho, *eu* acho que no geral as pessoas tão mais afastadas mesmo, mais mais, mais difícil, assim, tê uma um poquinho mais de contato. (...) (*cópus* BARBOSA, 2015; homem, 1ª faixa etária, ensino superior)

No exemplo (106), também extraído de nosso *cópus*, veremos que uma informante fala sobre a relação que há entre o trabalho e a qualidade de vida e faz uso do *eu* em suas duas acepções. Ela inicia sua fala com *eu* determinado, dando a sua própria opinião sobre a questão do mercado de trabalho em São Luís. Depois reproduz a fala de outra pessoa, onde também há ocorrência de *eu* determinado; retoma o *eu* dando novamente sua opinião, faz então uso do *eu* genérico e conclui sua fala com o *eu* determinado.

- (106) INF.: *Eu* vejo assim... um monte de gente que tá aqui, ganhando dinheiro, falando mal de São Luís, entendeu? Fala mal da cidade, então, gente que já tá aqui há muitos anos. Vive daqui, educô filho aqui, mais num perde o o o "ah, mais eu, si *eu* pudesse *eu* ia embora daqui, ah, si *eu* pudesse", então *eu* acho que a relação de de morá e trabalhá pra algumas pessoas num é num é satisfatória, **eu** tá feliz, **eu** estava sendo, *ø* tendo um bom emprego, *ø*

**tava** bem empregado, mais **ø** não gostá de onde **eu** vivo? **ø** Num sei porque essa relação é contrária. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, ensino médio)

Convém destacar, ainda, que além do contexto e da prosódia indicarem que esses *eu* são genéricos, a informante diz “**ø tava** bem empregado”, no masculino, gênero não marcado, o que comprova ainda mais esse caráter indeterminador.

### 3.4.2 Tu

O pronome de segunda pessoa *tu* tem sido alvo de diversos estudos<sup>19</sup> de âmbito linguístico, tanto com referência genérica, quanto com referência determinada. Sobre o português falado na capital maranhense, Alves (2015) demonstrou ser o *tu* o pronome de segunda pessoa mais utilizado para se dirigir ao interlocutor e chamou atenção, ainda, para o predomínio de uso desse pronome sem concordância canônica<sup>20</sup> de segunda pessoa. No âmbito indeterminado, Barbosa (2013) evidenciou, com base nos dados do Atlas Linguístico do Maranhão, que o *você* genérico é bem mais recorrente que o *tu* genérico.

Os exemplos a seguir apresentam o uso do *tu* genérico em nosso cópus. Veremos que em nenhum deles o *tu* é utilizado para se dirigir à entrevistadora.

(107) INF.: Assim, eu tive uma época no Rio, então tudo quando falava de São Luís (inint.) relacionava logo com Sarney, com coronelismo, isso aí eu senti lá, qualque lugá que **tu** vai “ah, tu é de São Luís do Maranhão? A terra do Sarney”, aí já começa aquela coisa. Mais também tem gente que já veio aqui, que que passô aqui, que acha São Luís maravilhoso, porque eu acho que depende muito de como você vem pra São Luís, pra você, acho que é todo lugá que você vai, a impressão que **tu** tem é de como com quem **tu** foi, o quê que **tu** fizeste, num é a cidade em si, eu acho que é de como você

<sup>19</sup> Cf. Setti, 1997; Godoy, 1999; Loregian, 1996, 2004; Alves, 2010, 2015; Franceschini, 2011; Barbosa, 2013, dentre outros.

<sup>20</sup> A *concordância canônica* é aquela que é prescrita pela Gramática Tradicional como sendo a forma correta a ser utilizada.

chega no lugá, né? (córpus BARBOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, ensino médio)

(108) INF.: E aí **tu** chega no shopping, um horrô de comida, muita comida legal, aí **tu** come bastante, né?

D: Pode escolhê, né? // INF.: Pode escolhê. // D: E tu acha que aqui em São Luís eh a cidade oferece boas opções de lazê?

INF.: Hoje em dia sim. Hoje em dia a coisa já tá bem, bem movimentada. São Luís cresceu muito, pô. São Luís hoje, tu **tu** vai de segunda a segunda tem coisa pra **ti** fazê. Segunda a segunda. É impressionante, tá tá parecendo Fortaleza já. Fortaleza ainda é mais. (córpus BARBOSA, 2015; homem, 2ª faixa etária, ensino superior)

(109) INF.: Hoje... tem muitas oportunidades, né?! Como eu te falei ainda agora, hoje... hoje **tu** não compra mais um caderno, hoje **tu** não compra mais um lápis, hoje **tu** não compra mais uma farda, **ø** num compra mais um sapato, hoje tudo a escola dá, quer dizê, o governo dá. Antes não, antes você... eu, por exemplo, tinha dia que eu não tinha lápis pra me levá pro colégio pra mim escrevê porque minha mãe não tinha condição. (...) Hoje não, o governo hoje oferece até dinheiro, renda pra **ti** estudá e... tem pessoas que não querem... tem... garotos que não querem, largo o estudo pra í vagabundá na rua, né?! (córpus BARBOSA, 2015; homem, 2ª faixa etária, 9.º ano)

(110) INF.: (...) eles botava assim uma caixa de som desse tamanho na frente da casa e ficava lá ó, enchendo a cara, aí a gente pra saí na rua era complicado porque você tinha que dá de cara com aqueles cara tudo mal encarado, bêbado, o som era tão alto, como a casa era de dois pavimentos, em cima, no quarto que a gente dormia, o som parecia que **tu** tava com uma caixa de som dentro do quarto de tão ruim que era, de tão insuportável que era o som. Aí brigava, Z. não tinha, como não tem, não é paciente, não tinha paciência, então encarava os caras, tinha que chamá polícia, então tudo isso era um estresse, **ø** já pensô o que é **tu** saí de casa e pensá que **tu** vai dá de cara com esses caras que **tu** não te dá bem, que te causam problema e que sei lá, podia acontecê qualqué coisa né, também, si os caras fossem pra cima dele? Ave Maria, eu morria de medo. (córpus BARBOSA, 2015; mulher, 2ª faixa etária, ensino superior)

### 3.4.3 Você

O processo que delineou a passagem do pronome de tratamento *Vossa Mercê* ao pronome de 2.ª pessoa do singular *você* se realizou com base

nas distintas ‘necessidades’ dos falantes ao se dirigirem ao seu interlocutor, levando-se em consideração questões de natureza hierárquica. É nesse sentido que Faraco (1996, p. 52) afirma que “as mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com as mudanças nas relações sociais e valores culturais”.

Na fase inicial do processo de mudança *mercê* “era usado em sentido próprio, o de ‘dom, graça, privilégio concedido pela autoridade’ – o rei, que punha e dispunha das pessoas, dos cargos, das rendas (...)” (MENON, 2006, p.120). *Vossa Mercê* significava “a mercê do rei”. Quando se ‘torna’ uma forma de se dirigir ao rei, o seu uso se intensifica e se intensifica também a ideia de que essa era uma forma das pessoas da corte e de fora dela tratarem o rei e, além disso, intensificou a ideia de que era assim que os inferiores deveriam se dirigir a seus superiores.

Menon (2006) apresenta o seguinte roteiro que busca mostrar como se deu a vulgarização da LN *Vossa Mercê*: os hierarquicamente superiores da corte começaram a exigir esse tratamento de seus subordinados; os nobres mais distantes da corte começam a exigir essa forma dos que não eram nobres; os nobres que não possuíam dinheiro passaram a requisitar de seus empregados e inferiores o uso de *vossa mercê*.

*Vossa Mercê*, no século XVI, passa a ser empregada para dirigir-se a qualquer pessoa que fosse hierarquicamente superior, ainda que se tratasse de um escravo dirigindo-se a um criado livre, a mulher se dirigindo a seu esposo, etc. Resumindo:

forma honorífica > tratamento comum > tratamento vulgar

O uso de *vossa mercê* vulgarizou-se ainda mais quando as pessoas que pertenciam ao mesmo *status* social começaram a utilizá-la entre si. Segundo Menon, teríamos “as condições sociais ótimas para que **vossa mercê** passasse a ter, também, transformações lingüísticas de monta, notadamente quanto à pronúncia.” (MENON, 2006, p. 124). A autora aponta, então, um dos possíveis caminhos da mudança fonética pelo qual passou o *vossa mercê*:

[vɔsm'e'se] > [vɔm'se] > [võ'se] > [vo'se] (ou [vɔ'se])<sup>21</sup>

(MENON, 2006, p. 125)

O *você*, além de ser utilizado como forma de se dirigir ao interlocutor, apresenta, como os demais pronomes, a possibilidade de assumir um caráter genérico. Alguns trabalhos<sup>22</sup> com dados de fala apontam para um uso bastante significativo desse pronome com referência genérica. Vejamos que nos exemplos a seguir que quando o informante utiliza o *você*, não está se dirigindo ao interlocutor, no caso, a documentadora, está se referindo a qualquer pessoa.

(111) D: Mais comum, né?

INF.: Era mais comum, era ser professora que outro tipo de emprego pra mulher era... ah... era um preconceito, né? Homem que tinha que ser, mais tu olha A., nessa época, *tu* vê a criação dessa época que as mães tomavam conta de seus filhos pra hoje, tá venu? Pra hoje. **você** criava seus filhos bem, tinha menos marginal na rua. Hoje **você** larga seus filhos dentu de casa, **você** num sabe, **você** nem cria seus filhos hoje, minha filha, hoje as fi, os filhos são criados por babais, num é? Então, quer dizê, que aí, **você** não tem mais tempo de si, ensiná seu filho o caminho certo, é criado seja lá como fô, quem sabe o quê que ela, como é que ela tá, muitas tratam muito bem e, outras fazem eh... ainda judiá de criança, né? (cópus BABOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, 5.º ano)

(112) INF.: Meu trabalho é... é um poco estressante porque **você** trabalhá cum ser humano num é fácil, né? Por quê sempre tem uns moradores que são... num é bom e uns moradores que são um poco enjuado. (cópus BABOSA, 2015; homem, 1ª faixa etária, 9.º ano)

(113) INF.: É porque 'tu' eu acho que eu já acho que é um sinal de de quando **você** conhece aquela pessoa e tem uma certa intimidade com ela.

D: Ixi, N., eu só tô te chamando de 'tu', N. // INF.: (risos) // D: Mais tu tu vê, mais e aí como é que tu vê, assim, as pessoas te chamam de 'tu' tu acha estranho?

INF.: Não, eu não acho estranho, eu, não, eu tô te falando que eu acho assim, que 'você' já é uma forma de de tratamento melhó e até porque você

<sup>21</sup> Menon (2006) destaca que é o [vɔ'se] pode ser encontrado no português de Portugal.

<sup>22</sup> Cf. Menon, 1994; Godoy, 1999; Santana, 2006; Carvalho, 2010; Barbosa, 2013, dentre outros.

já tem, **você** não conhece aquela pessoa, né? Quando **você** chama ‘você’ é porque **você** já conhece aquela pessoa, já tem aquela certa intimidade. Eu acho assim, né? (cópus BABOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, 9.º ano)

### 3.4.4 A gente

Houve um longo caminho percorrido até que o substantivo *gente* chegasse à sua atual forma de pronome pessoal *a gente*. Menon (2006, p. 101) apresenta uma escala de como teria ocorrido esse processo. Vejamos:

LN	LNE	N	Pron. Indef.	Pron. Pessoal
...gente...	a gente	a gente	a gente	a gente

Menon (2006), ao tratar do processo de gramaticalização do *a gente*, aponta que a princípio o substantivo *gente* fazia referência a um grupo de pessoas, a um clã, a um povo e podia constituir locução nominal. Nessa etapa, a locução nominal fazia flexão de número e também a concordância nominal no feminino e admitia qualquer expansão como o artigo, adjetivos, orações relativas.

Na fase seguinte, houve certa especialização da locução nominal *a gente*, precedida do artigo *a*, mas ainda com possibilidade de aparecer no singular ou no plural. O *a gente* perde, na sequência, a possibilidade de fazer flexão de número e é utilizado para expressar o sujeito indeterminado. Nessa etapa se cristaliza como *pronome indefinido* e, desse modo, já não faz concordância nominal de gênero (nem de número) porque já não é mais o substantivo *gente* antecedido de artigo. O *a gente* pode, então, ser usado como sujeito indeterminado. Segundo Menon (2006, p. 102)

Como indeterminador (isto é, do **referente extralinguístico**) parece que **a gente** ainda preservou parte do traço de “coletividade”, presente em um dos significados primitivos de **gente** (...). É por esse viés que **a gente** pôde vir a ser interpretado como pronome pessoal: não importa que indivíduo pode se diluir naquele **a gente** indeterminado, pode escamotear a sua responsabilidade naquele “a gente” genérico. Nessa etapa, como pronome pessoal, a concordância nominal se realiza morfológicamente com o masculino.

Além do caráter genérico, o *a gente* tem a possibilidade de ter a interpretação de *nós*: [eu + x = nós], e a concordância nominal é feita de acordo com o sexo do referente extralinguístico ‘*A gente fica muito cansada*’ ou ‘*A gente fica muito cansado*’. Além de também poder apresentar um caráter [+genérico], o *a gente* pode, ainda, ser utilizado como referência à primeira pessoa do singular, o *eu*.

Grande parte dos estudos sociolinguísticos realizados sobre o tema da indeterminação do sujeito (cf. MENON, 1994; SANTANA, 2006; CARVALHO, 2008) apresenta esse pronome como uma das estratégias mais recorrentes. Seleccionamos alguns trechos de nosso corpus para exemplificar o uso do *a gente* genérico, e constataremos que não há possibilidade de recuperar o referente extralinguístico.

(114) INF.: Limpo a mesa, limpo o chão quando tá sujo, a lixeira. // D: Uhum. // INF.: Assim. // D: E tu gosta?

INF.: Eu gosto, eu gosto porque quando **a gente** faz as coisa, **a gente** tem que gostá do que **a gente** faiz, né? (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, 9.º ano)

(115) D1: Pra não causá eh... coisa, ali com os vizinhos, né? Problema.

INF.: É... causá pobrema. Melhó é procurá sê amigos, porque **a gente** não sabe o dia de amanhã. Si **a gente** procurá sê amigos, encontra amigos, nom é? (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, ensino médio)

(116) INF.: Ah, gato preto... o que tem gato preto gente? Tem nada a vê não, minha filha. É só coisa da cabeça de quem num tem o que pensá. Eu que digo que a pessoa só pensa besteira porque num tem, porque tem tempo. Porque **a gente** quando tem o que fazê **a gente** não tem tempo de pensá bobagem. **A gente** quando num tem, **a gente** quando tem muito tempo, **a gente** só pensa em doença, num é? (...) e **a gente** tendo o que fazê num tem tempo de pensá. Eu num tenho tempo de pensá. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, 5.º ano)

(117) INF.: Das pessoas, sejam filhos ô alunos, né, a gente tem que dizê sim e sabê dizê não na hora certa, porque a vida não lhe tráiz só coisas positivas, né? **A gente** num num passa só por coisas agradáveis e satisfatórias, então **a gente** tem que tá preparado pros dois lados. Agora (inint.) não e dizê “Não, por por porque não. Não porque não.”, né? Você precisa sabê dizê não e explicá porque que não pode, ô porque que não deve, ô porque não é recomendável isso. E hoje, os meninos, as crianças, os adolescentes, eles

não não param muito pra ouví isso, até porque, infelizmente, desde a infância isso não foi passado. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, ensino superior)

### 3.4.5 Nós

O *nós* é clasificado pelas GTs como sendo o plural de *eu*. Segundo Benveniste (1995), não há a possibilidade de isso ser visto como um processo de pluralização, uma vez que

se não pode haver vários 'eu' concebidos pelo próprio 'eu' que fala, é porque 'nós' não é uma multiplicação de objetos idênticos, mas uma *junção* entre o 'eu' e o 'não-eu', seja qual for o conteúdos desse 'não-eu'. (BENVENISTE, 1995, p. 256)

O *nós* pode ser *eu + não-eu*, *eu + não-pessoa* ou *eu + não-eu + não-pessoa*. Seria, no caso, um *eu-ampliado*. Pode ser, em alguns contextos, usado para marcar o *plural de modéstia*, para fazer referência a si mesmo e, ainda, para fazer referência a qualquer pessoa, quando tem sua referência indeterminada.

Tamanine (2002) assinala que o *a gente* ao adentrar a determinação vai perdendo certo espaço na indeterminação e o *nós*, sendo menos usado na determinação, estaria buscando na indeterminação uma forma de se manter na língua. Para uma constatação mais categórica sobre *nós*, seria necessário um estudo diacrônico.

Vejamos algumas das ocorrências de *nós* em nosso cópus:

(118) INF.: (...) A professora, de onde, donde ele estudô, que é do B., sempre em proteção a ele, hoje ele trabalha no banco X. então, faz faculdade, trabalha no banco X... Eu digo: e si tivesse tirado, essa criança? E hoje ele tá ajudando a mãe dele. Então eu acho que **nóis** num devemos, partí pra essa... negócio de aborto. (...). (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, ensino médio)

(119) INF.: (...). E hoje tá muito diferente isso. Eu não sei si a relação de vizinhança total si enquadra nisso, né? Mas as pessoas crescem nas ruas, normalmente nas mesmas ruas, tá diferente, eu acho que mais pra frente



**nóis** vamo ter um reflexo maió disso... mais separação entre as pessoas, do meu ponto de vista. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2ª faixa etária, ensino superior)

(120) INF.: Olha, as crianças de agora são mais sabida. Hoje **nóis** tamo no século vinte e um, você entrega um celulá desse pruma criança deste tamaninho, ela sabe mexê. Nessa época, não. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3ª faixa etária, 5.º ano)

### 3.4.6 Eles

Vários estudos<sup>23</sup> sobre o PB têm comprovado um aumento do preenchimento do sujeito, seja ele com referência determinada ou indeterminada.

Duarte (2003) evidenciou que o preenchimento do sujeito é a estratégia preferida pela variedade culta carioca e que, de fato, tem havido uma mudança em direção a um maior preenchimento no PB como um todo. A referida autora chama a atenção, ainda, para o fato de que embora esteja havendo essa mudança no PB, ela ocorre a passos lentos, como aconteceu, por exemplo, com o francês. Segundo Roberts (1993),

O francês não perdeu seus sujeitos nulos da noite para o dia (...). Houve um período de aproximadamente 150 anos durante os quais o francês conviveu com um sistema de sujeito nulo 'defectivo': um sistema que permitia sujeitos nulos apenas com certas pessoas e/ou certos contextos sintático. (ROBERTS, 1993, p.414-415 *apud* DUARTE, 2003, p.127-128).

Menon (1994, p.200) demonstrou que no cópus por ela analisado, do português culto paulistano, houve um grande número de ocorrências de *eles* genérico e esse uso pode ser visto como uma consequência de que o português brasileiro está em processo de mudança em direção a um maior preenchimento do sujeito. Souza (2007), ao analisar o *eles* em tempo aparente na fala da capital mineira, demonstrou que nessa comunidade de fala também

<sup>23</sup> Cf. Duarte, 1993, 1995, 2003; Menon, 1994; Souza, 2007.

tem havido um aumento significativo do preenchimento do sujeito tanto determinado, quando genérico.

É importante salientar que não há uma diferença entre o *e/les* e o ØV3PP e que podemos considerá-los como genéricos quando não há possibilidade da recuperação da referência no contexto. A realização de uma análise dos dois separados é interessante e necessária para a verificação de como está a questão do preenchimento do sujeito; se a variedade ludovicense estaria passando por um processo de mudança linguística em curso, em direção a um maior preenchimento. Para isso, faremos mais adiante uma análise em tempo aparente, considerando três diferentes faixas etárias, com o intuito de observar se as diferentes gerações refletem diferentes estágios desse processo. Vejamos alguns exemplos de *e/les* genérico em nosso corpus:

(121) D1: E esse arroiz de jabá? // INF.: É. // D1: Como é que faiz?

INF.: **Eles** diz que a carne é feita de carne de jumento. Ø **Dizem**<sup>24</sup>, que eu num sei. Eu num sei porque eu nunca... sei que é igual a carne, ah o arroiz de jabá eu nunca fiz, eu já comi já, entendeu? Pronto, mais eu nunca fiz não, mais é bom. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, 5.º ano)

(122) D: Uhum. E tu sabe alguma assim de passagem do ano? De réveillon?

INF.: Só na praia, né? Que **eles** faiz isso, né? Que **eles** bota os nome das pessoas depois e Ø **colocam** uma oferenda praquelas lemanjá pra o parcero voltá pra ele (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1ª faixa etária, 9.º ano)

### 3.4.7 Verbo na 3.ª pessoa do plural

Dentre as estratégias classificadas como sujeito indeterminado pela gramática tradicional está o verbo na terceira pessoa do plural sem referências anteriores ou posteriores. Conforme mencionamos no tópico anterior, nosso intuito é verificar o processo de preenchimento do *e/les* genérico no português ludovicense. Vejamos alguns exemplos que demonstram o uso de ØV3PP como recurso indeterminador em nosso corpus:

<sup>24</sup> Nesse tipo de caso fizemos a classificação de acordo com Menon (1994, p. 201): se quem veio primeiro foi o *e/les*, os zeros seguintes foram considerados anáforas zero de *e/les*.

- (123) INF.: O nosso. O nosso. Ø **Dizem** que é o mais correto, né, o o lance de falá 'tu', 'tu foste' e... é bem mais, mais portugueses do que do que brasileiro, né? (inint.) eu acho que é verdade, né, que aqui fala fala-si mais corretamente. Num sei por quê. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1ª faixa etária, ensino superior).
- (124) INF.: Aí já estava um stress muito louco. Depois Ø **fizeram** um prédio bem em frente lá em casa, piorô porque não tinha mais estacionamento porque é um prédio comercial, era uma Secretaria de Estado lá na época que a gente saiu, e aí nós falamos, "Não, vamo embora daqui porque não dá". E a casa era grande também, a gente nem ocupava a casa toda. (...) (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, ensino superior).
- (125) INF.: Rapá, tem gente que gosta do São Luís, né? E tem uns que num gostum. Em exemplo essa moça que veio cum o marido dela, Ø **matarum** o home aí agora ela foi liberada, né, pra í embora porque diz que ela num tem nada a vê cum o crime, mais só que ela num qué í embora que ela qué acompanhá de perto. Realmente ela acompanhando de perto vai sê melhó porque ela indo praí nada vai sê resolvido. Ele veio só pra passá o carnaval aqui em São Luís. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2ª faixa etária, 5.º ano).
- (126) INF.: De Fortaleza, Ceará e também de Pernambuco, aquela língua presa esse pernambucano, esse paraibano são sotaques que eu acho muito feio. Ø **Dizem** que nós temos sotaque mais eu não percebo assim não, porque a gente é acostumado falando assim. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3ª faixa etária, 9.º ano).

### 3.4.8 Se

Vimos, no início deste capítulo, que a GT classifica o *se* como pronome apassivador ou índice de indeterminação do sujeito. Caso o verbo seja transitivo indireto, intransitivo e de ligação, o *se* é índice de indeterminação do sujeito. Caso o verbo seja transitivo direto, o *se* é classificado como partícula apassivadora.

Menon (1994, p. 228) considera que o *se* é o sujeito do verbo ao qual está ligado e chama a atenção para o fato de que as passivas sintéticas deixaram para trás sua característica de passividade, pois o *se* fornece uma interpretação indeterminada. Ela destaca que essa interpretação indeterminada

pode ser justificada pelo fato de os falantes não perceberem mais essa passividade do verbo ligado ao *se*, o que pode ser constatado na concordância verbal que não é mais feita como prescreve a GT (quando há o *se* com o verbo no singular e o “pretense” sujeito no plural)<sup>25</sup>:

#### Sujeito simples no plural:

- a) Quando verbo está no singular acompanhado de uma locução nominal no plural: “havia necessidade de **si pegar** essas crianças.” (EF/377/416/141/FI) (MENON, 1994, p. 228);

#### Sujeito composto:

- b) Quando o verbo está no singular e está acompanhado de palavras coordenadas no singular “uma planta da qual **si faz** uma rapadura e uma espécie de melado” (EF/124/150/286/M2) (MENON, 1994, p. 228);

#### Antecedente no plural:

- c) Quando o antecedente está no plural e há pronome relativo seguido de *se* e verbo no singular “são os solos mais ácidos que **si conhece**” (EF/87/106/296/M2) (MENON, 1994, p. 228).

Tendo visto alguns aspectos de como o *se* é classificado como recurso indeterminador, vejamos alguns exemplos extraídos de nosso corpus que apresentam essa variante:

(127) INF.: Gosto, o reggae era mais roots antigamente, hoje é mais, tem um nome que **si** dá lá na Jamaica, que é dance house, é um reggae mais batido, mais... (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1ª faixa etária, ensino médio)

(128) INF: Lugares públicos porque a praia é pública mais si você precisá eh sentá ô ô você vai tê que consumí, tudo que **si** consome lá é muito caro né? Então, é difícil. Não num acho que pra família de baixa renda não tem

---

<sup>25</sup> Convém ressaltar que no corpus desta pesquisa não encontramos nenhum caso de **se** mais plural. Menon (1994), com informantes de nível superior, encontrou somente 35 dados de **se** mais plural sobre 8150 dados.

muita opção de lazê não. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, ensino superior)

(129) INF.: A cultura do... daqui do Maranhão é valorizada, principalmente praí pra fora o que **si** vê no jornal aí. Pro pessoal daí de fora, pra cá, hum. Com certeza é valorizada, né? Senão eles num vinhum. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2ª faixa etária, 9.º ano)

(130) INF.: Cara, tinha um negócio de fazê uns trabalhos, né? No ramo da bruxaria, ali, macumba, aqueles negócio, num sei. E aí, esse caso, né? Específico. Tem mais coisas, religião, acho que não é nem o caso pra gente tá discutindo, mas eu via isso, né? Eu via, aí botava um frango assado, lá, uma farofa, uma garrafa de cachaça. Acho que o pessoal oferecia aquilo ali pra algum orixá, sei lá, pra fazê algum trabalho, pedi alguma coisa, né? Dizia-**si** até que era trabalho contra alguém, né? E tal. Evitava passá por aqueles negócio ali. (inint.) mano, sai fora com esse negócio. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2ª faixa etária, ensino superior)

(131) INF.: Eu acho que o contrário ainda **si** aceita, acho que ainda **si** aceita, mais bem mais que o o o homem trabalhando em casa e a mulhé trabalhando fora. Eu acho que ainda **si** aceita, mais não não é não é comum. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1ª faixa etária, ensino superior)

### 3.4.9 Verbo na 3.ª pessoa do singular

As ocorrências de verbo na terceira pessoa do singular sem pronome expreso na oração anterior ou posterior não foram previstas como possibilidade de estratégia de indeterminação do sujeito nos manuais gramaticais que consultamos<sup>26</sup>.

Consideramos o ØV3PS com um recurso de indeterminação do sujeito quando não há possibilidade de recuperar a referência do vazio que o precede. Convém salientar que também consideramos como ØV3PS os casos de infinitivo pessoal, quando também não foi possível recuperar a sua referência.

Menon (1994, p. 254) destaca que a linha que separa o infinitivo impessoal do infinitivo pessoal é muito tênue justamente pelo fato de que a 3.ª pessoa do singular do infinitivo pessoal é não marcada morfologicamente e,

<sup>26</sup>Nas gramáticas elaboradas por Guérios (1964) e Bechara (1966), é possível encontrar esse recurso como sujeito indeterminado.

desse modo, igual à do infinitivo impessoal. A autora sustenta a sua afirmação em alguns autores, como Ribeiro (1909, p. 32), que embora não estivesse tratando da indeterminação do sujeito, demonstrou que as sentenças “*é de crer que*” e “*é de crer-se que*” possuem o mesmo valor. Segundo Menon,

a equivalência das duas formas reforça a interpretação do infinitivo como forma de indeterminação, o infinitivo impessoal transformando-se em pessoal e constituindo, por consequência, a forma ØV3PS. (MENON, 1994, p. 254)

Vejamos alguns exemplos de ØV3PS do nosso corpus:

- (132) INF.: Pexe bom é refogá o tempero primeiro, Ø **bota** ele todo refogado, Ø **bota** ele pa mechê, Ø **vai** botando uma agua de côco pra podê o caldo ficá bem grosso... Pexe, é comigo em primeiro lugá. Largo qualqué comida pra comê pexe, pode sê água doce ou água salgada. (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1ª faixa etária, 5.º ano)
- (133) INF.: Aí Ø **bota** pa refugá.... primero corta o cama... Ø **corta** o bigodinho do camarão e o rabo, aí Ø **lava** bem lavadinho, aí bota limão em cima, Ø **bota** sal, tempero seco e chero verde. Aí depois que já tivé os tempero tudo refogadinho, Ø **joga** na panela e dexe, depoih Ø **bota** um cremezinho de leite e fica uma delícia! (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, 5.º ano)
- (134) INF.: Tem muito ônibus. Ah, Ø **pega** o Vicente Fialho que já vai direto, desce da Deodoro, pronto, nós tamo no Centro da cidade (risos). Tem o Divineia Shopping, tem o Cohama, também, que já vai direto, então a gente nem precisa tá perdendo tempo descendo nos terminais, já vai direto, né, então é um é um bairro bom. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, 9.º ano).
- (135) INF.: Era brincadera de can can, de Ø **pulá** corda, eláltico, esconde-esconde, Ø **chutá** lata. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, 5.º ano)
- (136) INF.: Não, até que não. Eu num sei que eu num... num.. nunca fui pro lado de lá, mais lá é bom de Ø **morá**. (corpus BARBOSA, 2015; mulher, 1ª faixa etária, 5.º ano)

- (137) INF.: Cara, eu acho que não, porque quando **o cara** para de trabalhá **ele** fica sedentário, né? Acaba tendo a saúde prejudicada, né? Mais que tem muito dinheiro geralmente é são os que trabalham menos. Acho que não.

### 3.4.9.1 Formas Nominais

Formas nominais (FNs) é uma expressão cunhada por Menon (1994). Segundo essa autora, as FNs eram primeiramente locuções nominais comuns que, com o passar do tempo, assumiram um significado distinto do que apresentavam inicialmente. Em outras palavras, foram se cristalizando com uma referenciação genérica.

Em nosso *cópus* registramos o uso das seguintes FNs: *nego*, *neguinho*, *neguim*, *negada*, *o camarada*, *pessoa*, *a pessoa*, *as pessoas*, *peçoal*, *o peçoal*, *o povo*, *cara*, *o cara*, *os caras* e *a galera*. Acreditamos que possa haver outras FNs no português ludovicense, mas essas são as que nossas entrevistas registraram.

Convém ressaltar que em algumas localidades do nordeste brasileiro, incluindo a capital maranhense, não se costuma utilizar o artigo definido diante de nomes próprios e de possessivos (*cf.* MENON, 2014). Foi possível observar esse não emprego do artigo em nosso *cópus*, tanto em relação aos possessivos e nomes próprios (exemplos (138), (139) e (140)), como também no caso de algumas FNs (exemplos (141) a (144)).

- (138) D: Aí quando o senhô se(=separou)... si separô o senhô voltô?  
 INF.: Foi que eu voltei pra cá de novo pra casa **de** mamãe. (*cópus* BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)
- (139) INF.: E a otra festinha já foi pra adolescência, que sempre teve também festa na casa de alguém, ô era aniversário ou si resolvia fazê na casa **de** fulano tinha som, não sei quê (...) (*cópus* BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

- (140) INF.: (...) como no dia que teve um um, eu também já falei **pra** Iracema<sup>27</sup> que dona J., que é a senhora, né, que é a dona mesmo (...). (córpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (141) INF.: (...) Eu penso assim nesses locais maih distante até porque assim, a gente vê que pra lá eles dão muito valô às coisa, né, às culturas, às coisas assim. Aqui não, a gente não dá valô à à cultura daqui, ninguém dá valô.  
D: É.  
INF.: Ø **Precisa** í lá pra fora pra **nego** vim dá valô à nossa cultura aqui fora e o povo não vê, não enxerga. (córpus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano).
- (142) INF.: Justamente, é muita, muita, num tem mais brincadera hoje, a gente num vê menino mais brincando de si escondê, de de de de pegadô, a gente num vê mais **neguinho** brincando de roba bandera, entendeu? Fazê seu próprio, seus próprio brinquedo, não tem mais isso, eu num vejo, né? (córpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio).
- (143) INF.: Ia ficá muito perigoso aí... arma, arma mete foto, sinhá, na pessoa, qualqué confusãozinha **neguim** qué puxá uma arma, queri matá, queri isso, por isso né bom tê uma arma perto de ninguém, quanto mais de fogo, perigoso demais, viu? (córpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 8.<sup>a</sup> série)
- (144) INF.: Quando a gente toca, **peessoal** mesmo aplaude, si levanta, acha legal, acha interessante e eu tô, eu tô recebendo muito isso. E eu sei que é sincero, que é verdadeiro, porque é um trabalho mesmo que a gente faz com muito carinho e esforço. Então eu acho que é um acontecimento muito feliz foi eh... eu está nesse grupo. (...) Então acontece muito muito acidente, aí eu num gosto. Essas coisas assim tem, **peessoal** tem que tomá mais cuidado e as vias também tinha que sê mais sinalizada, tinha tinha tinha que si tê um jeito pra isso, né? Porque eh são são pessoas jovens, né, que e que morrem assim por por pura besteira, entendeu? (córpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio).

#### 3.4.9.1.1 Algumas considerações sobre as FNs

Na época da colonização do Brasil, quem realizava os trabalhos, desde os mais leves, até os mais pesados, eram os negros escravos. Por esse

---

<sup>27</sup> Nome fictício.



motivo, quando se pensava em trabalho, era a imagem do negro, do pobre, que vinha à tona: “*Nego trabalhava de sol a sol*”. As FNs *nego*, *neguinho*, *neguim* e *negada* estariam associadas ao *negro*, não com os escravos, mas ao *negro* como uma metáfora para trabalhador, que era aquele que trabalhava. Houve um esvaziamento do significado primeiro de *negro* e por meio das FNs *nego*, *neguinho*, *neguim*, e *negada*<sup>28</sup>, passou a apresentar um referente extralinguístico genérico. Vejamos alguns trechos que contemplam o uso dessas FNs:

(145) INF.1: Depois que eu entrei, depois que passô deiz ano, que eu há tava no quadro, A... assumiu o D.N.O.S. e ele levô muita gente pra lá pro D.N.O.S. E veio um (inint) pra botá a gente na rua, isso aquilo outro. (inint) pegô... pegô (inint). lá em São José de Ribamá, em Pinheiro, **nego** ia lá pegá pra podê ficá, pra podê... si num tivesse cinco ano num... num ficava. (córpus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

(146) D: Ela que é dona?

INF.1: É. Ela é boa pros funcionários ela. Porque ela é boa pra gente, ela é boa pra eles. Porque si ela não trata eles bem, como é que **nego** vai trabaia pra ela? Né? (córpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

(147) D: Pop? // INF.: É. Era pop, era... Ah, meu Deus do céu... seresta.

D: Seresta? // INF.: E *Miami*... // D: Miami? // INF.: *Miami* era ... // D: Miami eu não conheci, não. // INF.: *Miami* era o *dance*, e o (inint.) era o *break*, né? D: Uhum.

INF.: Antigamente era o *break*. Hoje **neguinho** chama como *Miami*, né? (córpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

(148) INF.: Mudô sim, antigamente **neguinho** tratava bem, agora não, **neguim** num qué respeitá mais como antigamente. (córpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

(149) INF.: (...) Na maió calma, tava com uma camisa de botão aberta, aí quando ele abriu a camisa, ele puxô a faca, já foi... aí me cortô aqui ó, me cortô aqui duas vezes que levô e trôxe, ainda me cortô aqui também na perna... aí ele... aí também, eu saí correndo pra casa, peguei uma picareta e voltei e

<sup>28</sup> Diferentemente de *nego*, *neguinho* e *neguim*, a FN **negada** possui uma marca de coletivo.

**negada** não deixar, né?! (...) (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

Em (145) “*nego* ia lá pegá pra podê ficá”, quem ia lá?; em (146) “como é que *nego* vai trabaiá pra ela”, quem vai trabalhar pra ela?; em (147) “Hoje *neguinho* chama como Miami, né?” quem chama de Miami?; em (148) “agora não, *neguim* num qué respeitá mais como antigamente”, quem não quer mais respeitar?; em (149) “e *negada* não deixar” quem não deixou? Não podemos recuperar a referência em nenhum desses casos, por isso podemos considerá-la genérica.

As FNs *a pessoa*, *as pessoas*, *pessoa*, *o pessoal* e *pessoal*, podem, conforme já vimos, apresentar uma referência genérica, não se referindo a ninguém especificamente. Uma questão interessante que observamos em nossos dados, foi a possibilidade de haver retomada anafórica da FN *a pessoa* com os pronomes *ele* e *ela*<sup>29</sup> e também da FN *o cara* com o pronome *ele*. A FN *a pessoa* pode ser tão genérica que essa retomada, além de ser feita com *ela*, pode ser feita com *ele*, no masculino. Vejamos alguns exemplos dessas duas possibilidades:

(150) INF.: Você tem que, pegá **a pessoa** e deixá **ele** rodando aqui pela área nobre...

D: Aham.

INF.: Pra **ele** tê uma boa impressão, porque si tu levá pra outros lugares, e “Pô mais aqui não tem... um paisagismo legal”... (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

(151) INF.: Porque eu acredito assim, si **a pessoa** tivé força de vontade, **ele** conquista o que **ele** qué. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

(152) INF.: (...) Eu acho que **a pessoa** poderia tê a opção de escolhê o que realmente **ela** quisesse fazê, porque eu acho que noventa por cento das pessoas não trabalham com o que gostam. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

<sup>29</sup> Computamos os casos de *ele* e *ela* no grupo das FNs, pois todas as ocorrências se configuraram como retomada anafórica de FNs.

(153) INF.: É, seria mais tranquilo. Poderia tê dinheiro para ajudá as pessoas, pra, pra fazê umas doações, pra ter um projeto social, legal, e podê gerenciá bem a vida, assim. Si **a pessoa** tivé uma cabeça boa, **ela** consegue fazê várias coisas boas, pra várias pessoas... (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

(154) INF.: Cara, eu acho que não, porque quando **o cara** para de trabalhá **ele** fica sedentário, né? Acaba tendo a saúde prejudicada, né? Mais que tem muito dinheiro geralmente é são os que trabalham menos. Acho que não.

Menon (1994, p.286) chama atenção, ainda, para a possibilidade de *a pessoa* estar passando a ocupar o espaço deixado pelo pronome *a gente* (que está indo para a determinação). Talvez isso explique a maior quantidade dessa FN (em relação às outras FNs) no português falado em São Luís. Uma quantidade maior da FN *a pessoa* também foi encontrada no NURC e em outros cópus, como o Varsul (cf. Godoy (1999) e Setti (1997)).

Vejamos outros trechos que ilustram o uso de *a pessoa*, *as pessoas*, *pessoa*, *o pessoal* e *pessoal* em São Luís:

(155) INF.: Eu sô da antiga, sabe? E assim, eu não me sinto confortável. Tá? A novela tá aí vem oto casal nessa novela nova, na novela última teve um casal também de mulheres e oto de homens, e tal, mais eu não me sinto confortável. Embora assim, eu leio muito e sei que... geneticamente falando há uma... escolha, no organismo mesmo, que acontece, que faiz com que **a pessoa** si defina pelo sexo, tá? A tendência ô pelo sexo feminino ô masculino de acordo com o gênero, mais eu acho assim, que eu não me sinto confortável realmente, de encará. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

(156) INF.: Não, aí pro Araçagy é praticamente um retão, né? Porque si você saí daqui, pega ali. Si fô direto pra Ponta D'areia é é a Avenida dos Holandeses, é uma avenida só. Pega desde a Ponta D'areia até o Olho D'água aí continua direto eh já chega na no Araçagy. Então aí num num teria problema de í. A dificuldade é que como não tem as ciclovias, né, são pocos os as vias daqui de São Luís que têm, são dotadas de ciclovias, não tem nem ciclofaixa, quanto mais ciclovias. São poquíssimas, aí fica sempre difícil, né? **As pessoas** vão dividindo o espaço com carro e moto, que é um absurdo de quantidade de moto. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

(157) INF.: (...) Eu geralmente faço aquilo que eu vejo que é bom pra mim, não que os outros acham bonito. As pessoas vivem em função de... disso hoje...

hoje no... no... no... no mundo atual que nós tamo vivo. **Pessoa** vive mais é isso, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9<sup>o</sup> ano)

(158) INF.: Pra sustentá, digamos, antigamente **o pessoal** tinha muitos muito filho, né? Por exemplo, minha família teve seis filho. Imagina com mil reais sustentá seis filhos. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

(159) INF.: (...) Que eu acho que antigamente eu... professô tinha mais dedicação eu acho, né? Hoje em dia tudo... eh... como é que a hente diz? **Pessoal** visum muito dinheiro. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

Em (155) “há uma... escolha, no organismo mesmo, que acontece, que faiz com que *a pessoa* se defina pelo sexo” que pessoa é essa? Não se pode precisar. Em (156) “*as pessoas* vão dividindo o espaço com carro e moto”, quem são essas pessoas? Também não é possível identificar. Em (157) “pessoa vive mais é isso, né?” quem vive mais isso? A referência é genérica. Em (158) “antigamente *o pessoal* tinha muitos muito filho, né?” que pessoal tinha muito filho? Não há possibilidade de recuperação dessa referência. Em (159) “*pessoal* visum muito dinheiro” que pessoal é esse? Não foi especificado. Não há, portanto, possibilidade de recuperação do referente dessas FNs, por isso elas são genéricas.

As FNs *a galera* e *o povo* apresentam, bem como *negada*, uma ideia de coletividade e, quando são usadas com acepção determinada, se referem a um povo específico e a uma galera específica, ou seja, a grupos *delimitados*. Já quando são utilizadas na acepção genérica não é possível precisar qual é o referente extralinguístico. Vejamos exemplos dessas FNs:

(160) INF.: Sem dúvida, as festas de antigamente eram mais saudáveis, não podia, entrava guri, entrava entrava todo mundo até, mais você não olhava droga dentro das festas. Hoje é normal aí, **a galera** si droga na frente de todo mundo, ø num tá nem aí, ø num respeita ninguém, ø perdeu a vergonha, acabô. Aí a diferença, é por isso que hoje tá mais mais violento também, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

- (161) INF.: Uhm, as música num têm mais do meu tempo. **O povo** tem essas música indecente, muito apologia uhm... é muita... uma música que num dá pra você colocá pros seus filhos escutarem (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

Em (160), quando o informante diz ‘*a galera* si droga na frente de todo mundo’, não sabemos qual a referência de *a galera* e não há elementos no contexto que nos deem pistas sobre ela. Em (161) qual é o povo de quem a informante fala? Ela diz ‘*o povo* tem essas música indecente’ querendo dizer que o povo em geral ‘tem essas música indecente’ e não um povo específico. A referência dessa FN também não pode ser recuperada. Destacamos, ainda, que caso fosse utilizado o artigo indefinido no lugar de definido, o sentido mudaria, passando a representar um povo e uma galera específica, com referência determinada.

As FNs *o cara*, *cara* e *o camarada* têm uma significação semelhante à de outras FNs, como *a pessoa*, *o indivíduo* e *o sujeito*. São utilizadas com valor genérico e, por isso, não podemos depreender qual é a referência. Vejamos alguns casos extraídos de nosso cópus:

- (162) INF.: (...) Mas assim, si a gente fô colocar mesmo, ponderá, quando a gente era menó a gente conseguia... brincá e chegava um certo horário que você sabia que você não podia tá circulando. Mas, hoje em dia não, hoje em dia não tem mais horário. A gente tá de manhã cedo lá, alguém vai fazê compra no supermercado, passa na rua, **cara** pega as tuas coisas, ø te assalta à mão armada e ø desce a rua, sobe a rua, e não tem mais horário.. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)
- (163) INF.: Tem, pra turista, pra tu vê, si tu fô aqui no revivê vai vê que tem lugá bom aí. Espigão ali **o cara** vai... tá entendeno? Tem lugá bom aí... litorânea aí que não tinha uma praia legal aqui em São Luís. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)
- (164) INF.: Eu acho que não. Tem que trabalhá. **O camarada** leigo ganha um dinheiro bobo aí ø não vai trabalhá, ø fica só pensando naquele... naquele dinheiro e... e ø pega gasta, pega gasta, isso aquilo otro, poquinho ø tá sem nada. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

Em (162) ‘*cara* pega as tuas coisas, te assalta...’, quem é esse *cara*? Não se trata de **um** *cara* específico. No exemplo seguinte o informante diz ‘no Espigão ali o *cara* vai’ e também não se refere a **um** *cara* específico, mas que é um lugar onde **se** pode ir para passear. Em (164) o informante faz uso da FN o *camarada* para hipotetizar uma situação na qual qualquer pessoa pode estar inserida. Seria como dizer ‘a *pessoa* ganha um dinheiro bobo aí não vai trabalhar. A referência dessa FN é genérica. No trecho que segue, veremos a utilização da FN os *cara* em sua acepção indeterminada. Essa FN não está sendo utilizada para se referir a dois ou mais homens.

(165) INF.: Tem. Os cinemais hoje são muito melhores. No meu tempo cinema era cadera de madeira, a gente sentava, **os cara** botavam ploc<sup>30</sup>, a gente sentava aí ficava era... era... uma apurrinhação. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

Essas são as FNs que encontramos em nosso cópus. No capítulo 5, veremos estatisticamente como se deu o uso das FNs em São Luís, de acordo com os fatores sociais.

---

<sup>30</sup> No português ludovicense *chiclete* também pode ser chamado de *ploc*.

#### 4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes que discorramos sobre os procedimentos metodológicos seguidos para a realização desta pesquisa, acreditamos que seja importante tecermos alguns comentários sobre São Luís, comunidade de fala contemplada. Primeiramente, salientamos que nossa escolha por essa comunidade de fala foi motivada pelo intuito de aprofundar o estudo que realizamos em 2012 sobre a indeterminação do sujeito no português falado no Maranhão. Outro fator que contribuiu consideravelmente para isso foi o fato de ser essa a comunidade de fala da qual faço parte.

A cidade de São Luís foi fundada pelos franceses em 8 de setembro de 1612. Os franceses permaneceram na capital maranhense entre os anos de 1612 e 1615 até serem expulsos pelos colonizadores portugueses. Com a expulsão dos franceses, a capital começa a receber portugueses provenientes das ilhas açorianas, e, dessa maneira, passa a ser mais efetivamente povoada (*cf.* D'EVREUX, 2002, p. 89).

No fim do século XVII, por volta de 1682, iniciou-se a chegada dos escravos africanos à capital maranhense para exercerem o trabalho na lavoura – posto até então ocupado pelos índios –, desencadeando, assim, um significativo aumento das desigualdades sociais e econômicas que já havia. Em relação à população que compunha o estado, Meireles (2001) destaca que no fim do século XVIII o Maranhão já apresentava 78.860 habitantes, sendo 40,28% de negros, 36,19% de brancos e 23,53% de mestiços.

Sobre a relação da colônia maranhense com Portugal, Borralho (2009) chamou a atenção para um importante fato, demonstrando a 'herança' que o Maranhão recebeu em decorrência desse contato:

O distanciamento com o Rio de Janeiro e, conseqüentemente, a aproximação com Portugal proveu uma relação de pertencimento estreito de alguns maranhenses com a metrópole emoldurando um passado de fortes vínculos. Tal passado mudou de grau de intensidade, de inflexão e referência. Logo no pós-independência, foi uma arma contra os novos rumos políticos por que passava a nação, momento de indefinição, cuja "segurança" do antigo império servia como entificação de um padrão civilizatório, portanto, político e social; porém, à medida que o império brasileiro ia se consolidando, esse passado lusitano foi sendo ressignificado, encapsulando a herança lingüística e cultural de Portugal como argumento justificador de que, exatamente por possuir tal passado e herança portuguesa, o

Maranhão estava apto não só a participar do império brasileiro, leia-se formação da nação, como em alguns aspectos a dar o tom dos elementos constitutivos balizadores de uma nação, como política, literatura, jornalismo. (BORRALHO, 2009, p.18)

É nesse cenário que veio à tona o discurso de que em São Luís se fala o melhor português do Brasil. Esse discurso se correlaciona à ideia de que haveria uma semelhança entre o português falado em Portugal e o português falado em São Luís: em ambos haveria o uso do *tu* com concordância canônica de segunda pessoa. Alves (2010; 2015) demonstra que, ao menos no português falado atualmente em São Luís, a concordância canônica já não é mais tão recorrente e que é mais utilizado em contextos mais formais, e na fala dos mais escolarizados. Portugal, por outro lado, ainda conserva a utilização do *tu* com concordância canônica de segunda pessoa.

Vejamos alguns relatos de ludovicenses que retratam essa difundida ideia de “melhor português”:

(166) INF.: Eles dizem que maranhense... eles dizem que o... o português bom é daqui do Maranhão. “Ah, o ludovicense é o que fala melhor português”, então eu acho assim que o daqui, né? Aqui geralmente o ludovicense ele não consegue falar: “Ei dá pra **você** vim aqui? Ei, eu quero falar com **você**”. Não. “Ei, **tu**”. **Tu** o ludovicense adotou esse **tu**... num consegue tirar. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.ª faixa etária, 9º ano)

(167) D: Tem algum sotaque aqui do Brasil que tu prefira?

INF.: O nosso. O nosso. Dizem que é o mais correto, né, o o lance de falar **tu**, **tu foste** e... é bem mais, mais português do que do que brasileiro, né? (inint.) eu acho que é verdade, né, que aqui fala fala-se mais corretamente. Num sei por quê. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.ª faixa etária, ensino médio)

(168) INF.: A gente encontra diferença. Até aí em Belém a gente... o pessoal falou de outro jeito dos maranhense. O maranhense é o que melhor fala o português. O que melhor fala o português. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.ª faixa etária, ensino médio)

As pessoas nascidas em São Luís podem ser chamadas de são-luisenses, mas o gentílico mais comumente utilizado é *ludovicense*. Ludovico



vem da forma alatinada da palavra de origem germânica Hlodoviko, que é *ludovicus*. *Ludovico* mais o sufixo *-ense* deu origem a *ludovicense*. (cf. HOUAISS, VILLAR, 2001, p. 1789).

Vejamos o mapa que apresenta a localização de São Luís:

Figura 01: Mapa do Brasil, com destaque para a capital maranhense.



Fontes: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE  
Sistema Compartilhado de Informações Ambientais – SisCom

#### 4.1 Nosso corpus

O corpus desta pesquisa, conforme já mencionamos anteriormente, foi coletado especialmente para o estudo do fenômeno da indeterminação no português falado na capital maranhense. A princípio, nosso intuito era utilizar o corpus do Atlas Linguístico do Maranhão, mas vimos que as perguntas realizadas na entrevista não geravam contextos suficientes para pudesse ser demonstrada a diversidade dos recursos de indeterminação utilizados em São Luís.

Para o levantamento dos dados, sistematizamos doze perfis sociolinguísticos que funcionariam como uma espécie de ‘peneira’ para a seleção dos informantes em uma comunidade de fala cujo número de habitantes já ultrapassou um milhão<sup>31</sup>. Os 48 informantes foram distribuídos igualmente entre homens e mulheres, três faixas etárias (25 a 35 anos, 40 a 50 anos e mais de 55 anos) e quatro níveis de escolaridade (até o 5.º ano do Ensino Fundamental, até o 9.º ano do Ensino Fundamental, Ensino Médio completo e Ensino Superior completo). Vejamos o quadro 02, que apresenta a distribuição dos informantes de acordo com o perfil:

**Quadro 01:** Distribuição dos informantes de acordo com o perfil.

	25 a 35 anos		40 a 50 anos		mais de 55 anos		total
	mulher	homem	mulher	homem	mulher	homem	
<b>até o 5.º ano</b>	2	2	2	2	2	2	12
<b>até o 9.º ano</b>	2	2	2	2	2	2	12
<b>Ensino Médio completo</b>	2	2	2	2	2	2	12
<b>Ensino Superior completo</b>	2	2	2	2	2	2	12

<sup>31</sup> São Luís possui 1.064.197 habitantes, segundo o censo de 2014. (cf <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=211130&search=maranhao|são-luis>, acesso 21/08/15).

O primeiro passo após o estabelecimento dos doze perfis que comporiam nosso corpus foi iniciar a busca aleatória dos informantes para, então, partir para a realização das entrevistas.

No decorrer da realização das entrevistas nos deparamos com alguns problemas que fizeram com que precisássemos fazer mais entrevistas do que havíamos previsto. Ao todo, realizamos 59 entrevistas para conseguir validar as 48 com as quais nos propusemos trabalhar. Os problemas mais recorrentes foram: informantes extremamente tímidos e monossilábicos; outros que não eram naturais de São Luís (apesar de terem dito que eram); informantes que disseram ter determinada escolaridade e não a tinham; e imprevisto durante a gravação (informante precisou sair).

## 4.2 TRATAMENTO DOS DADOS LINGUÍSTICOS

### 4.2.1 Coleta de dados

O trabalho com dados da linguagem humana requer uma série de cuidados especiais. Para a realização de pesquisas no âmbito da Sociolinguística, o ideal seria realizar uma coleta de dados voltada a situações não monitoradas, ou seja, falas casuais; no entanto, isso significaria: um longo tempo para a coleta dos dados; grandes desafios para a transcrição das gravações (por conta dos possíveis excessos de ruídos, excesso de sobreposição de falas).

Labov (2008) trata da questão de como coletar dados de fala casual em entrevistas monitoradas – o chamado *paradoxo do observador* – e chama a atenção para o fato de que a entrevista individual é a única maneira de obtenção de dados com uma boa qualidade e em quantidade suficiente. Tendo em vista essa realidade, Labov sugere que “(...) ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação da entrevista de um jeito ou de outro” (2008, p. 244).

Realizamos entrevistas individuais do tipo diálogo entre informante e documentador (DID), mas buscando minimizar os problemas decorrentes do monitoramento da entrevista. Para isso, na etapa de elaboração e aplicação do

roteiro das entrevistas, algumas decisões foram tomadas: primeiramente, ao ser solicitado sobre a possibilidade de realizar a entrevista, dissemos ao informante que se trataria de uma conversa sobre assuntos cotidianos, como por exemplo, o bairro no qual ele morava, a cidade de São Luís (detalharemos o roteiro no tópico seguinte). Dentro desses universos, tratamos de assuntos cujo envolvimento emocional da pessoa poderia aflorar. As questões elaboradas foram sendo adequadas à realidade de cada informante, considerando-se sempre o meio social no qual cada um estava inserido. Além disso, destacamos que a sequência das perguntas foi memorizada pela documentadora a fim de que não houvesse consulta ao roteiro no momento da entrevista. A documentadora buscou não interromper a fala dos informantes (a não ser em momentos cuja interação favoreceria o bom andamento da entrevista).

A gravação das entrevistas foi feita com um gravador de voz digital Sony ICD PX440 (sempre posto em cima da mesa), cuja dimensão é pequena, com o intuito de, pelo menos visualmente, não chamar tanto a atenção do informante para a situação de monitoramento.

Convém ressaltar que as entrevistas foram realizadas com o consentimento dos entrevistados. Antes do início da entrevista pedimos autorização para realizar a gravação, explicamos que a entrevista seria transcrita e informamos que nenhum dado pessoal seria tornado público. Além disso, cada informante assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (cf. APÊNDICE 2) autorizando a gravação.

#### 4.2.2 O roteiro

Conforme já mencionamos, o roteiro foi elaborado com temas relacionados a aspectos do dia do dia do informante e que são, em sua maioria, ambientes favorecedores do fenômeno alvo deste estudo: a indeterminação do sujeito. Vejamos os temas selecionados para as entrevistas:

- a. bairro no qual o informante reside e/ou já residiu (serviços que o bairro oferece e aqueles que ele acha que o bairro deveria oferecer); como é o contato entre vizinhos (e como era antigamente);
- b. infância (brincadeiras preferidas, músicas, vestimentas, a escola e o papel que ela possui na sociedade);
- c. família (origem dos pais e avós, tradições familiares ludovicenses, comportamento das crianças da atualidade e do passado);
- d. lazer (locais frequentados; 'São Luís oferece boas opções de lazer?').
- e. mercado de trabalho (quais profissões já exerceu, como deveria ser a postura dos chefes frente aos seus colaboradores);
- f. temas polêmicos (opinião do informante e de como a sociedade encara a questão do aborto, da legalização do porte de armas e/ou do casamento civil homossexual;
- g. relato sobre algum acontecimento feliz e/ou algum acontecimento triste;
- h. características positivas e negativas de São Luís (praia, cultura, comidas típicas, trânsito, saneamento, violência, etc.);
- i. traços característicos de São Luís e dos ludovicenses;
- j. percepção do informante sobre a opinião que pessoas de outros estados têm sobre São Luís e sobre os ludovicenses;
- k. como se faz alguma receita típica de São Luís e/ou alguma simpatia;
- l. percepção do informante sobre aspectos relacionados aos diversos falares brasileiros e sobre características específicas do modo de falar ludovicense.

Durante toda a entrevista buscamos realizar inserções de temas cotidianos, estabelecendo relações entre como as coisas são hoje e como eram antigamente, formando um terreno bem propício à ocorrência do fenômeno foco deste estudo.

#### 4.2.3 A transcrição das entrevistas e a organização dos dados

Quando trabalhamos com dados de fala, é imprescindível, após serem realizadas as gravações, que elas sejam transcritas. Para realizarmos a análise

dos dados lançando mão apenas dos áudios certamente tardaríamos demasiadamente e tornaríamos o trabalho bem mais dispendioso.

Por esta pesquisa tratar de um fenômeno que depende, quase em sua totalidade, de aspectos contextuais, passamos as entrevistas para o computador e transcrevemos (no Microsoft Word) não somente os trechos nos quais foram registradas as ocorrências, mas as entrevistas completas. Para a etapa de transcrição, contamos com a colaboração de alguns transcritores e, por esse motivo, pré-estabelecemos algumas convenções para que fosse mantida a uniformidade entre as transcrições. As transcrições foram realizadas a fim de que pudessem refletir mais fielmente a fala dos informantes. Vejamos algumas das convenções estabelecidas e que são importantes para este estudo:

- a) As regras ortográficas em vigor não foram seguidas. Foi conservado, na medida do possível, o modo como o informante pronunciou as palavras. Marcamos quando houve ditongação (169) (nós>nóis; três>trêis; rapaz>rapaiz), redução de ditongo (170) (cabreiro>cabrêro; maneira>manêra), apagamento do /r/ final em verbos no infinitivo e em substantivos (171) (quiser>quisé; mulher>mulhé), alçamento de vogais (172) (se>si; te>ti).

(169) INF.: Ah... com certeza, olha... eu fui... eu fui com a minha mãe, eu fui por **trêis** vezes em Belém do Pará (...) **Nóis** encontramos um **rapaiz** que vinha com uma camisa no ombro, isso era tipo oito e meia, nove horas do dia, aí esse **rapaiz**, ele... (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

(170) INF.: Eu disse: 'não'... também eu tava com medo, né?! Meio **cabrêro**, com medo, aí... ele sentiu a minha **manêra** de falar e disse: 'Você não é... não é... não é paraense não'. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

(171) INF.: Não, porque hoje a **mulhé** só tem um filho se **quisé**, né, colega? (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

- (172) INF.: E si torna mais fácil, muito, muito mais fácil de que antes, antes tinha que **si** virá, seu pai e sua mãe tinha que **si** virá pra **ti** botá pra estudá. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

b) Marcamos já na transcrição quando houve ocorrência de variante do pronome **você**: **cê** (173); as variantes de **a gente** (174): **a hente** (175) e **a ente** (176); e a variante de **tu** (177): **ti** (178);

- (173) INF.: Claro tem... tem uma exceção, não abuso, mais si toda vez que o seu... seu filho chorá o senhô botá ele nas costa com um carro ou um troço e botá ele aí pra brincá com seu filho na rua, mais tarde **cê** vai chorá por ele. E **cê** vai chorá por ele ou **você** vai fazê, vê ele fazê a mãe de otro chorá. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 3.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

- (174) INF.: É um poco difícil, mais a gente tem que sabê lidá onde é que **a gente** mora, né? (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

- (175) D: E por quê que tu deixaste de trabalhá nisso, A.?  
INF.: Uma mudança, **a hente** termina às vezes optando pro outra coisa, né? Mais eu pretendo voltá de novo. (risos). Esse ano mesmo agora eu tô... eu tô com um atividade lá pra torná de novo e largá essa vida aqui da... da cidade (risos). (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

- (176) INF.: Não, num... num tem nem o que eu num gosto. Gosto de todas as.... é, num gosto muito é, assim, da violência como tem, né, hoje... que hoje **a ente** num pode tá... é... na... dento... até dento do ônibus, dento das parada, que tem assalto, tem aquilo, isso aí já é... num gosto, eu num gosto desse tipo. Já é um medo da gente... a gente já num anda à vontade, aí às vezes chega uma pessoa, a hente pensa que às vezes nem é do mal, já é do bem e hente já fica com aquela desconfiança, entendeu? É isso que é o meu num gostá. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

- (177) A cabeça do ser humano faiz coisa que **tu** não qué fazê e **tu** não tem o mínimo controle sobre ela. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

- (178) INF.: Hoje não, o governo hoje oferece até dinheiro, renda pra **ti** estudá e... tem pessoas que não querem... tem... garotos que não querem, largo o estudo pra í vagabundá na rua, né?! (córpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

c) A morfologia verbal realizada com os pronomes **tu** e **nós** foi transcrita tal qual foi utilizada.

- (179) INF.: Hoje... tem muitas oportunidades, né?! Como eu te falei ainda agora, hoje... hoje **tu** não **compra** mais um caderno, hoje **tu** não **compra** mais um lápis, hoje **tu** não **compra** mais uma farda, num compra mais um sapato, hoje tudo a escola dá, quer dizê, o governo dá. (córpus BARBOSA, 2015; homem, 2.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

- (180) INF.: Mais antigamente... eh... por isso que... eh... o o mundo vai passando, vai passando, quando a gente si espanta, a gente já é pai e a tecnologia vai avançando mais, né, e aí as criança de hoje não faiz mais aquelas brincadeira que **nóis fazia**, entendeu? (córpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 5.<sup>o</sup> ano)

Salientamos, ainda, que, por questões éticas, todas as vezes em que foram falados nomes de pessoas não públicas, sobretudo quando o documentador se dirigiu ao informante pelo nome, foi transcrita apenas a inicial do nome, em maiúscula, seguida de ponto.

Após a transcrição e marcação das ocorrências de indeterminação do sujeito, realizamos a tabulação (no programa Microsoft Excel) das sequências nas quais havia ocorrência. O Excel<sup>32</sup> tem como vantagem em relação a outros programas, uma maior facilidade no momento da codificação dos dados linguísticos, como, por exemplo, a utilização da ferramenta ‘filtro’ para a seleção de somente os dados que queremos observar naquele momento (as ocorrências de *tu* e *você*, por exemplo). Há, também, a possibilidade de utilização de fórmula para unir os fatores codificados, formando as cadeias de codificação. Aplicamos a fórmula apenas na primeira linha e o programa se encarrega de formar a cadeia dos fatores codificados em todas as outras. Após

<sup>32</sup> Veja-se no Apêndice 3 uma imagem do arquivo de dados, no Excel.



a formação das cadeias de codificação, iniciamos a etapa do tratamento estatístico dos dados.

#### 4.2.4 O programa estatístico

O programa que escolhemos para realizar o tratamento estatístico dos nossos dados é o programa GoldVarbX. Sua versão primeira, o *Varbrul* (Variable rules analysis), foi desenvolvido em 1978 por David Sankoff e Pascale Rousseau, com a finalidade de fazer o cruzamento matemático de variáveis (previamente analisadas e devidamente codificadas), com o intuito de verificar padrões de variação na língua.

O programa fornece informações importantes para a análise estatística dos dados, como os *percentuais* e os *pesos relativos* referentes às variáveis independentes correlacionadas à regra de aplicação de cada rodada. Ele indica quais são os grupos de fatores relevantes para o uso de cada uma das variáveis dependentes. Nesta pesquisa, utilizamos a versão *GoldVarbX*, que foi desenvolvida por Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005).

#### 4.3 As variáveis consideradas

O uso das formas linguísticas, como já vimos, não é feito de modo aleatório, ele se correlaciona a fatores internos à língua, a fatores externos a ela, aos dois ao mesmo tempo ou mesmo a questões discursivas. Nesta pesquisa, nosso foco será verificar se há influência de *fatores sociais*, como *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* no uso dos recursos indeterminadores do sujeito, por entendermos que fatores de ordem estritamente gramatical, ou seja, internos à língua, não estariam atuando de modo a influenciar no uso dos recursos indeterminadores (*cf.* CUNHA, 1993; MENON 1994). É possível que fatores de ordem discursiva atuem, de algum modo, no uso dos recursos indeterminadores, no entanto, nesta etapa da pesquisa, nos deteremos em observar a atuação dos *fatores sociais* no uso dos recursos em São Luís.

Ao realizar uma revisão de literatura acerca do fenômeno da indeterminação do sujeito em outras variedades do português, observamos que um dos grupos de fatores linguísticos testado é o *tempo verbal*. Em relação a esse grupo de fatores, já foi confirmado que o tempo prototípico da indeterminação do sujeito é realmente o *presente do indicativo*. Há estudos (cf. MILANEZ, 1982; MENON, 1994) que atestaram a presença significativa do *presente do indicativo* na indeterminação do sujeito, indicando que ele é uma das *características* desse fenômeno. Há casos de indeterminação do sujeito em tempos do passado e do futuro, mas nesses casos o caráter genérico vai depender necessariamente de outros fatores, como o *contexto de indeterminação* ou do *conteúdo hipotético*.

Por se tratar de uma característica *inerente* ao fenômeno da indeterminação e não de uma especificidade de algumas variedades do português, vimos que não haveria necessidade de considerar *tempo e modo verbal* como uma variável e realizar rodada estatística para comprovar algo que já foi comprovado como sendo *inerente* ao fenômeno. Decidimos verificar os tempos verbais dos verbos ligados aos recursos indeterminadores apenas com o intuito de apresentar a distribuição geral dos tempos verbais em porcentagem (cf. capítulo 5).

Sobre a influência do **sexo** na forma de utilizar a língua, Labov (2001) destaca que as mulheres em geral são as que mais costumeiramente utilizam as formas padrão e as que mais utilizam as formas inovadoras de prestígio. No caso da indeterminação, as formas consideradas padrão são **se** e ØV3PP, mas isso não implica dizer que as outras formas sejam desprestigiadas. Menon (1994, p.274) demonstrou a partir dos resultados alcançados em sua pesquisa sobre a indeterminação no português culto paulistano, que, de fato, há um maior conservadorismo por parte das mulheres. Tendo em vista esse papel das mulheres, nesta pesquisa testaremos os dados com o intuito de:

1. Verificar se são os homens ou as mulheres os quem mais tendem a indeterminar o sujeito em São Luís;
2. Verificar quais estratégias tendem a ser utilizadas pelos homens e quais tendem a ser utilizadas pelas mulheres.

A **idade** é outro fator que pode ser determinante na forma de falar das pessoas. Labov (1994) discorre a respeito da *análise em tempo aparente* de modo a demonstrar que é possível realizar uma verificação de diferentes etapas do uso da língua (possíveis processos de mudança em curso) realizando um estudo contemplando diferentes faixas etárias.

Foi considerando esse tipo de análise que selecionamos três diferentes faixas etárias para o estudo da indeterminação do sujeito em São Luís: 25 a 35 anos, 40 a 50 anos e mais de 55 anos. O que buscamos, em relação a essa variável é:

1. Investigar se existe diferença de uso dos recursos de indeterminação pelos falantes das diferentes faixas etárias e quais são elas;
2. Verificar qual é a faixa etária que mais indetermina o sujeito em São Luís;
3. Verificar se são os falantes mais velhos os que tendem a utilizar as formas consideradas padrão pela GT.

No que tange à **escolaridade**, acreditamos que ela seja a variável que mais exerça influência no uso das estratégias de indeterminação do sujeito. A fim de verificar a atuação desse grupo de fatores, trabalhamos com quatro níveis de escolaridade: até o 5.<sup>o</sup> ano, até o 9.<sup>o</sup> ano, com ensino médio completo (11 anos de escolarização) e com ensino superior completo (14-17 anos de escolarização, conforme o curso).

Ainda não há estudos que atestem o grau de abstração necessário dos falantes para fazerem uso de formas linguísticas específicas (como a indeterminação do sujeito, por exemplo). No entanto, no que diz respeito ao efeito da *escolaridade* atuando na utilização de recursos de indeterminação do sujeito, entendemos que o nível de abstração necessário para que o falante indetermina o sujeito cresce à medida que cresce o seu nível de escolarização. Desse modo, os falantes mais escolarizados tenderiam a indeterminar mais o sujeito que os informantes menos escolarizados. As nossas hipóteses em relação à escolaridade são, portanto, as seguintes:

1. À medida que a escolarização aumenta, há uma maior tendência a se indeterminar o sujeito;
2. Os mais escolarizados são os que mais tendem ao uso dos recursos prescritos pela GT.

#### 4.4 Dados desconsiderados

Os casos que geraram dúvidas quanto à classificação foram tratados de acordo com o que sistematizou Menon (1994): além de verificarmos se a referência não estaria antes ou mesmo depois do possível dado, substituímos pelo se. Menon destaca:

O teste mais categórico para se verificar se uma determinada expressão é indeterminadora, é comutá-la por se. Se o sentido for/permanecer indeterminador, pode se considerar que a forma em questão é um recurso de indeterminação. (MENON, 2011, p.24)

Assim, em nosso corpus, quando o caráter indeterminado foi, de fato, identificado, consideramos o dado; quando não foi, desconsideramos. Convém salientar que, quando houve dúvidas sobre o caráter genérico de algum recurso, procuramos um possível referente nos *dez turnos de fala* anteriores e/ou posteriores à ocorrência. Vejamos os casos desconsiderados:

- a) Casos em que o sujeito é indefinido, ou seja, representante de um conjunto (*cf.* MENON, 1994), como *alguém, ninguém, todos, todo mundo, ser humano*:

- (181) INF.: Vai usufruir do que o cara teve a vida inteira, sendo que **ninguém** gostava do cara, ou era contra a vida do cara, o que ele fazia, o que ele deixava de fazer. Então eu acho que na verdade demorou bastante, fico feliz que as coisas estejam mudando, um pouco, né, porque na verdade a sociedade, ela acabou encurralando as pessoa que, que precisam mudar isso... (corpus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

(182) D: E em relação às brincadeiras, vocês brincavam de quê, assim, tu acha que era diferente, das brincadeiras das crianças...

INF.: De hoje? É, não sei si é porque a gente acaba crescendo e si afasta um pouco da realidade, e... eu acho que o **ser humano** de forma natural têm a tendência de... ter uma outra perspectiva e achar que as crianças não fazem mais as mesmas coisas. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

- b) Casos e que não conseguimos distinguir se o 'ter' é variante de 'haver' ou é uma retomada do sujeito:

(183) D: É? Por quê?

INF.: É. Ah, porque já são os bairros já melhorzinho, a pessoa já vê com outros olhos, já não tem aquela indiferença, né? Que geralmente quando você mora num bairro desse, né, **tem** aquela diferença "Não, sô do subúrbio" Aqui não, lá não, é um bairro totalmente diferente, até porque pelo convívio social, né, e também pelas estrutura do lugá também, né? Lá um bairro é melhó, as casas, os ambiente pra você convivê. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

- c) Os casos em que o pronome indeterminado não desempenha função de sujeito. Em (184) e (185) *a pessoa* é objeto:

(184) D: Tu acha que si o chefe fô muito autoritário, muito muito zangado, si ele ficá brigando o tempo intero, tu acha que isso atrapalha muito?

INF.: Um poco, descon(=desconcentra) desconcentra **a pessoa**. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

(185) INF.: Isso aí si pudesse... qué dizé tinha que tê, né, eh... transporte urbano, era o que melhoraria, tê o... ônibus também é complicado, mais eu acho que é tê um transporte que saísse levando **a pessoa** lá do Cohatrac pro Centro, do Centro lá pra... pra Guajajaras, sabe? (...) (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 2.<sup>a</sup> faixa etária, ensino superior)

- d) Quando na pergunta feita pelo documentador há recurso indeterminado, caracterizando o efeito gatilho:

(186) D: Tu acha que **a pessoa** si sentí útil faiz muito bem.

INF.: Faz. Faiz bem pra humanidade. **A pessoa** si sente bem mais eh independente... na questão de quem depende de pai, né? Independente

quanto ao dinheiro. (cópus BARBOSA, 2015; mulher, 1.<sup>a</sup> faixa etária, ensino médio)

- e) Quando o informante repete um recurso e há um único verbo, consideramos somente a estratégia ligada ao verbo:

(187) INF.: A música é fundamental, alegre a alma, né?

D: É?

INF.: Exatamente. Quando você ouve uma música boa **você... você...** você viaja, né? [risos]. Alegre muito a... a alma da gente, mesmo com a música sendo bem... bem feita, entendeu? E é muito bom isso, que tivesse isso nas escolas, né, é muito importante que tivesse... pelo menos... (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

- f) Quando a estratégia de indeterminação está presente em trechos cuja ideia do informante não é concluída (por interrupção do documentador ou por correção do informante):

(188) D: Tu acha que mudô por quê? Tu acha que piorô por quê?

INF.: Ah, as pessoas... facilidade de comprá... de comprá carro, né? **As pessoas** vão... como a facilidade é muito grande, as pessoas vão terminando comprando, comprando e aí encheu a cidade. (cópus BARBOSA, 2015; homem, 1.<sup>a</sup> faixa etária, 9.<sup>o</sup> ano)

Faremos, no capítulo seguinte, a análise quantitativa e qualitativa da indeterminação no português falado em São Luís, levando em consideração as variáveis descritas neste capítulo.

## 5. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo apresentaremos detalhadamente a realização do fenômeno da indeterminação do sujeito no falar ludovicense. Ao todo, foram analisados **3.804** dados de sujeito indeterminado.

Inicialmente, veremos a distribuição geral das ocorrências, em porcentagem e, em seguida, apresentaremos os resultados de todas as rodadas binárias (*eu versus* todos os outros recursos amalgamados, *tu versus* todos, *você versus* todos, *a gente versus* todos, *eles versus* todos, *ØV3PS versus* todos, *ØV3PP versus* todos, *se versus* todos e *FNs versus* todos). Na última parte do capítulo veremos a distribuição geral (apenas frequência) de cada uma *FN* levando em consideração os fatores sociais.

### 5.1 Visão geral dos dados

Vejamos, nesse primeiro momento, o panorama geral dos números absolutos de ocorrência e suas respectivas porcentagens. Conforme veremos na tabela a seguir, houve a utilização de 10 estratégias de indeterminação do sujeito: *você*, *ØV3PS*, *FNs*, *tu*, *a gente*, *ØV3PP*, *se*, *eles*, *eu* e *nós*.

**Tabela 01** – Frequência das variantes

<b>VARIANTES</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
<b>Você</b>	1.127	29,6
<b>ØV3PS</b>	872	22,9
<b>FNs</b>	560	14,7
<b>Tu</b>	371	9,8
<b>A gente</b>	338	8,9
<b>ØV3PP</b>	188	4,9
<b>Se</b>	158	4,2
<b>Eles</b>	149	3,9
<b>Eu</b>	31	0,8
<b>Nós</b>	10	0,3
<b>TOTAL</b>	<b>3.804</b>	

Podemos observar que o recurso indeterminador *você* foi o mais frequente em nosso *cópus*, com um total de 1.127 dados, correspondendo a 29,6% do total das ocorrências. Por meio de nossa percepção de falante dessa variedade do português e tendo em vista os resultados de outras pesquisas, supúnhamos que o *você* seria o recurso mais frequente em nosso *cópus*.

Apresentando a segunda maior frequência de uso, vêm as 872 ocorrências de *ØV3PS*, correspondendo a 22,9% do total dos dados. A pesquisa realizada por Santana (2006) também revelou ser o *ØV3PS* o segundo recurso mais frequente no português rural falado no semiárido baiano. Essa expressiva quantidade de dados que nossos resultados revelaram talvez se deva ao formato do roteiro da entrevista, que contemplou várias perguntas que envolviam o ensino de algum procedimento (como fazer alguma receita típica, alguma simpatia, como chegar a um determinado lugar). Essas são perguntas que, em geral, apresentam uma grande quantidade de uso de estratégias, sobretudo dessa.

Em terceiro lugar vêm as FNs - *nego, neguinho, neguim, negada, o camarada, pessoa, a(s) pessoa(s), pessoal, o pessoal, o povo, cara, o(s) cara(s) e a galera* -, com 560 ocorrências, apresentaram uma porcentagem de 14,7%. Conforme já assinalamos, consideramos como FNs os 84 casos de *ele* e *ela*, pois se configuraram com uma retomada anafórica das FNs.

O *tu* genérico foi registrado 371 vezes, representando 9,8% das ocorrências. Já prevíamos, com base nos resultados de Barbosa (2013), que em relação ao *você*, o número de ocorrências de *tu* seria menor em São Luís<sup>33</sup>. O *a gente* genérico foi registrado 338 vezes em nosso *cópus*, correspondendo a 8,9% das estratégias. O *nós*, por sua vez, foi registrado apenas dez vezes, representando 0,3% do total.

As estratégias consideradas canônicas pela GT apresentaram uma pequena porcentagem de ocorrência: *ØV3PP*, com 188 dados, totalizou 4,9%; e o *se* apresentou 158 ocorrências, totalizando 4,2% dos dados. Acreditamos que essa pequena porcentagem e uso do *se* deva-se ao fato de que é uma

---

<sup>33</sup> Já vimos anteriormente que não foi possível utilizar as entrevistas do ALiMA como *cópus* desta pesquisa porque elas não geram contextos suficientes para demonstrar a diversidade de recursos que há para indeterminar o sujeito em São Luís. Por outro lado, quando se trata dos recursos genéricos de 2.<sup>a</sup> pessoa do singular, as entrevistas se apresentaram bastante produtivas (cf. BARBOSA, 2013). Por esse motivo, os resultados de Barbosa (2013) para a segunda pessoa já nos indicou o que possivelmente encontraríamos nesta pesquisa.



estratégia geralmente utilizada em contextos orais mais formais e, também nos contextos formais na escrita.

O *eles* foi registrado 149 vezes, com uma porcentagem de 3,9%. Já o pronome *eu* apresentou uma porcentagem de 0,8% do total, com 31 ocorrências. Prevíamos ser essa estratégia a menos frequente em nosso *cópus*, uma vez que, a nosso ver, é a estratégia que requer, entre outras coisas, um maior nível de abstração. Em outros *corpora* também foi uma dos recursos menos frequentes.

Antes de passarmos para a análise das rodadas estatísticas, queremos tecer alguns comentários a respeito dos tempos verbais. Vimos anteriormente que o tempo prototípico da indeterminação do sujeito é o presente do indicativo, podendo, ainda, haver uso da indeterminação em outros tempos verbais, mas, nesses casos, o caráter genérico depende necessariamente de outros fatores, como o *contexto de indeterminação* ou do *conteúdo hipotético*. Os nossos resultados, de fato, mostraram um uso majoritário do presente do indicativo. Das 3.804 ocorrências de sujeito indeterminado, 2.446 foram no presente do indicativo, correspondendo, portanto, a 64,5% do total.

Findadas essas primeiras observações sobre a frequência das estratégias de indeterminação do sujeito no falar ludovicense, passemos para a análise qualitativa e quantitativa dos nossos dados.

## 5.2 As rodadas estatísticas

Nesta parte da análise dos dados, temos o objetivo de verificar o comportamento das variantes, observando se há influência das variáveis *sexo*, *faixa etária* e *escolaridade* no uso de cada uma delas no português falado em São Luís. Para isso, realizamos rodadas binárias pondo, em cada uma delas, um recurso em oposição aos demais recursos amalgamados. Damos um código à variante que seria a regra de aplicação daquela rodada e outro código para todos os outros recursos.

Nesta etapa da análise, retiramos os dados de *nós* por causa do número muito reduzido (apenas 10) de ocorrências. Esse pequeno número não

nos permitiria investigar aquilo que, de fato, atua no uso desse recurso indeterminador.

Convém ressaltar, ainda, que não houve nocaute em nenhuma das rodadas, o que significa dizer que as nove variantes foram encontradas na fala de ludovicenses de todos os sexos, todas as faixas etárias e de todos os níveis de escolaridade, independente da frequência de uso e de qual estratégia é a mais recorrente em cada perfil de informante.

Na tabela a seguir, apresentamos os grupos de fatores selecionados em todas as rodadas, de acordo com a ordem de relevância:

**Tabela 02** – Grupos de fatores selecionados nas rodadas.

RODADAS	ORDEM DE RELEVÂNCIA		
	1.º	2.º	3.º
<b>EU vs TODOS</b>	Escolaridade	-	-
<b>TU vs TODOS</b>	Escolaridade	Sexo	-
<b>SE vs TODOS</b>	Escolaridade	Faixa etária	-
<b>FNs vs TODOS</b>	Escolaridade	Faixa etária	-
<b>VOCÊ vs TODOS</b>	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
<b>A GENTE vs TODOS</b>	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
<b>ELES vs TODOS</b>	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
<b>ØV3PS vs TODOS</b>	Sexo	Escolaridade	Faixa etária
<b>ØV3PP vs TODOS</b>	Faixa etária	-	-

Os resultados apresentados nessa tabela nos mostram que as variáveis *escolaridade* e *sexo* estão se destacando, pois estão, majoritariamente, em primeiro lugar na ordem de seleção. Há uma evidente polarização da variável *escolaridade* para o uso de quatro recursos e da

variável *sexo* também para o uso de quatro recursos. A variável *faixa etária* apareceu como balizadora em primeiro lugar apenas para uma variante.

Conforme apresenta a tabela 02, a *escolaridade* foi selecionada como mais relevante para o uso de *eu*, *tu*, *se* e *FNs*; o *sexo* foi selecionado como mais favorecedor do uso de *você*, *a gente*, *eles* e  $\emptyset V3PS$ ; e a *faixa etária* foi selecionada como mais favorecedora do uso de  $\emptyset V3PP$ .

Quando consideramos as variáveis selecionadas em segundo lugar, a variável *faixa etária* foi majoritária, o que a caracteriza como um fator de relevância de segunda ordem. Essa variável foi selecionada como o segundo fator que mais atua no uso de cinco variantes: *se*, *FNs*, *você*, *a gente* e *eles*. O *sexo* foi selecionado como segundo mais relevante apenas no uso de *tu*, e a *escolaridade* foi selecionada em segundo apenas no uso de  $\emptyset V3PS$ .

A *escolaridade* foi selecionada em terceiro para o uso de *você*, *a gente* e *eles*. É interessante observar que quando a *escolaridade* não foi selecionada em primeiro lugar, ela foi majoritária em terceiro. A *faixa etária* também foi selecionada em último lugar para o uso de  $\emptyset V3PS$ .

Dividimos a discussão desses resultados de acordo com a ordem de relevância dos grupos de fatores. A primeira parte versará sobre os resultados dos recursos que tiveram a *escolaridade*, o *sexo* ou a *faixa etária* como a variável mais relevante. A segunda parte versará sobre os resultados dos recursos que tiveram *faixa etária*, *sexo* ou *escolaridade* como segunda variável mais relevante. E, na última, veremos os resultados dos recursos que tiveram *escolaridade* ou *faixa etária* como terceira variável mais relevante.

## 5.2.1 Fatores selecionados como mais relevantes

### 5.2.1.1 Escolaridade: primeiro mais relevante

Em nosso *cópus* consideramos quatro níveis de escolaridade: até o 5.<sup>o</sup> ano, até o 9.<sup>o</sup> ano, com o ensino médio completo e com o ensino superior completo. A tabela que segue apresenta os resultados dos recursos que tiveram um desses grupos de fatores como o mais relevante. Os números em **negrito** correspondem aos pesos relativos.

**Tabela 03:** Resultados de *eu*, *tu*, *se* e *FNs* segundo a escolaridade dos informantes.

	<b>EU</b>	<b>SE</b>	<b>TU</b>	<b>FNs</b>
<b>até o 5.º ano</b>	4/652 = 0,6% <b>0,48</b>	23/652 = 3,5% <b>0,45</b>	69/652 = 10,6% <b>0,55</b>	82/652 = 12,6% <b>0,46</b>
<b>até o 9.º ano</b>	2/850 = 0,2% <b>0,26</b>	21/850 = 2,5% <b>0,39</b>	56/850 = 6,6% <b>0,40</b>	109/850 = 12,8% <b>0,46</b>
<b>Ensino médio</b>	7/949 = 0,7% <b>0,51</b>	33/949 = 3,5% <b>0,45</b>	80/949 = 8,4% <b>0,46</b>	157/949 = 16,5% <b>0,54</b>
<b>Ensino superior</b>	18/1.343 = 1,3% <b>0,65</b>	81/1.343 = 6% <b>0,62</b>	166/1.343 = 12,4% <b>0,56</b>	212/1.343 = 15,8% <b>0,51</b>
<b>TOTAL</b>	31/3.794 = 0,8%	158/3.794 = 4,2%	371/3.794 = 9,8%	560/3.794 = 14,8%
	Input: 0,008 Signif.: 0,006	Input: 0,032 Signif.: 0,000	Input: 0,083 Signif.: 0,020	Input: 0,244 Signif.: 0,000

Analisando os resultados dessa tabela, o que nos chama a atenção inicialmente é que os falantes que possuem o ensino superior tendem ao uso dos quatro recursos; os que têm o ensino médio são os que tendem ao uso de **eu** e das **FNs**; os que possuem o 5.º ano são os que tendem ao uso do **tu**; e os que têm o 9.º não favorecem o uso de nenhum deles.

Em uma amostra constituída por 3.804 dados, as 31 ocorrências de **eu** não chegam a 1% do total. *A priori*, pensamos em não realizar rodada estatística com esse recurso por causa do número pequeno de dados. Optamos, então, por fazer uma rodada teste a fim de observar se haveria uma distribuição uniforme dos dados e, caso houvesse, daríamos prosseguimento à rodada para obtenção dos pesos relativos. Realizamos a primeira etapa da rodada e constatamos a boa distribuição dos dados e, por isso, prosseguimos com o tratamento estatístico.

Embora o **eu**<sup>34</sup> tenha registrado um número pequeno de dados, apresentou um resultado bastante significativo, visto que a única variável

<sup>34</sup> Outros trabalhos também demonstraram um pequeno número de dados de **eu** genérico: Godoy (1999) encontrou 132 ocorrências em um total de 6.826 dados; Carvalho (2008) encontrou 18 ocorrências em um total de 2.595.

relevante para o seu uso é a *escolaridade*. São os falantes com ensino superior os que mais tendem ao uso do **eu** genérico, com um peso relativo de 0,65. Os falantes com o ensino médio apresentaram um peso relativo de 0,51, indicando, ainda que pequena, uma tendência ao uso desse recurso. Já os resultados para o 5.º ano (0,48) indicam um leve desfavorecimento da regra de aplicação; e os resultados para o 9.º ano (0,26) indicam um forte desfavorecimento do uso desse recurso. Talvez um número maior de dados de **eu** nos daria subsídios para uma análise mais aprofundada do uso desse recurso no português ludovicense, sobretudo pelos falantes com ensino fundamental.

Convém salientar que Menon (1994, p.287) demonstrou, com base nos dados do NURC/SP, que, dentre *elocuções formais*, *diálogo entre entrevistador e informante* e *diálogo entre informantes*, o uso do **eu** genérico foi mais recorrente em *elocuções formais*, ou seja, onde há o uso de uma linguagem mais culta e onde há um *contexto* (aulas e conferências) mais propício à sua ocorrência. Como já vimos, o emprego desse recurso exige um maior grau de abstração por parte dos falantes, e, por isso, há uma maior recorrência na fala dos mais escolarizados. Levando em consideração o resultado ao qual chegou Menon e também nossos resultados, é possível inferir que o uso do *eu* genérico pelos mais escolarizados se trate realmente de uma tendência geral no português brasileiro.

Os informantes com ensino superior completo são os que tendem ao uso do **se** em São Luís, com um peso relativo de 0,62. Esse resultado talvez possa ser explicado pelo fato de o **se** ser um dos recursos indeterminadores mais antigos na língua ou, ainda, pode ser um reflexo do ensino gramatical que prescreve esse recurso como possibilidade de indeterminação do sujeito.

Sobre o uso do **tu** genérico em São Luís, os resultados nos mostram que são os falantes do 5.º ano (0,55) e do ensino superior (0,56) os que mais tendem a utilizá-lo. São, portanto, os mais escolarizados e os menos escolarizados os que tendem a esse uso. Os falantes com 9.º ano são os que mais apresentam desfavorecimento do uso do **tu** genérico, com um peso relativo de 0,40. Já os que possuem ensino médio, apresentaram um peso de 0,46, indicando um desfavorecimento mais leve se comparado ao do 9.º ano.

Esse resultado nos faz inferir que o uso do **tu** pelos menos e pelos mais escolarizados poderia representar um indício de uma identidade social assumida pelos falantes ludovicenses. Um fator que poderia estar agindo de modo a desfavorecer uso do **tu** nos níveis intermediários é a questão da concordância. O contato com a escola e com as regras de concordância poderia estar atuando de modo a restringir esse uso; então em vez de realizar a concordância canônica de segunda pessoa, os falantes com os graus intermediários utilizam outros recursos. Convém salientar que dos 371 casos de **tu** genérico, apenas 8 apresentaram concordância canônica de segunda pessoa, e todos foram registrados na fala dos ludovicenses com ensino superior. Esse pequeno número indica que, pelo menos em situação não formais (como o caso das entrevistas), o **tu** genérico tende a ser usado sem a concordância canônica pelos ludovicenses em geral.

Em relação às **FNs**, podemos observar um comportamento distinto entre os falantes que possuem ensino fundamental e os falantes com ensino médio e superior. Os dois primeiros níveis apresentam um leve desfavorecimento do uso das **FNs**, ambos com peso de 0,46. Já os dois níveis de ensino mais altos apresentam uma leve tendência ao uso das **FNs**: o ensino médio com peso de 0,54 e o ensino superior com um peso de 0,51. Não há uma distância tão representativa entre os pesos favorecedores e desfavorecedores, indicando que as **FNs** são um recurso de indeterminação utilizado de modo relativamente homogêneo pelos ludovicenses com diferentes graus de escolaridade.

#### 5.2.1.2 **Sexo: primeiro mais relevante**

O sexo dos informantes foi a primeira variável selecionada como a mais favorecedora no uso dos seguintes recursos genéricos: **você, eles, a gente** e **ØV3PS**. Vejamos os resultados das rodadas na tabela que segue.

**Tabela 04:** Resultados de *you*, *a gente*, *they* and *ØV3PS* according to the sex of the informants.

SEXO	VOCÊ	ELES	A GENTE	ØV3PS
<b>Homens</b>	700/1.861 = 37,6% <b>0,60</b>	46/1.861 = 2,5% <b>0,38</b>	114/1.861 = 6,1% <b>0,39</b>	327/1.861 = 17,6% <b>0,41</b>
<b>Mulheres</b>	427/1.933 = 22,1% <b>0,40</b>	103/1.933 = 5,3% <b>0,61</b>	224/1.933 = 11,6% <b>0,59</b>	545/1.933 = 28,2% <b>0,58</b>
<b>TOTAL</b>	1.127/3.794 = 29,7%	149/3.794 = 3,9%	338/3.794 = 8,9%	872/3.794 = 23%
	Input: 0,244 Signif.: 0,000	Input: 0,026 Signif.: 0,034	Input: 0,064 Signif.: 0,008	Input: 0,151 Signif.: 0,001

Entre os quatro recursos genéricos em que *sexo* foi selecionado como mais relevante, há um comportamento linguístico bem parecido em três: são as mulheres que mais tendem ao uso de **eles** (0,61), **a gente** (0,59) e **ØV3PS** (0,58); e os pesos apresentados pelos homens para o uso desses recursos, além de serem distantes do ponto neutro, são bem distantes dos pesos apresentados pelas mulheres, demonstrando, portanto, grande desfavorecimento no uso dessas variantes pelos homens. O **você** genérico, por outro lado, apresentou um comportamento distinto desses três recursos, mostrando que são os homens os que mais tendem ao seu uso, com um peso de 0,60.

Se são as mulheres que estão à frente em relação ao uso do **eles**, **a gente** e **ØV3PS** genéricos, significa que esses recursos podem apresentar certo prestígio social ou, ao menos, não apresentam marca de desprestígio. Por ser mais recorrente na fala dos homens, o **você** genérico pode apresentar um uso mais marcado que o uso de **eles**, **a gente** e **ØV3PS** genéricos em São Luís. A distância de 0,20 entre os pesos dos homens (0,60) e das mulheres (0,40) indica que há um uso bastante polarizado do **você** genérico pelos homens havendo, de certo modo, uma restrição no uso desse recurso pelas mulheres ludovicenses. Os resultados mostram que as mulheres também fazem uso do **você** genérico, mas tendem muito mais ao uso de outras variantes.

Sobre o **eles** genérico, são as mulheres as que mais tendem a usá-lo, com um peso relativo de 0,61 e isso significa que são elas as que mais estão preenchendo o sujeito em São Luís. Os homens se mostraram bem desfavorecidos da regra de aplicação, com um peso de 0,38 (com uma distância de 0,23 do peso relativo das mulheres), indicando uma polarização também das mulheres no uso do **eles**. Isso demonstra que o recurso é mais prestigiado (ou não apresenta desprestígio social), porque em termos de variação e mudança, são as mulheres que, em geral, encabeçam a mudança.

Em relação ao **a gente** genérico, vimos que quem tende a usá-lo são as mulheres<sup>35</sup>, com um peso de 0,59, e que os homens tendem a um desfavorecimento por apresentarem um peso de 0,39. Há, portanto, um uso também bem polarizado pelas mulheres, tendo em vista a distância de 0,20 entre os pesos delas e o dos homens.

Dos resultados apresentados, o **ØV3PS** foi o que apresentou uma menor distância entre os pesos das mulheres (0,58) e dos homens (0,41): 0,17, mas que ainda assim representa uma distância bem significativa. Há, portanto, uma tendência evidente de uso desse recurso pelas mulheres e um significativo desfavorecimento pelos homens.

### 5.2.1.3 Faixa etária: primeiro mais relevante

A seleção dessa variável, e somente dela, para o uso de **ØV3PP** evidencia o papel fundamental que a faixa etária exerce no uso desse recurso genérico, sobretudo se levarmos em consideração os resultados de **eles** genérico, cuja maior incidência foi registrada nas duas primeiras faixas etárias (*cf.* Tabela 06). Vejamos os resultados de **ØV3PP** de acordo com a faixa etária:

---

<sup>35</sup> Outras pesquisas também apresentaram resultados demonstrando um uso mais recorrente do *a gente* genérico pelas mulheres: Menon (1994, p.274) apontou um peso de 0,64; Godoy (1999) apresentou um peso de 0,58; e Setti (1997), um peso de 0,63.



**Tabela 05:** Resultados de ØV3PP segundo a faixa etária dos informantes.

FAIXA ETÁRIA	ØV3PP
1. <sup>a</sup> faixa etária	$71/1.382 = 5,1\%$ <b>0,55</b>
2. <sup>a</sup> faixa etária	$41/1.154 = 3,6\%$ <b>0,41</b>
3. <sup>a</sup> faixa etária	$76/1.258 = 6\%$ <b>0,51</b>
<b>TOTAL</b>	$188/3.794 = 5\%$
	Input: 0,027 Significância: 0,022

Os resultados nos mostram que a primeira e a última faixa etária são as que tendem ao uso de ØV3PP, sendo a primeira (0,55) um pouco mais favorecedora que a terceira (0,51). Como veremos no tópico seguinte, são os mais jovens os que lideram o uso do **eles** genérico, ou seja, que usam o recurso já com o preenchimento do sujeito. Já os mais velhos utilizam mais o ØV3PP do que o **eles** porque talvez, na época da aquisição da língua, ainda não fosse atuante a regra de preenchimento do sujeito. Conforme vimos no capítulo 2, o processo de preenchimento do sujeito é lento, porém uma análise em tempo aparente, como essa, já nos fornece pistas de que esse processo de mudança está em curso (cf. DUARTE, 2003).

A segunda faixa etária está usando menos o ØV3PP e isso pode significar que quando os informantes dessa faixa etária estiverem na terceira, o menor peso relativo para o uso desse recurso será o dela e, assim, correlativamente, a nova faixa etária 1 poderá usá-lo ainda menos.

### 5.2.2 Fatores selecionados em segundo lugar

Tendo visto as variáveis que atuam mais diretamente no uso dos recursos de indeterminação, veremos agora quais são aquelas que atuam de modo secundário. Conforme já vimos, o **eu** e o ØV3PP apresentaram apenas

uma variável como sendo condicionadora de seus usos, portanto, não constarão nas próximas etapas da análise.

### 5.2.2.1 Faixa etária: segundo mais relevante

A *faixa etária* atuou de modo secundário no uso dos seguintes recursos genéricos: **você**, **a gente**, **eles**, **se** e **FNs**. Como vimos, o **você**, **eles** e **a gente** têm como variável mais relevante o **sexo** e as **FNs** têm a *escolaridade*. A tabela que segue apresenta os resultados das cinco rodadas em que *faixa etária* foi selecionada em segundo lugar:

**Tabela 06:** Resultados de *você*, *se*, *a gente*, *eles* e *FNs* segundo a faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ	SE	A GENTE	ELES	FNs
1. <sup>a</sup> faixa etária	438/1.382 = 31,7% <b>0,49</b>	31/1.382 = 2,2% <b>0,35</b>	112/1.382 = 8,1% <b>0,51</b>	70/1.382 = 5,1% <b>0,62</b>	221/1.382 = 16% <b>0,54</b>
2. <sup>a</sup> faixa etária	282/1.154 = 24,4% <b>0,44</b>	70/1.154 = 6,1% <b>0,60</b>	152/1.154 = 13,2% <b>0,62</b>	50/1.154 = 4,3% <b>0,55</b>	169/1.154 = 14,6% <b>0,49</b>
3. <sup>a</sup> faixa etária	401/1.258 = 32,4 % <b>0,56</b>	57/1.258 = 4,5% <b>0,56</b>	74/1.258 = 5,9% <b>0,38</b>	29/1.258 = 2,3% <b>0,32</b>	170/1.258 = 13,5% <b>0,46</b>
TOTAL	1.127/3.794 = 29,7%	158/3.794 = 4,2%	338/3.794 = 8,9%	149/3.794 = 3,9%	560/3.794 = 14,8%
	Input: 0,027 Signif.: 0,022	Input: 0,032 Signif.: 0,000	Input: 0,064 Signif.: 0,008	Input: 0,026 Signif.: 0,034	Input: 0,244 Signif.: 0,000

O que nos chama a atenção inicialmente nos resultados da tabela 06 é: os falantes da faixa etária 1 tendem ao uso de **eles**, **a gente** e das **FNs**; os que estão na faixa etária 2 tendem ao uso de **se**, **a gente** e **eles**; e os que estão na faixa etária 3 tendem ao uso de **você** e do **se**. O **se**, **a gente** e **eles** apresentam uma boa distribuição em duas faixas etárias e a faixa etária que se apresenta como desfavorecedora do uso de cada uma delas apresenta um

peso relativo bem distante dos pesos favorecedores (o **se** apresenta uma distância de 0,21; o **a gente**, uma distância de 0,13 e o **eles**, uma distância de 0,23).

A distribuição do uso do **você** genérico entre as faixas etárias se mostrou relativamente homogênea. Os falantes da faixa etária 3 foram os que apresentaram uma tendência ao uso desse recurso, com um peso relativo de 0,56; já os falantes da primeira faixa etária, com um peso de 0,49, nem favorecem, nem desfavorecem o uso do **você**. A faixa etária 2 foi a que apresentou um menor peso relativo (0,44) para o uso do **você**, demonstrando um desfavorecimento do uso desse recurso por essa faixa etária em São Luís.

Os falantes da faixa etária 2 são os que mais se apresentam favoráveis ao uso do **se**, com um peso relativo de 0,60. Logo em seguida vêm os falantes que estão na última faixa etária, com um peso relativo de 0,56. É interessante notar que a faixa etária 1 apresenta um peso relativo de 0,35, demonstrando um grande desfavorecimento no uso desse recurso. Já os outros recursos apresentam um uso significativamente maior nessa faixa etária.

São os falantes da faixa etária intermediária que se mostraram mais favorecedores do uso do **a gente** genérico, com um peso de 0,62. Os que são da primeira faixa etária apresentaram um peso de 0,51, indicando um leve favorecimento de uso desse recurso. Já os mais velhos desfavorecem a regra de aplicação por apresentarem um peso bastante baixo: 0,38. Se pudéssemos ter testado o uso do **nós** genérico, buscaríamos verificar se são os mais velhos os que estariam tendendo ao seu uso. Houve o registro de 10 ocorrências de **nós** genérico, sendo uma ocorrência na faixa etária 1, quatro na faixa etária 2 e cinco na faixa etária 3.

De acordo com a tabela 06, podemos observar que primeira faixa etária é a que lidera o uso do **eles** genérico, com um peso de 0,62, seguida da segunda faixa etária, com um peso de 0,55. São, portanto, as faixas etárias mais jovens que tendem ao uso desse recurso, embora para **ØV3PP** (conforme vimos na página 95) a faixa etária 1 também seja levemente favorecedora. A faixa etária três, por sua vez, não tende ao uso do **eles** (0,32), porque, como já vimos, na época em que eles eram mais jovens, a regra do preenchimento do sujeito ainda não era tão vigente no português brasileiro como é atualmente. Já

havia, em relação a outras épocas, certo preenchimento e não apenas com o **eles**, mas com os demais pronomes (cf. DUARTE, 1995; 2003).

Na análise de **ØV3PP**, cujo fator mais importante foi justamente a faixa etária, vimos que os mais velhos são os que tendem ao uso de **ØV3PP** e são os falantes das duas primeiras faixas etárias os que tendem ao uso do **eles** como recurso indeterminador. Há, inclusive, uma diminuição no peso relativo para o uso de **eles** à medida que a faixa etária aumenta, indicando uma menor tendência ao preenchimento pelos mais velhos.

Sobre o uso das **FNs**, houve certa homogeneidade na distribuição dos dados, não havendo uso polarizado em nenhuma das faixas etárias (a maior diferença, de 0,08, fica entre a faixa etária 1 e a faixa etária 3). À medida que a faixa etária aumentou, os pesos relativos do uso dessa variante foram diminuindo. Assim, os falantes da faixa etária 1 são os que mais tendem a utilizar as **FNs**, com um peso de 0,54.; os da faixa etária 2 apresentaram um peso (0,49), praticamente no ponto neutro, não sendo nem favorecedores, nem desfavorecedores da regra de aplicação; e os falantes da faixa etária 3, com um peso de 0,46 desfavorecem levemente o uso das **FNs** em São Luís.

#### 5.2.2.2 Sexo: segundo mais relevante

O **tu** genérico foi o único recurso que teve sexo selecionado como sendo a segunda variável mais relevante. Anteriormente vimos que a variável que mais atua no uso desse recurso foi a *escolaridade*, sendo os menos e os mais escolarizados os que tendem a usá-lo. Na tabela que segue, veremos os resultados de **tu** genérico de acordo com o sexo dos informantes:

**Tabela 07:** Resultados *tu* genérico segundo o sexo dos informantes.

SEXO	TU
Homens	$209/1.861 = 11,2$ <b>0,54</b>
Mulheres	$162/1.933 = 8,4$ <b>0,45</b>
TOTAL	$371/3.794 = 9,8\%$
	Input: 0,083 Signif.: 0,020

De acordo com a tabela 07, podemos verificar que os homens apresentam um peso de 0,54 para o uso do **tu**, enquanto as mulheres apresentam um peso de 0,45. São, portanto, os homens os que mais tendem ao uso do **tu** genérico em São Luís. Observamos, ainda, que os pesos apresentados por ambos os sexos estão relativamente próximos ao ponto neutro e que o distanciamento entre os pesos é de apenas 0,09, o que não representa uma polarização tão grande no uso dessa variante.

Em relação aos resultados do uso do **você**, demonstrado na tabela 04 (p. 93), vimos que os homens são os que mais tendem ao uso desse recurso e que nesse caso, a polarização entre os sexos foi bastante significativa: o peso dos homens foi 0,60 e o peso das mulheres, 0,40, uma diferença de 0,20 entre eles. Há, então, um favorecimento dos homens em relação ao uso do **tu** e do **você** genéricos, enquanto as mulheres desfavorecem o uso de ambos os recursos, apresentando, no entanto, um peso um pouco maior para o uso do **tu**.

#### 5.2.2.3 Escolaridade: o segundo mais relevante

A *escolaridade* dos informantes se apresentou como a variável que atua de modo secundário no uso de apenas um recurso indeterminador, o **ØV3PS**. Conforme já discutimos, a variável *sexo* foi a mais relevante no uso desse recurso, sendo as mulheres as mais favorecedoras, com um peso de 0,58. Na tabela que segue, há os resultados de **ØV3PS** de acordo com a *escolaridade* e veremos que há uma distribuição relativamente homogênea entre os graus de escolaridade, exceto no ensino superior.

**Tabela 08:** Resultados de ØV3PS segundo a escolaridade dos informantes.

	<b>ØV3PS</b>
<b>até o 5.º ano</b>	190/652 = 29,1% <b>0,57</b>
<b>até o 9.º ano</b>	202/850 = 24,2% <b>0,51</b>
<b>Ensino médio</b>	230/940 = 24,2% <b>0,54</b>
<b>Ensino superior</b>	250/1.343 = 18,6% <b>0,43</b>
<b>TOTAL</b>	872/3.794 = 23%
	Input: 0,151 Significância: 0,001

De acordo com os dados da tabela 08, os únicos falantes que desfavorecem o uso de ØV3PS são os que possuem o nível superior de escolarização, cujo peso relativo foi de 0,43. Os que possuem o 5.º ano são os mais favorecedores do uso desse recurso, com um peso de 0,57; seguidos dos falantes com ensino médio, que apresentaram um peso de 0,54. Já os falantes que possuem o 9.º ano de escolarização apresentaram um peso de 0,51, um pouco acima do ponto neutro, mostrando que são levemente favorecedores do uso de ØV3PS.

### 5.2.3 Fatores selecionados em terceiro como mais relevante

Já vimos as variáveis que foram selecionadas em primeiro lugar e em segundo lugar como mais relevantes para o uso dos recursos indeterminadores. Teceremos, agora, as considerações a respeito das variáveis que atuam em terceiro lugar como relevantes no uso das variantes: **você, a gente e eles.**

### 5.2.3.1 Escolaridade: terceiro mais relevante

Discutimos nos tópicos anteriores que **você**, **a gente** e **eles** possuem como variáveis mais favorecedoras o *sexo*, seguido da *faixa etária*. Dentre as variáveis testadas, a *escolaridade* é a que menos influencia o uso desses recursos. A tabela que segue apresenta os resultados das três rodadas de acordo com esse fator:

**Tabela 09:** Resultados de *você*, *a gente* e *eles* segundo a escolaridade.

	VOCÊ	A GENTE	ELES
<b>até o 5.º ano</b>	171/652 = 26,2% <b>0,46</b>	53/652 = 8,1% <b>0,48</b>	33/652 = 5,1% <b>0,58</b>
<b>até o 9.º ano</b>	295/850 = 34,7% <b>0,56</b>	76/850 = 8,9% <b>0,49</b>	42/850 = 4,9% <b>0,56</b>
<b>Ensino médio</b>	259/949 = 27,3% <b>0,46</b>	112/949 = 11,8% <b>0,58</b>	24/949 = 2,5% <b>0,41</b>
<b>Ensino superior</b>	402/1.343 = 29,9% <b>0,50</b>	97/1.343 = 7,2% <b>0,45</b>	50/1.343 = 3,7% <b>0,46</b>
<b>TOTAL</b>	1.127/3.794 = 29,7%	338/3.794 = 8,9%	149/3.794 = 3,9%
	Input: 0,151 Signif.: 0,001	Input: 0,064 Signif.: 0,008	Input: 0,026 Signif.: 0,034

O que primeiramente nos chama a atenção é que não há um uso tão semelhante dessas variantes no que diz respeito aos níveis de escolarização dos informantes. Os resultados de **você** genérico mostram que há um uso mais recorrente pelos falantes que possuem o 9.º ano, com um peso relativo de 0,56; os falantes que têm o ensino superior completo não são nem favorecedores, nem desfavorecedores do uso dessa variante, pois apresentaram um peso de 0,50; já os falantes com 5.º ano e com ensino médio, ambos com peso relativo de 0,46, indicam um leve desfavorecimento do uso do **você** genérico.

Vimos em 5.2.1.1 que *escolaridade* é a variável que mais atua no uso do **tu** genérico em São Luís. Se compararmos esses resultados de **tu** (tabela 03, p.90), com os de **você**, veremos que o único grau de escolaridade que apresentou desfavorecimento de ambos os recursos foi o ensino médio (e que, como já vimos, tende ao uso de **a gente**, **FNs**, **ØV3PS** e **eu**). São os falantes que possuem o 5.º ano e o ensino superior os que tendem ao uso do **tu** e os que têm 9.º ano são os tendem ao uso do **você**.

Os resultados de **a gente** genérico apontam para um uso mais recorrente desse recurso na fala dos que possuem o ensino médio, com um peso relativo de 0,58. Os falantes com 5.º ano apresentam um peso de 0,48 e os que têm o 9.º ano apresentam um peso de 0,49, demonstrando um leve desfavorecimento no uso dessa variante. Os falantes que possuem ensino superior apresentaram um peso relativo de 0,45, sendo, portanto, os mais desfavorecidos do uso do **a gente**. Esses resultados mostram que o **a gente** não possui traço de desprestígio, pois além de os níveis de escolarização intermediários serem os mais favorecedores, os outros níveis apresentam um peso próximo ao ponto neutro.

No que tange ao uso do **eles** genérico, há certa polarização nos resultados: de um lado os menos escolarizados tendem ao uso desse recurso (os que têm 5.º ano apresentam um peso de 0,58 e os que têm 9.º ano, um peso de 0,56) e de outro lado, os mais escolarizados se mostram desfavorecidos do uso do **eles** (os que têm ensino médio apresentam um peso de 0,41 e os que têm ensino superior, um peso de 0,46). O maior tempo de exposição a regras gramaticais (de que não se deve preencher o sujeito no português brasileiro) possivelmente tem atuado no menor uso do **eles** pelos que são mais escolarizados.

### 5.2.3.2 Faixa etária: terceiro mais relevante

A terceira variável selecionada para o uso de **ØV3PS** em São Luís é a *faixa etária*. Vimos, em 5.2.1.3, que são as mulheres que tendem ao uso de **ØV3PS** e que, dentre os graus de escolaridade, apenas os falantes com ensino



superior desfavorecem o uso desse recurso. Vejamos, agora, a distribuição das ocorrências de **ØV3PS** de acordo com a faixa etária dos informantes.

**Tabela 10:** Resultados de *ØV3PS* segundo a faixa etária dos informantes.

FAIXA ETÁRIA	ØV3PS
1ª faixa etária	$285/1.382 = 20,6\%$ <b>0,48</b>
2ª faixa etária	$263/1.154 = 22,8\%$ <b>0,46</b>
3ª faixa etária	$324/1.258 = 25,8\%$ <b>0,54</b>
TOTAL	$872/3.794 = 23\%$
	Input: 0,151 Significância: 0,001

A faixa etária que apresenta uma maior tendência ao uso de *ØV3PS* é a terceira, com um peso relativo de 0,54. A faixa etária 1 apresentou um peso de 0,48 e a faixa etária 2, um peso de 0,46, indicando que há um leve desfavorecimento do uso de *ØV3PS* por essas duas faixas etárias. É possível verificar que mesmo havendo essa tendência de uso pela faixa etária 3, há uma distribuição bastante homogênea desse recurso entre os falantes das três faixas etárias, com uma diferença de 0,08 entre o menor e o maior peso.

Convém salientar que Menon (1994, p.278) verificou que o **ØV3PS** já estava estabilizado na língua portuguesa há algum tempo pelo fato de que era utilizado nas três faixas etárias de modo regular (0,306, 0,308 e 0,387, respectivamente), apontando um leve favorecimento da última faixa etária.

Tendo, pois, visto quais são os recursos indeterminadores do sujeito utilizados em São Luís, as variáveis que mais atuam no uso dos recursos e qual o perfil dos ludovicenses em relação a cada variante, veremos a distribuição das FNs que encontramos em nosso corpus de acordo com as variáveis sociais.

### 5.3 A distribuição das FNs

Conforme vimos em 3.4.9.1, há no português falado em São Luís o uso de inúmeras FNs genéricas. Neste subtópico apresentaremos a distribuição geral das FNs e também a distribuição de acordo com as variáveis *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*. Não é nossa intenção, nesta ocasião, realizar uma análise mais aprofundada sobre quais os perfis de informantes que mais tendem ao uso de cada uma das FNs e, sim, observar como elas estão distribuídas.

A tabela a seguir apresenta a quantidade e a porcentagem de cada uma das FNs, em ordem decrescente.

**Tabela 11:** Distribuição geral das FNs, por estratégia.

<b>FNs</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
A pessoa	224	40
As pessoas	167	29,8
O pessoal	70	12,5
O cara	31	5,5
Nego	27	4,8
O povo	11	2
Neguinho	8	1,4
Pessoal	6	1,1
Neguin	4	0,7
Pessoa	3	0,5
A galera	3	0,5
Cara	2	0,4
Os caras	2	0,4
Negada	1	0,2
O camarada	1	0,2
<b>Total</b>	<b>560</b>	<b>100</b>
<b>Total geral</b>	<b>3.804</b>	<b>14,7</b>

A FNs totalizaram 560 ocorrências, em um universo de 3.804 dados, o que significa 14,7% do total de ocorrências. Na tabela que segue, veremos

quais FNs são usadas pelos homens e pelas mulheres, os números de ocorrência e a porcentagem.

**Tabela 12:** Distribuição geral das FNs de acordo com o sexo.

	Mulheres		Homens		total	%
	Nº	%	Nº	%		
As pessoas	102	59,6	69	44,4	171	30,5
A pessoa	119	55,9	94	44,1	213	38
Pessoa	1	33,3	2	66,7	3	0,5
O pessoal	30	42,9	40	57,1	70	12,5
Pessoal	4	50	4	50	8	1,4
Nego	1	3,7	26	96,3	27	4,8
Neguinho	-	-	8	100	8	1,4
Neguim	-	-	4	100	4	0,7
Negada	-	-	1	100	1	0,2
O cara	9	25	27	75	36	6,4
Os caras	1	50	1	50	2	0,4
Cara	-	-	2	100	2	0,4
O povo	6	54,5	5	45,5	11	2
A galera	-	-	3	100	3	0,5
O camarada	-	-	1	100	1	0,2
<b>total</b>	273	48,8	287	51,2	560	

A distribuição total das FNs de acordo com o sexo dos informantes nos mostra que na fala dos homens foi registrada a ocorrência de todas as FNs, sendo, as mais frequentes, *a pessoa*, *as pessoas*, *o pessoal*, *o cara* e *o nego*. Já na fala das mulheres, podemos observar que o maior número de dados foi da FN *a pessoa*, seguido de *as pessoas* e *o pessoal* e que não houve registro das FNs *neguinho*, *a galera*, *cara*, *negada*, *neguim* e *o camarada*, formas mais marcadas. Outra informação interessante é que houve certa homogeneidade na quantidade de ocorrências entre os sexos: na fala das mulheres foi registrado um total de 273 dados e na fala dos homens, 287.

Vejam na tabela que segue a distribuição das FNs de acordo com a *faixa etária* dos informantes:

**Tabela 13:** Distribuição geral das FNs segundo faixa etária

	1.ª faixa etária		2.ª faixa etária		3.ª faixa etária		total	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
As pessoas	83	51,2	39	24,1	40	24,7	162	34,2
A pessoa	47	31,1	54	35,8	50	33,1	151	31,9
Pessoa	2	66,7	1	33,3	-	-	3	0,6
O pessoal	31	44,9	15	21,7	23	33,3	69	14,6
Pessoal	3	37,5	4	50	1	152,	8	1,7
Nego	1	3,7	18	66,7	8	29,6	27	5,7
Neguinho	4	50	4	50	-	-	8	1,7
Neguim	-	-	4	100	-	-	4	0,8
Negada	-	-	1	100	-	-	1	0,2
O cara	10	47,6	3	14,3	8	38,1	21	4,4
Os caras	-	-	1	50	1	50	2	0,4
Cara	1	50	-	-	1	50	2	0,4
O povo	6	54,5	4	36,4	1	9,1	11	2,3
A galera	2	66,7	1	33,3	-	-	3	0,6
O camarada	-	-	-	-	1	100	1	0,2
<b>total</b>	190	40,2	149	31,5	134	28,3	473	

Na 1.ª faixa etária as FNs que apresentaram o maior número de ocorrências foram: *as pessoas*, *a pessoa*, *o pessoal* e *o cara*. Não houve registro de ocorrência de *negada*, *neguim*, *os caras* e *o camarada*. Na 2.ª faixa etária as FNs mais frequentes foram *a pessoa*, *as pessoas*, *nego* e *o pessoal* e não houve registrado das FNs *cara* e *o camarada*. Na última faixa etária a FN *a pessoa* foi a mais frequente, seguida de *as pessoas*, *o pessoal* e *nego*. Nessa faixa etária não houve registro de *neguinho*, *pessoa*, *a galera*, *negada* e *neguim*.

Podemos observar que não houve uma distribuição homogênea entre as faixas etárias como houve entre os sexos. A maior frequência de uso deu-se

na faixa etária mais jovem, com 40,2% dos dados, seguida da 2ª faixa etária, com 31,5% dos dados e a faixa etária 3, com 28,3%.

Vejamos agora a distribuição das FNs de acordo com a *escolaridade*:

**Tabela 14:** Distribuição geral das FNs segundo escolaridade.

	5.º ano		9.º ano		Ens. Médio		Ens. Superior		total	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
As pessoas	13	8	27	16,7	24	14,8	98	60,5	162	34,2
A pessoa	28	18,5	32	21,2	50	33,1	41	27,2	151	31,9
Pessoa	-	-	2	66,7	-	-	1	33,3	3	0,6
O pessoal	6	8,7	9	13	34	49,3	20	29	69	14,6
Pessoal	-	-	-	-	5	62,5	3	37,5	8	1,7
Nego	19	70,4	4	14,8	4	14,8	-	-	27	5,7
Neguinho	1	12,5	3	37,5	1	12,5	3	37,5	8	1,7
Neguim	-	-	4	100	-	-	-	-	4	0,8
Negada	-	-	1	100	-	-	-	-	1	0,2
O cara	4	19	5	23,8	7	33,3	5	23,8	21	4,4
Os caras	-	-	-	-	-	-	2	100	2	0,4
Cara	-	-	1	50	-	-	1	50	2	0,4
O povo	3	27,3	4	36,4	3	36,4	-	-	11	2,3
A galera	1	33,3	-	-	1	33,3	1	33,3	3	0,6
O camarada	-	-	1	100	-	-	-	-	1	0,2
<b>total</b>	75	15,9	93	19,7	130	27,5	175	37	473	

Os informantes com 5.º ano utilizaram com maior frequência a FN *a pessoa*, seguida de *nego*, *as pessoas* e *o pessoal*. Não foram registradas ocorrências de *pessoa*, *pessoal*, *os caras*, *cara* e *o camarada*. Os informantes com 9.º ano também utilizaram a FN *a pessoa* com maior frequência, seguido de *as pessoas* e *o pessoal*. Nesse grau de escolaridade não foi registrado uso de *pessoal*, *os caras* e *a galera*. Os que possuem ensino médio também registraram uma maior frequência no uso de *a pessoa* e, em seguida, *o pessoal*, *as pessoas* e *o cara*. Não utilizaram *pessoa*, *neguim*, *negada*, *os caras*, *cara* e *o camarada*. Já os que possuem o ensino superior completo apresentaram um uso mais frequente de *as pessoas*, seguido de *a pessoa*, *o*

*peessoal* e o cara. Nesse grau de escolaridade não foi registrado uso de *nego*, *negada*, *o povo* e *o camarada*.

Podemos observar, ainda, que a frequência de uso das FNs foi aumentando à medida que a escolaridade foi crescendo. Os informantes com 5.º ano registraram um total de 75 dados, os que possuem 9.º apresentaram 93 dados, com ensino médio, 130 dados e os que possuem ensino superior, 175 dados.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, para a sociolinguística, a variação linguística é uma característica inerente às línguas. As línguas são heterogêneas, mas isso não significa que os usos das estruturas linguísticas aconteçam de modo aleatório e desordenado. A sociolinguística se encarrega justamente de sistematizar a variação linguística, demonstrando que ela é regida por fatores linguísticos e/ou sociais.

Os estudos sociolinguísticos sobre a indeterminação do sujeito demonstraram que falantes de diferentes variedades do português brasileiro fazem uso de vários recursos indeterminadores. Além de apontarem os recursos utilizados na localidade pesquisada, buscam sistematizar aquilo que rege o uso de cada recurso.

Em nossa pesquisa também buscamos verificar como se dá o comportamento linguístico dos ludovicenses no que tange ao fenômeno da indeterminação do sujeito. O que procuramos foi captar quais recursos indeterminadores do sujeito são utilizados pelos ludovicenses e o que estaria atuando nessa utilização. Para isso, elaboramos um roteiro de entrevista, que pudesse, ao máximo, formar um ‘terreno’ propício à utilização dos recursos indeterminadores pelos ludovicenses. Como nosso intuito era tentar sistematizar o uso da indeterminação do sujeito pelos ludovicenses de um modo mais abrangente, elegemos 48 informantes distribuídos entre homens e mulheres, de três faixas etárias e quatro níveis de escolaridade.

Após a gravação das entrevistas, realizamos as transcrições para, então, proceder à análise dos dados que foram coletados. Pudemos observar que a indeterminação do sujeito é um fenômeno bem recorrente na fala dos ludovicenses, tendo sido registrados os recursos: *você, tu, a gente, nós, ele, eles, eu, FNs, ØV3PP, ØV3PS e se* (e não somente *ØV3PP e se*, como geralmente prescrevem as GTs). Ressaltamos, ainda, que pode haver outros recursos indeterminadores do sujeito utilizados pelos ludovicenses e que nossas entrevistas não conseguiram captar.

Constatamos, em nossas análises que, de fato, há uma grande relação entre os fatores sociais e o uso das estratégias de indeterminação do sujeito. A

*escolaridade* e o *sexo* foram selecionadas, cada uma, como mais condicionadores de 4 recursos de indeterminação, sendo, portanto, as variáveis que mais balizam na primeira ordem de seleção. Vimos que a *faixa etária* pode ser considerada uma variável secundária quando se trata da indeterminação do sujeito em São Luís, pois foi selecionada em segundo para o uso de 5 variantes. Outro ponto interessante é que quando a *escolaridade* não é selecionada em primeiro, ela passa para terceiro lugar na ordem de seleção.

Agrupando todos os resultados para *escolaridade*, temos:

1. Os falantes com 5.<sup>o</sup> ano tendem ao uso de: *tu*, *eles* e  $\emptyset V3PS$ ;
2. Os falantes com 9.<sup>o</sup> ano tendem ao uso de *você*, *eles* e  $\emptyset V3PS$ ;
3. Os falantes com ensino médio completo apresentam uma tendência ao uso de *a gente*,  $\emptyset V3PS$  e *FNs*;
4. Os falantes com ensino superior completo tendem ao uso do *eu*, *tu*, *se* e *FNs*.

Nossos resultados demonstraram que o fenômeno da indeterminação do sujeito, em São Luís, se relaciona de modo bastante significativo com o grau de escolarização dos falantes. Ao que parece, quando o nível de escolarização aumenta, aumenta também a possibilidade de uso da indeterminação. Salientamos, ainda, que no cômputo geral das ocorrências, foram os mais escolarizados os que apresentaram uma maior frequência relativa de dados (1.343), se comparado aos demais níveis.

Convém destacar que esperávamos que os recursos prescritos pela GT fossem selecionados pelos mais escolarizados. Vimos, no entanto, que apenas o *se* foi selecionado e que o  $\emptyset V3PP$  não apresentou influência dessa variante, apenas da *faixa etária*. Os resultados de *tu* (pronome considerado marca da identidade do ludovicense) também foram bem interessantes, nos levando a pensar que o contato com a escola e com as regras de concordância poderia estar atuando como inibidor do uso dessa variante pelos falantes das escolaridades intermediárias. Para ‘fugir’ da concordância canônica prescrita, eles usam outros recursos.

Sobre a influência do *sexo* no uso dos recursos da língua, em geral são as mulheres as que mais costumam utilizar as formas padrão e as formas inovadoras de prestígio. Ao que parece, na indeterminação os recursos



realmente não carregam consigo marcas de estigma social, mas podem apresentar, dependendo do caso, certo prestígio.

Nossos resultados mostraram que, em São Luís:

1. As mulheres tendem ao uso de *a gente*, *eles* e  $\emptyset V3PS$ , o que indicaria que esses recursos podem carregar consigo traços de um maior prestígio social;

2. Os homens tendem ao uso de *tu*, *você*. Em relação a esse uso do *tu* e *você*, vimos que apesar de os homens tenderem ao uso dos dois recursos, o *você* parece apresentar um uso bem mais marcado (os pesos foram muito mais polarizados). Já o *tu* revelou uma menor polarização entre os sexos, sinalizando que, dentre esses dois recursos, é o que parece ter maior “aceitação” por parte das mulheres (enquanto o *você* é mais marcado).

Em relação à variável *faixa etária* dos informantes, nossos resultados mostraram que na capital maranhense:

1. Os falantes da primeira faixa etária tendem ao uso de *eles*,  $\emptyset V3PP$  e *FNs*;

2. Os da segunda faixa etária tendem ao uso de *a gente* e *se*;

3. Os da terceira faixa etária tendem ao uso de  $\emptyset V3PP$ , *você*,  $\emptyset V3PS$  e *se*. Esses resultados nos mostram que, dentre as três faixas etárias, a última foi a que apresentou um uso mais recorrente de estratégias de indeterminação no português ludovicense.

Nossos resultados comprovam que o uso da língua não ocorre de modo aleatório, e que é possível, sim, sistematizar a variação. As entrevistas que realizamos nos mostraram de modo mais palpável “o mundo” que é a língua falada em São Luís e que há muita coisa a ser estudada e aprofundada. Entendemos que a discussão sobre o fenômeno da indeterminação do sujeito no português falado em São Luís não se encerra nos pontos aqui discutidos. Há, ainda, “pontos de interrogação” que servirão como instigadores de pesquisas futuras. Esperamos, por fim, que esta pesquisa contribua para descrição do português falado em São Luís e para o panorama dos estudos sobre a indeterminação do sujeito no português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M. PONTARA, Marcela. *Português: contexto, interlocução e sentido*. São Paulo: Moderna, 2013.
- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à linguística – domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002. p.40.
- ALVES, Cibelle Corrêa Béliche. *O uso do tu e do você no português falado no Maranhão*. Fortaleza. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Pronomes de segunda pessoa no espaço maranhense*. Brasília. 149f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, 2015.
- AMARAL, Emilia; PATROCÍNIO, Mauro; LEITE, Ricardo; BARBOSA, Severino, 2013. *Gramática Novas Palavras*. São Paulo: FTD, 2013.
- BARBOSA, Alana Brito; RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. Uso das formas pronominais tu, você e a gente como estratégia de indeterminação do sujeito: o que mostram os dados do ALiMA. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 20, n. especial, julho 2013.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 10. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- BENVENISTE, Émile, *Problemas de linguística geral*. 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995. v.1.
- BORRALHO, José Henrique de Paula. *A Athenas equinocial: a fundação de um Maranhão no Império Brasileiro*. Rio de Janeiro. 337f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2009.
- BRAVIN, Angela Marina. Variação Linguística e o estudo da indeterminação do sujeito nas escolas brasileiras. In: PALOMANES, Roza, BRAVIN, Angela Marina (Orgs.). *Práticas de ensino do português*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 75-89.
- BUENO, Silveira. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1944.
- CARVALHO, Valter de. *Você, a gente et alia indeterminam o sujeito em Salvador*. Salvador. 198f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa

de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, Universidade Estadual da Bahia, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHEDIAK, Antonio José (org.). *A Elaboração da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Ministério da Educação e Cultura. 1960.

COUTO, Hildo Honório do. *O que é português brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alvares, 1971.

CUNHA, Cláudia de Souza. *Indeterminação pronominal do sujeito*. Rio de Janeiro. 74f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1993.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Do pronome nulo ao pronome pleno, a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian., KATO, Mary A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*, Campinas: Editora da Unicamp, p. 107-128. 1993.

\_\_\_\_\_. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1995.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: DUARTE, M. E. L.; PAIVA, M. C. (orgs.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*. Curitiba: Editora da UFPR, n. 13, 1996, p. 51-82.

FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha. *Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia* – SC. Curitiba. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 2011.

GODOY, Maria Alice Maschio. *A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolinguística*. Curitiba. 128f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística), Universidade Federal do Paraná, 1999.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Português Ginásial: gramática e exercícios*. São Paulo: Saraiva, 1964.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análises*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. The anatomy of style-shifting. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 85-108.

\_\_\_\_\_. *Padrões Sociolinguísticos*. [1972]. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. (Dissertação de Mestrado). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

\_\_\_\_\_. (Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região sul. Curitiba. 260f Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal do Paraná, 2004.

MEIRELES, M. M. *História do Maranhão*. 3.ed. atual. São Paulo: Siciliano, 2001.

MENON, Odete Pereira da Silva. *Analyse sociolinguistique de l'indetermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*. 397 f. Tese (Doutorado) - Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris VII, Paris, 1994.

\_\_\_\_\_. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade, MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (Orgs.). *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. Homem: um caso de desgramatização? Caligrama. Belo Horizonte, V.16, número 2, p. 7-32. 2011.

MILANEZ, Wânia. *Recursos de indeterminação do sujeito*. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, Mara Cecília; BRAGA, Maria Luiza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTEIRO, José Lemos. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: UFC, 1994.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo. *O português falado em São Luís: os pronomes pessoais na posição de sujeito*, 1996. (inédito).

RIBEIRO, João. *Grammatica Portuguesa: curso superior* [3º ano de Portuguez]. [1887]. 15. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1909.

ROLLEMBERG, Vera et al. Os pronomes pessoais sujeito e a indeterminação do sujeito na norma culta de Salvador. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador, n.11, p. 53-74, 1991.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

SANTANA, Neila Maria. *Indeterminação da referência do sujeito: uma análise da fala rural da Chapada Diamantina - Bahia*. In: Congresso Nacional da Abralín, 7., 2011, Curitiba, Paraná. *Anais... Paraná: ABRALIN*, 2011.

SETTI, Adriane Cristina Ribas. *A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil*. Curitiba. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 1997.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: Um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da. (Org.) *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia. 1997, p. 93-115.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da Silva. Relevância das variáveis linguísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Elizete Maria. O uso do pronome ‘eles’ como recurso de indeterminação do sujeito. Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. *A alternância nós/ a gente no interior de Santa Catarina*. Curitiba. 132f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [1968]. São Paulo: Parábola, 2006.

## **- APÊNDICE -**

## **Apêndice 1 – Roteiro da entrevista**

---

### **Bairro:**

1. Há quanto tempo você mora no bairro Y?
2. Você gosta de morar aqui? Por que você escolheu morar neste bairro?
  - a. (Se o informante mora há bastante tempo) Como era o bairro antes/quando você se mudou pra cá? Mudou muito?
  - b. (Se o informante não mora lá há muito tempo, ou se nem sempre viveu ali). Em que outros lugares você já morou? Como era lá comparado com esse bairro aqui? Onde você preferia morar?
3. Você conhece seus vizinhos?
  - a. Você acha que hoje em dia é mais difícil fazer laços mais próximos com vizinhos?
  - b. As pessoas costumam se ajudar por aqui?
4. Seu bairro é bem servido, em termos de serviços em geral?
5. O que esse bairro tem de diferente de outros bairros da cidade?
6. Já aconteceu alguma coisa aqui que te fez pensar em se mudar?
7. Hoje, tem algum outro bairro em que você gostaria de morar?
8. O que você melhoraria no seu bairro?
9. É fácil ir daqui para o centro?

### **Infância:**

10. E como foi a sua infância (no bairro X)? Você pode contar um pouco de como foi, o que você fazia...?
11. Brincava na rua/dentro de casa? Do que vocês brincavam?
  - a. Como eram os seus pais? Eram rígidos...? Você tinha horário para voltar pra casa?
  - b. As famílias da sua época de infância tinham alguma tradição?
  - c. As brincadeiras infantis eram diferentes das de hoje?
12. Você foi pra escola no mesmo bairro? Como era a escola? Você sempre estudou na mesma escola? Você gostava de ir pra escola? Tem algum professor que te marcou?
13. Você acha que a escola fornece aquilo que uma pessoa precisa para encontrar um emprego?
14. Enquanto ainda era criança/adolescente, você ia pra outros lugares dentro da cidade de São Luís? (pra onde, pra fazer o quê...)
15. E as festas que tinham na sua infância? Como é que eram? E as músicas da sua época de adolescência? Como eram? Eram diferentes?
16. E as roupas na sua infância? E tipo de corte de cabelo as pessoas usavam?

### **Família:**

17. Você tem irmãos? E eles moram aqui em São Luís?
18. Onde seus pais nasceram? (Se não são ludovicenses, perguntar também sobre avós, bisavós... até encontrar a primeira geração da família que veio pra cá). Quantos anos

eles (pais) têm? Quando seus (pais/avós/bisavós) vieram pra São Luís? Você sabe por que eles vieram?

19. Você é casado? Você tem filhos? Quantos anos eles têm?
20. Quais são as pessoas que vivem na mesma casa que você?
21. A vida em família hoje em São Luís é muito diferente, por exemplo, de quando tu eras criança, de como teus pais falavam pra ti?
  - a. Muitas pessoas falam sobre as crianças serem mal-educadas hoje em dia. O que você acha disso? Você acha que as crianças hoje têm menos respeito pelos adultos?
22. No passado, era comum pensar que as mulheres deviam ficar em casa para tomar conta das crianças. E hoje, como é isso? Mudou?
  - a. E o que que você acha do contrário, do homem ficar em casa e cuidar da casa e dos filhos e a mulher sair pra trabalhar?
  - b. O que você acha da lei sobre casamento homossexual, que foi recentemente aprovada? E sobre o aborto?

### **Trabalho/ocupação:**

23. Você trabalha aqui por perto? (se não souber onde a pessoa trabalha)
24. O que você faz? Faz tempo que você trabalha nesse serviço?
25. Você gosta do seu serviço? (Se não, o que a pessoa preferiria fazer?)
26. Você acha que se houvesse incentivo, valorização por parte dos chefes, os funcionários trabalhariam melhor?
27. Se você ganhasse na loteria, o que você faria?
28. Você acha que as pessoas devem continuar trabalhando, mesmo se elas têm muito dinheiro?

### **Lazer:**

29. E nas horas de lazer, o que você e sua família gostam de fazer? (Se saem, vão pra que lugares?)
30. Você acha que a cidade de São Luís tem boas opções de lazer? Quais?
31. Você acha que outras capitais têm uma estrutura melhor, em relação ao lazer?

### **A cidade de São Luís:**

32. Como você vê o mercado de trabalho em São Luís?
33. Você gosta de morar em São Luís? (Se não, em que lugar preferiria morar?) Por quê?
34. O que você acha que caracteriza a cidade (tanto as coisas boas quanto ruins)?
35. O que você acha que caracteriza o ludovicense (tanto as coisas boas quanto ruins)?
36. O que você mais gosta em São Luís? O que você não gosta em São Luís?
37. Qual é a imagem que as pessoas [de outros estados] de fora de São Luís têm da cidade?
38. Você falou que já foi pra \_\_\_\_ Quando você foi pra esses lugares, as pessoas percebiam que você era ludovicense? (Se sim) como elas percebiam?
39. Quando você conhece alguém, você percebe se a pessoa não é daqui de São Luís?
  - a. (Se sim) como você percebe?



- b. (Se não) Quando você ouve uma pessoa falando, por exemplo, você percebe que ela é de fora pelo sotaque?

**Percepção linguística:**

40. Já que a gente está falando de sotaque... qual o sotaque do Brasil que você mais gosta? E tem algum que você não gosta?
41. Saberá me dizer como é o modo de falar em São Luís? São Luís tem uma maneira de falar?
42. Você gosta da comida daqui de São Luís? Você saberia me ensinar alguma receita?
43. E alguma simpatia? Você conhece?
44. Falar sobre algum momento triste ou muito feliz.

**Apêndice 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

---



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**Declaração**

Declaro ter consentido em ter gravada minha conversa com a aluna de pós-graduação da UFPR Alana Brito Barbosa, como parte de seu projeto de mestrado. Estou ciente de que a gravação será transcrita e utilizada para o desenvolvimento de estudos de âmbito linguístico. Entendo que meus dados pessoais não serão tornados públicos na divulgação dos resultados da pesquisa.

São Luís, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Nome completo:** \_\_\_\_\_

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

### Apêndice 3 – Arquivo de dados no Excel

Dados totais oficiais 19.02 - Microsoft Excel

Arquivo Página Inicial Inserir Layout da Página Fórmulas Dados Revisão Exibição

Do Access Web Texto De Outras Fontes Conexões Atualizar Condições de Propriedades Editar Links Condições

Agrupar Desagrupar Subtotal Teste de Hipóteses Ferramentas de Dados

Estrutura de Tópicos

Fórmula: =("D3203&B3203&F3203&C3203"

	A3203	A	B	C	D	F
	(e)H3		T	3	e	H
3203						
3204	(e)H3		T	3	e	H
3205	(e)H3		T	3	e	H
3206	(e)H3		T	3	e	H
3214	(e)H3		T	3	e	H
	(e)H3					

INF.1: Nada é barato. E se **TU** tem condições tu tem uma... uma situação financeira boa tu vai pra lá, tu te diverte. Agora quando a gente num tem, a gente tem que se conformá cum o que tem, né? No meu caso futebol que é barato, às vezes eu vô no estádio que é barato.

INF.1: Nada é barato. E se tu tem condições **TU** tem uma... uma situação financeira boa tu vai pra lá, tu te diverte. Agora quando a gente num tem, a gente tem que se conformá cum o que tem, né? No meu caso futebol que é barato, às vezes eu vô no estádio que é barato.

INF.1: Nada é barato. E se tu tem condições tu tem condições tu tem uma... uma situação financeira boa **TU** vai pra lá, tu te diverte. Agora quando a gente num tem, a gente tem que se conformá cum o que tem, né? No meu caso futebol que é barato, às vezes eu vô no estádio que é barato.

INF.1: Nada é barato. E se tu tem condições tu tem condições tu tem uma... uma situação financeira boa tu vai pra lá, **TU** te diverte. Agora quando a gente num tem, a gente tem que se conformá cum o que tem, né? No meu caso futebol que é barato, às vezes eu vô no estádio que é barato.

INF.1: Muito. O trânsito assim aqui em São Luís tá horrível, quase num se pode mais andá de carro aqui em São Luís. Qualquer horário que **TU** ande aí perde muito tempo. Principalmente quando é um transporte coletivo, além de demorá muito tempo nas parada quando tu pega ele já é cheio, o trânsito é engarrafado, o trânsito é lento, as pessoa num respeitum, eh, fica difícil, muito complicado em São Luís.

INF.1: Muito. O trânsito assim aqui em São Luís tá horrível, quase num se pode mais andá de carro aqui em São Luís. Qualquer horário que tu ande aí perde muito tempo. Principalmente quando é um transporte coletivo, além de demorá muito tempo nas

Plan3

Pronto Modo de filtro 85%